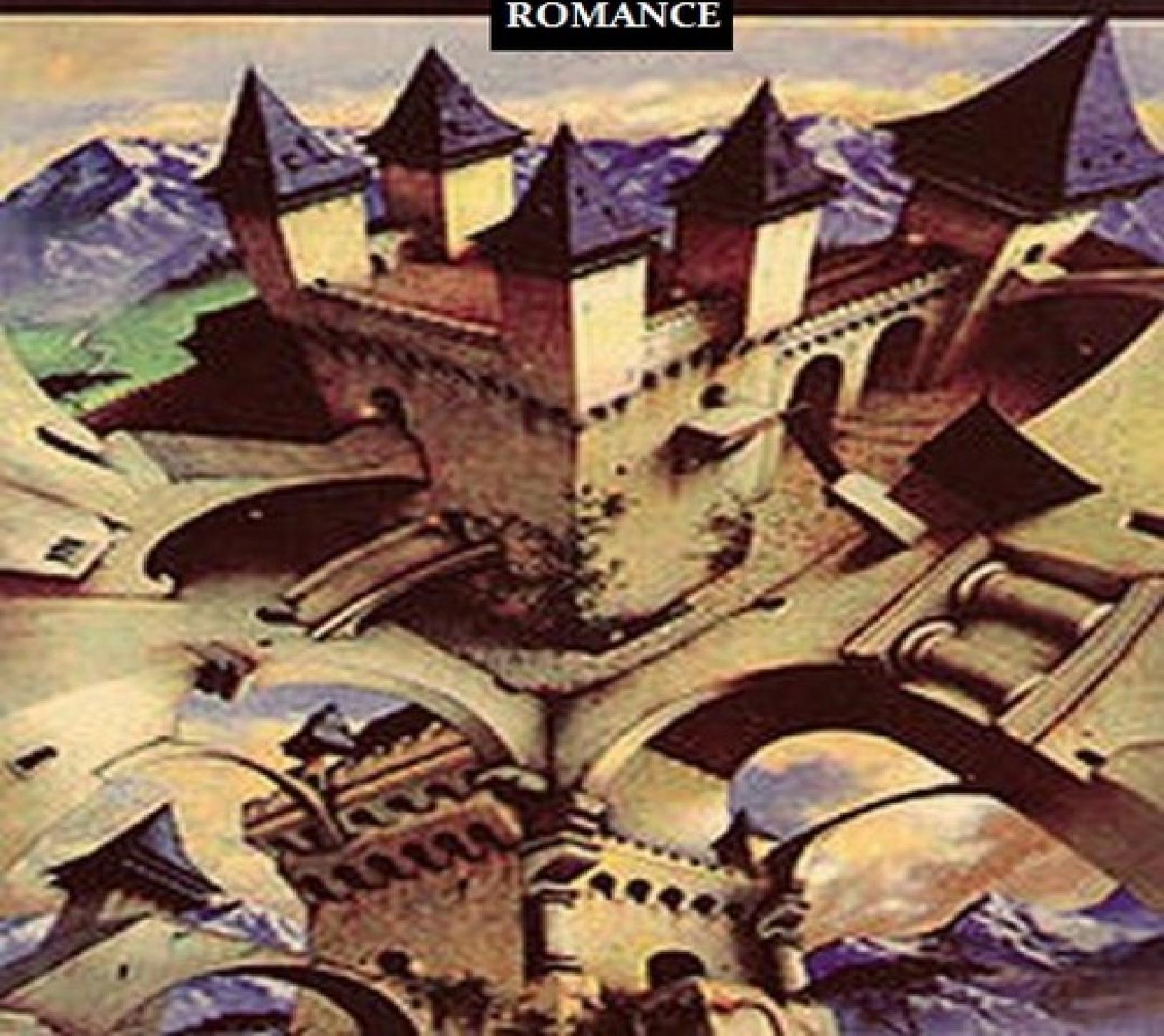


ismail KADARÉ

# Ⓞ Palácio Dos Sonhos

ROMANCE



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

ISMAIL KADARĚ

**O PALÁCIO  
DOS SONHOS**

O PALÁCIO DOS SONHOS

Ismail Kadaré

Título original: "Nepunesi i pattatit te endrrave"

Tradução de Gemeniano Cascais Franco © Publicações Dom Quixote, Lda., Lisboa © Editora Planeta De Agostini, S. A., Lisboa, 1999, para a presente edição Terceira edição: Julho de 2000

ISBN: 972-747-412-8

Depósito Legal: 135.173/99

CLÁSSICOS CONTEMPORÂNEOS

DIGITALIZAÇÃO E ARRANJOS: Ângelo Miguel Abrantes

# MANHÃ

As cortinas deixavam coar a dúbia claridade do alvorecer. Como de costume, ele puxou o cobertor para dormir um pouco mais, mas não tardou a aperceber-se de que não o conseguiria. O pensamento de que a manhã que raiava era o anúncio de um dia excepcional foi quanto bastou para lhe tirar toda a vontade de dormir.

Instantes depois, ao procurar as pantufas aos pés da cama, teve a impressão de que um sorrisinho irónico aflorava no seu rosto ainda estremunhado. Arrancava-se ao sono para ir assumir funções no Tabir Sarrail, a famosa Repartição que se ocupava precisamente do sono e dos sonhos, o que seria suficiente para suscitar em qualquer outra pessoa um ricto muito especial. Mas ele sentia-se demasiado angustiado para poder sorrir francamente.

Do rés-do-chão subia o agradável aroma do chá e das torradas. Sabia que a mãe e a velha ama o aguardavam com ânsia e esforçou-se por saudá-las o mais calorosamente possível.

— Bom dia, mamã. Bom-dia, Loke!

— Bom-dia, MarkAlem. Dormiste bem?

Nos olhos delas também se lia essa ténue excitação ligada de algum modo à sua recente nomeação. Talvez, como ele próprio pouco antes, tivessem dito consigo mesmas que era a última noite durante a qual ele pudera saborear o sono comezinho dos simples mortais. Doravante, não duvidava nem por sombras de que algo na sua vida ia mudar.

Tomou o pequeno-almoço sem conseguir pensar em nada, enquanto a sua angústia não parava de crescer. Subiu outra vez ao andar de cima para se vestir, mas, em lugar de se dirigir ao quarto, penetrou no salão. O tapete, onde dominava o azul-claro, parecia ter perdido os seus poderes apaziguantes. Encaminhou-se para a estante e — tal como fizera na véspera diante do armário de farmácia — ficou especado uns longos momentos a contemplar os

títulos nas lombadas dos livros. Em seguida estendeu a mão direita para sacar de um pesado in-fólio encadernado em couro castanho-escuro, quase negro. Há muitos anos que MarkAlem não abria este volume que contava a história da sua família e cuja capa exibia, caligrafada sabe Deus por que mão, sob o título de Os Quprili de pai para filho, a palavra francesa Chronique.

Enquanto ia virando as páginas, os seus olhos tinham dificuldade em concentrar-se nas linhas manuscritas cuja letra mudava de tempos a tempos consoante o indivíduo que a traçara. Não custava nada adivinhar que a maioria destas mãos haviam pertencido a velhos, pelo menos a pessoas no crepúsculo das suas vidas ou no limiar de alguma grande desgraça, quando sobrevêm, irreprimível, a necessidade de se deixar atrás de si qualquer testemunho.

O primeiro da nossa grande família a assumir uma alta função no Império foi Meth Quprili, nascido há cerca de trezentos anos num lugarejo da Albânia Central.

MarkAlem soltou um profundo suspiro. A sua mão recomeçou a folhear o in-fólio, mas os seus olhos não se detinham senão nos nomes de vizires e de generais: «Santo Deus, eram todos Quprili!» pensou ele de si para consigo. Quando afinal, ao despertar, fora suficientemente estúpido para se maravilhar com a sua nomeação! De facto, é preciso ser-se parvo, disse ele com os seus botões, e até mesmo mais parvo do que ninguém!

Quando os seus olhos deram com as palavras Palácio dos Sonhos, apercebeu-se de que procurara e evitara simultaneamente encontrá-las. Mas era demasiado tarde para saltar a página: As relações da nossa família com o Palácio dos Sonhos foram sempre bastante complicadas. A princípio, na época do Yildis Sarrail, que só cuidava de ler nas estrelas, tudo era mais simples. Foi posteriormente, com a transformação deste último em Tabir Sarrail, que as coisas começaram a degradar-se...

A sua angústia, que esta chusma de nomes e de títulos dissipara alguns momentos antes, fê-lo sentir de novo um nó na garganta.

Pôs-se outra vez a folhear a Chronique, mas desta feita com precipitação, a esmo, como se um forte vento houvesse desatado a soprar da ponta dos seus dedos.

O nosso patronímico não é mais que a tradução da palavra albanesa Ura (qyprija ou kurpija); ele refere-se a uma ponte de três arcos situada na Albânia central, edificada na época em que os Albaneses ainda eram cristãos, e em cujos alicerces se tinha emparedado um homem. Depois de haver trabalhado na construção desta ponte e após a conclusão da obra, um dos nossos bisavós, chamado Gjon, adoptou, à semelhança de muitos outros, ao mesmo tempo que a marca do crime que lhe ficara associada, o nome de Ura.

MarkAlem fechou o volume com um gesto seco e saiu não menos bruscamente do salão. Poucos instantes mais tarde já estava na rua.

Era uma manhã húmida. Caía uma chuva miúda mesclada de neve. Os prédios compactos que miravam do alto a animação da rua com os seus pesados portais e os seus batentes ainda fechados, pareciam aumentar o negrume deste começo de dia.

MarkAlem enfiou a sua capa, estreitando-a até ao último botão que lhe apertava o pescoço; volveu o olhar para os candeeiros de ferro forjado em torno dos quais volteavam, esparsos, os finos flocos, e sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha.

A avenida, como habitualmente a esta hora, estava cheia de funcionários dos ministérios que estugavam o passo para chegar a tempo às suas repartições. No caminho, perguntou a si mesmo duas ou três vezes se não teria feito melhor em apanhar um fiacre. O trajecto até ao Tabir Sarrail parecia-lhe mais comprido do que imaginara e, ainda por cima, o empedrado do passeio, coberto de uma delgada camada de neve meio derretida, estava escorregadio.

Seguia agora ao longo do Banco Central. Um pouco mais adiante, uma fila de carruagens cheias de geada estavam alinhadas em frente de outro imponente edifício; não fazia a mínima ideia de que ministério seria este.

Um transeunte derrapou diante de si no passeio. Sem tirar os olhos de cima dele, viu-o bambolear um nadinha antes de se estatelar, de se reerguer, de fitar sucessivamente, praguejando entredentes, o seu manto emporcalhado e o sítio onde escorregara, em seguida continuar o seu caminho com um andar aturdido. «Abre-

me esses olhos!» disse MarkAlem baixinho, sem saber lá muito bem se dirigia tal aviso ao desconhecido ou a si mesmo.

A verdade é que não havia a mínima razão para se preocupar. Não lhe tinham marcado uma hora exacta para se apresentar na dita repartição, e nem sequer estava certo de que devia ir lá de manhã. De súbito, lembrou-se de que ignorava inteiramente os horários do Tabir Sarrail.

Algures à sua esquerda, lá no meio do nevoeiro, um relógio, dir-se-ia que só para si, fez ouvir um tinido de bronze. Ele estugou o passo. Já levantara a gola de pele da sua capa, mas, maquinalmente, tornou mesmo assim a esboçar o gesto de a alçar. Bem vistas as coisas, não era no pescoço que ele experimentava uma sensação de frio, mas num preciso ponto do seu peito. Meteu a mão no bolso interior do casaco para se certificar de que a sua carta de recomendação ainda lá se achava.

Por instantes, teve a impressão de que os transeuntes se tinham tornado mais raros. Os empregados já estão nas suas repartições, pensou ele com angústia, mas sossegou logo a seguir: no fundo, a sua situação era absolutamente diferente da deles. Ainda não era funcionário.

Lá ao longe, julgou discernir uma ala do Tabir Sarrail. Assim que se aproximou, pôde confirmar a sua impressão. Era realmente o Palácio com as suas cúpulas desbotadas, de uma cor que parecia ter atirado antigamente para o azul, ou pelo menos para o azulado, o que agora custava a distinguir através da chuva mesclada de neve. Era um dos flancos do edifício. A fachada devia dar para a rua adjacente.

Atravessou uma pequena esplanada quase deserta onde se erguia uma mesquita com um minarete estranhamente afilado. A entrada do Palácio situava-se efectivamente deste lado. As suas duas alas perdiam-se na morrinha; quanto ao corpo central do prédio, surgia um pouco atrás, como se houvesse recuado perante alguma ameaça. MarkAlem sentiu a sua ansiedade crescer. Uma longa série de entradas todas iguais sucediam-se umas às outras, mas, ao abeirar-se, ele notou que estas grandes portas de batentes

gotejantes estavam fechadas e pareciam não ter sido abertas desde há muito.

Ladeou, examinando-os pelo rabo do olho, esta série de portais vedados. Um homem, com a cabeça coberta por um capuz, saiu sabe-se lá de onde ali mesmo a seu lado.

— Por onde se entra? — perguntou MarkAlem.

O homem estendeu o braço para a direita. A manga do seu capote era tão ampla que não participou de modo algum na indicação fornecida pelo braço. Meu Deus, que farpela tão esquisita, disse MarkAlem consigo caminhando na direcção assinalada pela mãozinha que parecia perdida naquela manga desmedida. Ao cabo de uns instantes, ouviu outra vez passos ao pé de si. Era novamente o homem do capuz.

— Por aqui — disse ele -, a entrada dos empregados é deste lado! MarkAlem lisonjeou-se por ter sido tomado por um empregado.

Acabou por ir parar diante da entrada. As portadas pareciam muito pesadas. Havia quatro, idênticas sob todos os aspectos, equipadas de maciças maçanetas de bronze. Empurrou uma que, curiosamente, se lhe afigurou mais leve do que imaginava, e penetrou numa galeria glacial, de tecto tão alto que teve a impressão de se encontrar no fundo de um fosso. De ambos os lados alinhava-se uma longa sucessão de portas. Rodou as maçanetas delas até que uma se abriu e ele deu então consigo numa outra galeria, menos fria. Por detrás de uma vidraça, avistou finalmente pessoas. Cavaqueavam umas com as outras, sentadas em círculo. Deviam ser os contínuos, ou pelo menos funcionários encarregados da recepção, pois envergavam uma espécie de libré azul-clara, de uma cor semelhante à das cúpulas do Palácio. Por instantes, julgou mesmo distinguir nas suas fardas manchas parecidas com as que ele lobrigara de longe nas cúpulas e que eram provavelmente devidas à humidade. Mas não teve tempo de prolongar a sua observação, pois todos interromperam o falatório e ergueram para ele uns olhos interrogadores. Entreabriu a boca para lhes dirigir um cumprimento, mas a irritação deles por terem sido importunados na sua tagarelice era tão manifesta que, em vez de

lhes dar os bons-dias, se limitou a pronunciar o nome do funcionário ao qual devia apresentar-se.

— Ah, é por causa de um emprego? — disse um deles. — Primeiro andar à direita, porta onze!

Como toda a gente que transpõe pela primeira vez o limiar de uma administração importante, e tanto mais que chegara ali com o coração transido de incerteza, ele teria gostado, antes de ir mais longe, de trocar duas palavras com alguém, mas aquelas pessoas pareciam tão impacientes por retomar a sua maldita conversa que ele se sentiu como que empurrado por elas para o corredor interior.

Ouviu uma voz atrás de si: «É acolá, à direita!» Sem virar a cabeça, caminhou na direcção que lhe haviam indicado. Só a sua emoção e os arrepios que continuavam a percorrer-lhe o corpo o impediram de se sentir vexado.

O corredor era comprido e escuro. Davam para ele dezenas de portas, altas e não numeradas. Contou dez e parou em frente da décima primeira. Antes de bater, teria preferido assegurar-se de que era de facto o gabinete do funcionário que procurava. Mas o corredor estava deserto. Inspirou profundamente, estendeu a mão e bateu ao de leve. Não lhe chegou nenhuma voz lá de dentro. Olhou para a direita, para a esquerda, depois tornou a bater, desta feita com mais força. Também não obteve resposta. Bateu uma terceira vez e, voltando a não ouvir nada, empurrou a porta. Curiosamente, ela abriu-se sem dificuldade. Aterrado, fez tenção de a fechar de novo, esticou mesmo o braço para agarrar o batente que ainda rodava nos gonzos com um rangido, mas descobriu então que o compartimento estava vazio. Hesitou. Iria entrar? Nenhum regulamento ou uso correspondente a uma tal situação lhe acudia à memória. Por fim, a porta cessou de gemer. De olhos esbugalhados, ele ficou a contemplar os bancos arrumados contra as parêdes do gabinete vazio. Permaneceu uns instantes no limiar, em seguida levou a mão à sua carta de recomendação. Este gesto restituiu-lhe a coragem. Entrou. «Com os diabos!» disse ele consigo. Reviu em espírito a sua grande casa da Rua Real, os seus familiares influentes que se reuniam frequentemente depois de jantar na ampla sala de alta lareira, e, num assomo algo mais desenvolto, instalou-se num

dos bancos. Desgraçadamente, a imagem da sua casa e dos seus não tardou a abandoná-lo, e ele sentiu-se de novo invadido pela ansiedade inicial. Os seus ouvidos distinguiram um ruído abafado, como que um cício cuja origem ele não conseguia localizar. O seu olhar deu a volta ao compartimento e deteve-se numa outra porta que se abria lateralmente. Parecia que vinham vozes de trás dela. Quedou-se por momentos imóvel, arrebitou as orelhas, mas o murmúrio continuava a ser tão confuso como dantes. Ele concentrara agora toda a sua atenção naquela porta por detrás da qual, sem saber bem porquê, pensou que devia estar calor.

Apoiou as mãos nos joelhos e ficou assim um bom espaço de tempo. De qualquer modo, lograra penetrar sem grande custo no interior deste edifício a que muito pouca gente tinha acesso. Os próprios ministros, segundo se dizia, deviam estar munidos de um salvo-conduto especial para lá entrarem. Por duas ou três vezes, voltou a cabeça para a porta donde vinha o ruído de vozes, mas sentia que poderia ficar ali horas, ou mesmo dias inteiros, sem se levantar para ir empurrá-la. Esperaria, sentado naquele banco, abençoando a sorte que lhe permitira chegar a esta antecâmara. Não imaginara que as coisas se passariam tão simplesmente. Vendo bem, nem tudo correria de maneira simples. Nada disso! censurava-se ele logo a seguir: um trajecto debaixo de borraça, alguns portais fechados, contínuos com librés cor de sulfato de cobre, esta sala de espera deserta, tudo junto, no fundo, não fora assim tão complicado.

Todavia, sem saber lá muito bem porquê, deixou escapar um suspiro.

Neste preciso instante, a porta abriu-se e ele levantou-se. Alguém fez assomar a cabeça e olhou-o, para desaparecer de novo deixando a porta entreaberta. Ele ouviu dizer do outro lado: — Está uma pessoa na antecâmara!

Não se deu conta da duração da sua espera. Pela fisga da porta mal fechada, o que ele ouvia agora já não eram vozes humanas, mas um estranho estalido. O homem que acabou por se mostrar era de pequena estatura. Trazia na mão um maço de papéis que, por sorte, pensou MarkAlem, absorvia uma parte da sua atenção. Apesar

de tudo, lançou-lhe um olhar escrutador. MarkAlem esteve tentado a desculpar-se de algum modo por tê-lo feito sair do seu gabinete, que se achava certamente mais aquecido, mas os olhos do pitorra impuseram-lhe silêncio. Só a sua mão, com um movimento lento, tirou do bolso a carta de recomendação para lha estender. O outro esticou o braço para lhe pegar, mas encolheu-o logo a seguir, como se receasse sofrer uma queimadura. Aproximou apenas a cabeça da folha, percorreu-a com o olhar, escassos dois ou três segundos, depois recuou. MarkAlem teve a impressão de descortinar nos seus olhos um clarão de zombaria.

— Segue-me! — disse-lhe o outro encaminhando-se na direcção da porta que dava para o corredor.

Saiu à frente; MarkAlem foi-lhe no encalço. A princípio, esforçou-se por gravar no espírito o itinerário percorrido a fim de se lembrar por onde deveria tornar a passar para sair, mas em breve foi obrigado a convencer-se de que tal esforço de memória seria vão.

O corredor era ainda mais comprido do que lhe parecera inicialmente. Vinha de outras galerias laterais uma débil claridade. Acabaram por virar para uma delas. A dada altura, o homem estacou diante de uma porta e entrou, deixando o batente entreaberto para dar passagem ao visitante. Este hesitou um pouco, mas, como o outro lhe fizesse sinal para o seguir, entrou por seu turno.

Ainda antes da tepidez do compartimento, sentiu o cheiro a carvões incandescentes exalado por uma grande braseira de cobre colocada mesmo no meio. Atrás de uma mesa de madeira estava sentado um homem de rosto oblongo e ar rabugento. MarkAlem teve a sensação de que, ainda antes de eles transporem o limiar, já ele cravara os olhos na porta, como se os aguardasse.

O outro, o pitorra com quem MarkAlem considerava agora ter quebrado o gelo, dirigiu-se para o homem sentado e sussurrou-lhe algo ao ouvido. Este não cessava de fixar a porta como se aí houvessem continuado a bater. Escutou mais uns instantes o cochicho do funcionário ao seu ouvido e depois resmoneou ele próprio algumas palavras sem que um único traço do rosto se lhe alterasse. MarkAlem pensou que a sua diligência estava em vias de abortar, que a sua carta de recomendação e todas as outras

intercessões eram desprovidas de peso perante aqueles olhos que, estranhamente, só pareciam ter afinidades com a porta.

De repente, ouviu palavras que lhe eram endereçadas. A sua mão, vasculhando nervosamente o forro da capa, puxou pela carta de recomendação, mas quis-lhe logo parecer que o seu gesto ensombrecera a atmosfera. Momentaneamente, pensou de si para consigo que talvez tivesse ouvido mal e esboçou o gesto de meter outra vez a carta no bolso, mas a mão do pitorra estendeu-se nesse preciso instante para o sobrescrito. Tranquilizado, MarkAlem aproximou-o dele, mas o seu alívio era prematuro, pois o outro, tal como da primeira vez, não lhe tocou. Com a mão, traçou uma linha imaginária como para lhe indicar o caminho que a carta devia percorrer para chegar ao seu destino. Um tanto atordoado, MarkAlem compreendeu finalmente que tinha de entregá-la ele próprio ao outro funcionário, o qual devia ser sem dúvida de posto superior ao do seu acompanhante.

Curiosamente, o alto funcionário pegou na carta e, desprendendo desta vez o seu olhar da porta (MarkAlem já não esperava que os olhos dele pudessem desviar-se de lá), abriu-a e empenhou-se em tomar conhecimento do conteúdo. Durante toda a leitura, MarkAlem não tirou os olhos dele, na esperança de captar algum indício nas suas feições, mas aconteceu então algo que se lhe afigurou verdadeiramente aterrador. Sentiu invadi-lo um pânico surdo, desses que em geral nos provocam os tremores de terra. De facto, o que ele experimentava era justamente suscitado por um certo abalo: o funcionário de rosto carrancudo, enquanto prosseguia a leitura, levantara-se lentamente do assento. O seu movimento ascendente era tão vagaroso, tão regular, que MarkAlem foi acometido de pavor em virtude deste mesmo vagar, desta mesma regularidade, pois disse de súbito consigo que tal movimento jamais terminaria e que o temível funcionário de quem dependia a sua sorte ia metamorfosear-se em monstro sob o seu olhar. Esteve prestes a gritar: «Basta! não quero este emprego, devolva-me a minha carta, não sou capaz de suportar vê-lo levantar-se assim!» mas o funcionário estava agora completamente de pé.

Atarantado, MarkAlem constatou que a estatura do outro não ultrapassava a média. Respirou profundamente, mas o seu alívio revelou-se prematuro. Já de pé, o funcionário, com um movimento não menos uniforme, começou a afastar-se da secretária. Dirigia-se agora para o centro do compartimento. O empregado que acompanhara MarkAlem parecia estar à espera desta deslocação, pois arredara-se para deixar passar o seu superior. MarkAlem sentiu-se então absolutamente sossegado. Era o simples desemperramento de um corpo ancilosado por ter permanecido demasiado tempo sentado, ou até mesmo padecente de hemorroidal ou de gota. «E pensar», disse ele com os seus botões, «que pouco faltou para eu dar um berro de pavor! Sim, realmente, nestes últimos tempos tenho andado com os nervos em franja!»

Pela primeira vez, nessa manhã, o seu olhar recobrou a calma habitual para enfrentar o de outrem. O funcionário ainda tinha a carta de recomendação na mão. MarkAlem esperava que ele lhe dissesse: Estou ao corrente, vais ser nomeado..., ou pelo menos que lhe incutisse alguma esperança, lhe fizesse uma promessa para as semanas ou os tempos mais próximos. Os seus numerosos primos não se tinham afadigado em pura perda desde há mais de dois meses para lhe arranjamem esta entrevista. E aquele alto funcionário, perante o qual ele se sentira apavorado sem razão, talvez tivesse mais interesse em ficar em boas relações com a família dele, MarkAlem, que só por si não devia cair nas suas boas graças. Ao observá-lo, sentia-se agora tão tranquilo que, por instantes, lhe pareceu que a pele do seu rosto poderia mesmo franzir-se para esboçar um sorriso. E tê-lo-ia decerto deixado bailar nos lábios se o não houvesse siderado um novo facto, cruelmente imprevisto. De pé na sua frente, o funcionário dobrou cuidadosamente a carta de recomendação e, na altura em que MarkAlem aguardava uma palavra amável da parte dele, rasgou-a em quatro pedaços. MarkAlem estremeceu. Fez um movimento de lábios como se quisesse formular uma pergunta ou talvez simplesmente aspirar um pouco de ar, mas o funcionário, achando que o dito gesto não lhe bastava, deu um passo na direcção da braseira e deitou lá para dentro os destroços da carta. Uma chama endiabrada jorrou

lestamente da brasa adormecida, branquejante sob a camada de cinzas, para finalmente se apagar deixando debaixo de si os pedaços de papel calcinado.

— No Tabir Sarrail não aceitamos recomendações — disse o funcionário numa voz que lhe fez lembrar as badaladas de um relógio perdido na noite.

Ele estava petrificado. Não sabia o que lhe competia fazer: permanecer ali mais um bocado, dar imediatamente o fora, protestar ou apresentar desculpas. O empregado que o acompanhava, como se tivesse lido os seus pensamentos, saiu em silêncio, deixando-o sozinho na companhia do funcionário. Estavam agora frente a frente, separados pela braseira. Mas esta situação não se prolongou muito. Com os mesmos movimentos lentos, num tempo que a MarkAlem pareceu interminável, o funcionário voltou às arrecuas para o seu lugar atrás da mesa de trabalho. Mas não se sentou. Limitou-se a tossicar, como quem se prepara para proferir uma alocução, após o que, olhando alternadamente para a porta e MarkAlem, disse: — Aqui no Tabir Sarrail não se aceitam recomendações, é intrinsecamente contrário ao espírito desta instituição.

MarkAlem não ouviu nem uma de tais palavras.

— O fundamento do Tabir Sarrail não é a abertura, mas, muito pelo contrário, o fechamento às influências externas, não a abertura, mas o isolamento, e, por conseguinte, não a recomendação, mas justamente o seu oposto. Apesar de tudo, a partir deste dia, ficas nomeado para o nosso Palácio.

«Que me está a acontecer?» interrogou-se MarkAlem. Os seus olhos, como para se certificarem mais uma vez, contemplaram os restos da folha calcinada sobre o velho brasido modorrento.

— Sim, a partir deste momento, estás colocado aqui — repetiu o funcionário que, aparentemente, notara o olhar desorientado de MarkAlem.

Inspirou profundamente e, depois de ter apoiado as palmas sobre a mesa (foi só neste momento que MarkAlem reparou que o tampo desta mesa estava atulhado de pastas), pôs-se a falar: — O Tabir Sarrail ou Palácio dos Sonhos, como lhe chamam na linguagem

de hoje, é uma das mais importantes instituições do nosso grande Estado imperial...

Calou-se por instantes, fitando MarkAlem como para adivinhar em que medida o recém-chegado estava em condições de apreender o significado das suas palavras, depois prosseguiu: — Há muito tempo que o mundo reconheceu a importância dos sonhos e o seu papel na antevisão dos destinos dos países e dos que os governam. Já certamente ouviste falar do Oráculo de Delfos na Grécia antiga, dos célebres quiromantes romanos, assírios, persas, mongóis e outros. Nos livros antigos, encontram-se evocados ora os efeitos benéficos das suas predições quando elas permitiram evitar as desgraças, ora o preço que se pagou por não se lhes ter dado crédito ou tê-lo feito demasiado tarde; em suma, estão lá referidos todos os acontecimentos anunciados de antemão, quer o seu curso haja sido modificado ou não pelo desencadeamento de tais sinais. Incontestavelmente, esta longa tradição teve a sua importância, mas parece bastante frágil em comparação com o funcionamento do Tabir Sarrail. De facto, o nosso Estado imperial foi o primeiro na história universal a elevar a um tão alto grau a explicação dos sonhos, institucionalizando-a.

MarkAlem escutava, confuso, as palavras do alto funcionário. Ainda não estava bem recomposto das suas emoções da manhã, mas todas estas frases, saídas com fluência e ao mesmo tempo tão complicadas, eram uma autêntica apoteose!

— O papel do nosso Palácio dos Sonhos, criado directamente por iniciativa do Sultão reinante, consiste em classificar e examinar, não os sonhos isolados de alguns indivíduos como aqueles que, por uma ou por outra razão, se viram outrora beneficiados com este privilégio e detinham na prática o monopólio da predição pela leitura dos sinais divinos, mas o Tabir total, melhor dizendo, a totalidade dos sonhos do conjunto dos cidadãos, sem excepção. É uma empresa grandiosa, ao lado da qual os oráculos de Delfos, as castas de profetas ou os mágicos de antanho parecem irrisórios. A ideia que ocorreu ao Soberano de criar o Tabir total assenta no facto de Alá lançar um sonho anunciador à superfície do globo com a mesma desenvoltura que desfere um relâmpago, desenha um arco-íris ou

aproxima subitamente de nós um cometa que Ele vai buscar ninguém sabe a que misteriosas profundezas do Universo. Lança então um sinal sobre esta terra, sem cuidar do lugar onde ele vai cair, pois, distante como está de nós, não pode ocupar-se de tal género de pormenor. É a nós que nos cabe descobrir onde pousou este sonho, desencantá-lo entre milhões e biliões de outros, como quem busca uma pérola perdida num deserto de areia. Em verdade, a explicação deste sonho, caído como uma centelha extraviada no cérebro de um dos milhões de indivíduos adormecidos, pode ajudar a evitar a desgraça do país e do seu Soberano, esconjurar a guerra ou a peste, e até mesmo engendrar ideias novas. Eis por que o Palácio dos Sonhos nada tem de uma fantasia, antes constituindo um dos pilares do Estado. Aqui, melhor do que se faria mercê de quaisquer estudos, de quaisquer autos, relatórios de inspectores, de polícias ou de governadores de paxalatos, avalia-se a verdadeira situação do Império. Pois o certo é que no nocturno reino do sono se encontram quer a luz quer as trevas da humanidade, o seu mel e o seu veneno, a sua grandeza e a sua aflicção. Tudo o que é turvo e nefasto, ou que o será dentro de alguns anos ou alguns séculos, surge primeiramente nos sonhos dos homens. Toda a paixão ou ideia malfazeja, todo o flagelo ou crime, toda a rebelião ou catástrofe projecta necessariamente a sua sombra durante muito tempo antes de se manifestar na vida real. É por isso que o Padixá prescreve que nenhum sonho, mesmo tido nos mais remotos confins do país, ainda que seja num dia vulgar entre todos, inclusive pela criatura mais ignorada por Alá, deve escapar ao exame do Tabir Sarrail. E existe outra indicação imperial ainda mais fundamental: a de que o quadro estabelecido no seguimento da colecta, da classificação e do estudo dos sonhos de cada dia, de cada semana ou de cada mês, seja de uma exactidão que nada possa vir alterar. E, para tanto, além do enorme trabalho a efectuar no tratamento dos materiais, o fechamento do Tabir a qualquer influência exterior reveste-se de uma importância primordial. Com efeito, sabemos que, fora do Tabir Sarrail e pelas mais diversas razões, há forças interessadas em infiltrar aqui agentes de influência a fim de que os seus desígnios, as suas ideias ou os seus juízos sejam em seguida

apresentados como outros tantos sinais pretensamente divinos espalhados por Alá nos cérebros humanos adormecidos. É por tal motivo que as cartas de recomendação não têm cabimento no Tabir Sarrail.

Maquinalmente, o olhar de MarkAlem dirigiu-se para a folha calcinada que, toda encarquilhada, se baloiçava agora como um diabrete sobre as brasas.

— Trabalharás no sector da Selecção — continuou o funcionário no mesmo tom. — Poderias principiar por sectores menos importantes, como fazem em geral os recém-chegados, mas tu vais começar pela Selecção, pois acho que nos convéns.

Pelo canto do olho, MarkAlem tornou a bispar furtivamente o engeIhamento da folha enegrecida como para lhe dizer: «Então ainda não desapareceste?»

— E lembra-te — voltou o outro à carga — que o que te pedem antes de mais nada é o respeito absoluto do segredo. Nunca te esqueças de que o Tabir Sarrail é uma instituição totalmente fechada ao mundo exterior.

Uma das suas mãos desprendeuse da mesa e, de indicador espetado, descreveu no ar um sinal ameaçador.

— Inúmeros indivíduos e facções têm procurado infiltrar-se aqui, mas o Tabir Sarrail nunca caiu na armadilha. Isolado, ele mantém-se afastado do tumulto humano, fora das lutas de tendências e das querelas pelo poder, fechado a todos e sem contacto seja com quem for. Podes esquecer tudo o que acabo de te dizer, mas há uma coisa, meu rapaz, volto a repetir-te, que deves conservar constantemente no espírito: é a observância do segredo. Não se trata de um conselho. É a ordem suprema do Tabir Sarrail... Agora, põe mãos à obra. Perguntarás no corredor onde fica o sector da Selecção. Ainda antes de lá chegares, os que te acolherem já terão sido informados de tudo o que te diz respeito. Boa sorte!

Ao desembocar no corredor, MarkAlem estava aturdido. Não viu passar ninguém a quem pudesse perguntar o caminho a seguir para chegar à Selecção. De modo que se pôs a andar ao acaso. Ainda tinha nos ouvidos algumas frases soltas do alto funcionário. «O que me aconteceu?» interrogou-se ele, e abanou a cabeça como para as

enxotar. Mas em vez de o largarem, as palavras seguiam-no ainda com mais pertinácia. Naquele deserto de corredores, quis-lhe mesmo parecer que, esbarrando contra as paredes e as colunatas, desmultiplicando-se, elas adquiriam uma ressonância ainda mais sinistra: «Vais começar pela Selecção, pois acho que nos convéns...»

Sem saber lá muito bem porquê, MarkAlem estugou o passo. Selecção — ele repetia mentalmente esta palavra que, agora que estava sozinho, se lhe afigurou assumir a mais estranha das tonalidades. Lá nas profundezas do corredor, entreviu uma silhueta, mas sem medir bem se ela se afastava ou acercava. Sentiu-se tentado a chamá-la, ou pelo menos a fazer-lhe sinal, mas a forma humana estava demasiado distante. Apressou então o passo e quase desatou a correr e a gritar para apanhar a todo o custo este homem que lhe parecia agora encarnar a salvação naquele corredor sem esperança. Caminhava rapidamente, quase em passo de corrida, quando, algures à sua esquerda, ouviu um pesado bater de pés. Abrandou o andar e pôs-se à escuta. Os passos vinham de uma galeria lateral que desembocava no corredor. Ressoavam regulares e ameaçadores. Ele virou a cabeça e enxergou um grupo de homens que caminhavam sem tugar nem mugir, levando umas enormes pastas nas mãos. As capas destas eram da mesma cor — azul-claro a atirar para o verde — que as cúpulas do edifício e a farda dos contínuos.

Quando o grupo se cruzou com ele, MarkAlem inquiriu numa voz timorata: — Sois capazes de me dizer, por favor, como hei-de fazer para chegar à Selecção?

— Arrepia caminho — respondeu-lhe uma voz rouca. — Tens ar de ser novo aqui, ha?

MarkAlem teve de esperar que o outro dominasse um longo ataque de tosse para ouvir explicarem-lhe que devia virar no quarto corredor à direita para encontrar a escada que o conduziria ao segundo andar, onde teria de se informar outra vez.

— Obrigado, senhor —olveu MarkAlem.

— De nada — disse o desconhecido.

Ao afastar-se, ouviu-o quase sufocar de tanto tossir e acabar por largar: — Estou em crer que apanhei frio.

Precisou de mais de um quarto de hora para ir ter ao serviço da Selecção. Esperavam-no.

— Você é que é o MarkAlem? — disse-lhe o primeiro empregado que lá encontrou, ainda antes de poder pronunciar uma palavra.

Confirmou com um aceno de cabeça.

— Venha comigo — acrescentou o outro -, o chefe está à sua espera. Seguiu-o docilmente. Atravessaram algumas salas de enfiada onde, sentados atrás de umas compridas mesas, dezenas de empregados se debruçavam sobre pastas abertas. Nenhum deles lhe deu testemunho da mínima curiosidade, nem tão-pouco pelo seu acompanhante, cujos passos troavam no sobrado.

Tal como os outros, o chefe achava-se sentado atrás de uma mesa, com duas pastas debaixo dos olhos. O homem que conduzira MarkAlem aproximou-se do seu superior e murmurou-lhe algo ao ouvido. Mas MarkAlem teve a impressão de que este nada ouvira. Os seus olhos continuavam a devorar a página enegrecida de uma das pastas, e quis parecer fugazmente a MarkAlem que aflorava na orla deste olhar, qual vaga morredição, a última franja de algo de temível cujo epicentro só podia situar-se bastante longe.

MarkAlem esperava que o seu acompanhante se inclinasse de novo ao ouvido do chefe para lhe segredar as mesmas palavras, mas, aparentemente, o outro não parecia disposto a isto. Muito calmo, aguardava que o seu superior levantasse os olhos da pasta que consultava...

Esta espera prolongou-se. MarkAlem estava convencido de que o chefe jamais reergueria a cabeça e que ele próprio iria ficar assim especado horas a fio, talvez até ao fim do tempo de trabalho, ou mesmo para além disso. Abatera-se de novo um profundo silêncio. Só se deixava ouvir o leve rumorejo das folhas que o outro ia voltando. A dada altura, MarkAlem notou que o chefe parara de ler, que o seu olhar se detivera na pasta, mas sem se fixar num ponto particular. Aparentemente, reflectia no que acabava de ler. Esta situação prolongou-se, talvez tanto quanto durara a leitura. Por fim, ele esfregou os olhos, como se quisesse livrá-los de um derradeiro véu, e ergueu-os para MarkAlem. A vaga terrificante, já

anteriormente bastante atenuada, desaparecera de todo em todo deles.

— Tu é que és o novo?

MarkAlem fez um sinal afirmativo com a cabeça. Sem nada acrescentar, o chefe levantou-se e avançou por entre as compridas mesas. Os dois outros seguiram-no. Atravessaram várias salas que MarkAlem tão depressa julgava ter já percorrido como não.

De longe, ao avistar uma mesa diante de uma cadeira vazia e guarnecida com uma pasta fechada, compreendeu que devia ser ali o seu lugar. O chefe estacou precisamente neste sítio e, com o dedo, apontou-lhe um ponto situado entre a mesa e a cadeira vazia.

— É aí que trabalharás — disse-lhe ele. MarkAlem fitou a pasta fechada de capa azulada.

— Os serviços da Selecção ocupam várias salas como esta — disse-lhe o chefe desenhando um amplo movimento com o braço direito. — É um dos sectores mais importantes do Tabir Sarrail. Há quem pense que o sector essencial do Tabir é a Interpretação. Mas não é verdade. Os intérpretes gabam-se de ser a aristocracia da nossa instituição. A nós, aos seleccionadores, olham-nos um pouco de alto, para não dizer com desdém. Mas tu deves estar bem ciente de que é pura vaidade da parte deles. Quem quer que tenha um bocadinho de miolo pode entender que sem nós, sem a Selecção, a Interpretação não passa de um moinho sem grão. Nós é que fornecemos toda a matéria-prima do seu trabalho, nós é que lhe servimos de alicerce. É sobre nós que assenta o êxito dela.

Esboçou um gesto com a mão.

— Enfim... Trabalharás aqui e aperceber-te-ás de tudo por ti próprio. Julgo que já te deram as instruções essenciais. Não te enumerarei hoje todas as tuas tarefas, para não te sobrecarregar demasiado logo ao primeiro dia. Não te direi senão o que deves saber à partida. O resto aprendê-lo-ás aos poucos. Esta sala é a primeira da Selecção.

O chefe descreveu com a mão um novo movimento semicircular.

— Entre nós — prosseguiu ele -, chamamos a esta sala a sala das Lentes, pois é nela que se opera a primeira triagem dos sonhos. Em suma, é aqui que tudo começa. Aqui mesmo...

Baixou as pálpebras como se procurasse o fio do discurso.

— Enfim — acrescentou ao cabo de uns momentos -, para ser mais exacto, deveria dizer que a primeira triagem é efectuada pelas secções provinciais dos serviços. Existem cerca de mil e novecentas em todo o Império. Cada uma delas tem as suas próprias subdivisões, e todas estas células, antes de enviarem os sonhos ao Centro, submetem-nos a uma triagem prévia, mas semelhante triagem é ainda insuficiente. A verdadeira selecção começa aqui. Do mesmo modo que se separa o trigo do joio, faz-se aqui a separação entre os sonhos que apresentam interesse e os que não apresentam nenhum. É justamente esta triagem, esta limpeza, que constitui a essência da nossa Selecção. Entendido?

O olhar do chefe ia-se animando cada vez mais. As palavras, que a princípio lhe ocorriam a custo, afluíam-lhe agora aos lábios em maior abundância do que era necessário para formular as suas ideias, e ele acelerava constantemente a fala como que na intenção de utilizá-las todas.

— Eis precisamente a essência do nosso trabalho — continuou ele: — Desempachar as pastas de todos os sonhos sem interesse. Antes de mais, os sonhos de carácter privado, sem a mínima relação com o Estado. Em seguida, os sonhos provocados pela fome ou a saciedade, o frio ou o calor, as doenças, etc., em suma, todos os que estão ligados à carne. Enfim, os sonhos simulados, melhor dizendo, os que não foram realmente vistos, mas concebidos por alguns na esperança de fazerem carreira, ou forjados por maníacos da efabulação ou provocadores. Estas três categorias devem ser eliminadas das nossas pastas. Mas não custa nada dizê-lo, o mais difícil é detectá-los! Um sonho pode parecer de cunho puramente íntimo, ou suscitado por motivos triviais, como a fome ou algum reumatismo, quando afinal se relaciona directamente com assuntos de Estado, talvez mais do que o discurso acabado de pronunciar por um determinado membro do governo. Mas, para deslindar isto, é preciso experiência e maturidade. Um simples erro de juízo e tudo desata a correr torto, comprehendes? Resumindo, e ao contrário do que pode afigurar-se aos olhos de alguns, a nossa actividade é um trabalho particularmente qualificado.

Renunciando ao seu tom de ironia amarga, recomeçou a falar mais serenamente, a fim de explicar a MarkAlem a tarefa concreta que ia doravante ser a dele. No entanto, subsistiam nos seus olhos certos traços da sua tensão inicial.

— Para além desta sala — prosseguiu ele — existem outras, tal como tu próprio pudeste verificar. A fim de entenderes melhor o trabalho de que te vais incumbir, deverás primeiramente passar um ou dois dias em cada uma delas. Em seguida, quando já tiveres uma ideia do conjunto daquilo que é a Selecção, regressarás aqui, à sala das Lentes, e verás que o teu trabalho te parecerá assim mais fácil. Mas isto não acontecerá antes da próxima semana. Por ora, vais principiar aqui.

Debruçou-se por cima da mesa, puxou pela pasta e abriu a sua capa azulada.

— Eis a tua primeira pasta. Contém um grupo de sonhos sobrevindos a 19 de Outubro. Lê-os atentamente mas, acima de tudo, não te apresses. Quando julgares que há uma hipótese, ainda que muito ínfima, de um certo sonho não ser fabricado de fio a pavio, deixa-o mesmo assim no montão, não tenhas pressa de o tirar de lá. Depois de ti virá outro escolhedor ou, para lhe dar a sua actual denominação, um segundo controlador; ele emendará a tua omissão. Depois dele, será a vez do controlador seguinte, e assim sucessivamente. No fundo, todos os que vês nesta sala não se ocupam senão disto mesmo. Pronto! Desejo-te boa sorte.

Ficou mais uns segundos a olhar para MarkAlem, depois voltou-lhe as costas e foi-se embora. Este permaneceu uns instantes paralisado no mesmo sítio; em seguida, devagarinho, esforçando-se por não fazer o mínimo ruído, deslocou um pouco a cadeira, insinuou-se entre o assento e a mesa, e, sempre o mais cautelosamente possível, sentou-se.

Tinha agora a tal pasta aberta à sua frente. Estava por conseguinte realizada a sua aspiração e a da sua família. Fora nomeado para o Tabir Sarrail, achava-se inclusivamente sentado numa cadeira, diante da sua secretária, um autêntico funcionário do misterioso Palácio.

Debruçou-se um pouco mais sobre a pasta, até os seus olhos começarem a distinguir os caracteres, e pôs-se a ler pausadamente. Na espessa folha de papel estavam anotados o número da pasta e a data. Mais abaixo, esta menção: Confiado a Surkurlah. Inclui 63 sonhos.

Virou a folha com um dedo entorpecido. Ao invés da primeira, a segunda estava cheia de um texto denso. As três primeiras linhas surgiam sublinhadas a tinta verde e um tanto separadas da continuação. Eis o que leu: Sonho tido pelo empregado lúçufe, da estação postal de Aladjehisar, subprefeitura de Kerk-Kili, paxalato de Kustendil, no passado dia 3 de Setembro por volta do amanhecer.

Desprende os olhos do texto sublinhado. O dia 3 de Setembro, pensou ele, um bocado atordoado. Seria possível que tudo isto fosse verdade, que se tivesse tornado a partir de agora um funcionário do Tabir Sarrail, acomodado atrás da sua mesa de trabalho, a ler o sonho do súbdito lúçufe, da estação postal de Aladjehisar, da subprefeitura de Kerk-Kili, no paxalato de Kustendil, para decidir da sorte dele, deliberar se o seu sonho iria ser atirado para o cesto dos papéis ou introduzido, a fim de aí o analisarem, no grandioso mecanismo do Tabir?

Sentiu um arrepio de júbilo percorrer-lhe a espinha. Baixou de novo a cabeça e começou a ler: Três raposas brancas no alto do minarete da mesquita da subprefeitura....

Bruscamente, estremeceu. Desatara a tocar uma sineta. Ergueu a cabeça como se alguém lhe batesse no ombro. Olhou para a esquerda, depois para a direita, e ficou pasmado. Todas aquelas pessoas que até então parecia formarem um só corpo com as suas cadeiras, como que hipnotizadas pelas pastas abertas na sua frente, tinham-se arrancado de repente a este fascínio. Estavam agora de pé, falavam, movia ruidosamente os seus assentos, enquanto o tinido da sineta continuava a correr ao longo das salas.

— O que foi? — perguntou MarkAlem. — Que sucedeu?

— É a pausa da manhã — respondeu-lhe o vizinho do lado. (Mas onde é que este vizinho se escondera até então?) — A pausa da manhã — repetiu ele. — Já se vê, tu és novo aqui, ainda não conheces os horários, mas não tardarás a fixá-los.

De todas as bandas, as pessoas que enchiam esta sala levantavam-se, deslizavam entre as compridas mesas em direcção à saída. MarkAlem, quanto a si, quis continuar a leitura, mas não lhe era possível. Davam-lhe encontrões, empurravam-lhe a cadeira. Apesar de tudo, com uma certa teimosia, inclinou outra vez a cabeça para a pasta que já o atraía como um íman. Três raposas brancas... Porém, nesta altura, ouviu uma voz mesmo encostada à sua orelha: — Lá embaixo há café, há salep. Anda daí, vais com certeza encontrar alguma coisa que te apeteça.

MarkAlem nem sequer teve tempo de distinguir o rosto do seu interlocutor. Resolveu no entanto levantar-se da cadeira, fechou a capa da sua pasta e encaminhou-se atrás dos outros para a saída.

No corredor, não precisou de perguntar por onde devia seguir. Todos se dirigiam no mesmo sentido. Das galerias laterais desembocava cada vez mais gente que vinha engrossar a torrente do corredor principal. Misturou-se com esta maré humana. Avançavam todos ombro a ombro. A turba dos empregados do Tabir Sarrail impressionou-o. Estavam ali umas centenas, talvez mesmo uns milhares.

O barulho dos passos aumentou, sobretudo na escada. Depois de terem descido um piso, percorreram um longo corredor rectilíneo, em seguida voltaram a descer e ele notou que, a cada novo patamar, as janelas iam-se tornando mais estreitas. Teve a impressão de que se embrenhavam a caminho de alguma cave. Agora, as pessoas estavam quase aglutinadas umas contra as outras. Ainda antes de chegar ao bufete, sentiu os dois aromas distintos do café e do salep. Isto recordou-lhe os pequenos-almoços na sua vasta morada. Apossou-se dele um novo acesso de júbilo. De longe, viu os compridos balcões atrás dos quais dezenas de criados estendiam as chávenas de café e as tigelas de salep ainda fumegantes. Deixou-se impelir até estes balcões. No meio do zunzum, discernia-se o ligeiro sorvo dos que beberricavam o seu café ou a sua infusão, umas tossidelas, o tilintar dos trocos. Quis-lhe parecer que muitas destas pessoas estavam constipadas ou, talvez, que ao cabo de várias horas de silêncio necessitavam de pigarrear antes de falar.

Arrastado à força para uma fila, achou-se bloqueado junto a um dos balcões, sem poder avançar nem recuar. Percebia que outros passavam à frente dele, estendiam a mão por cima da sua cabeça para agarrar numa chávena ou para pagar, mas estava resolvido a não abdicar da sua calma. Bem vistas as coisas, não tinha fome nem sede. Quedava-se ali, como que sacudido pela torrente, apenas preocupado em imitar os outros.

— Se não te mexeres, não arranjarás nada para beber — disse uma voz nas costas dele. — Deixa-me ao menos passar!

Arredou-se logo. O outro, aparentemente admirado com a sua solicitude em obedecer, virou a cabeça cheio de curiosidade. Tinha um rosto alongado, vermelhusco, com umas grandes maçãs bonacheironas. Num ápice, contemplou-o fixamente.

— Acabas de ser nomeado?

MarkAlem acenou afirmativamente com a cabeça.

— Vê-se!

Deu mais dois passos na direcção do balcão e depois voltou a cabeça para ele: — O que é que tomas? Café ou sa/ep?

Esteve tentado a dizer: Nada, obrigado, mas isto poderia afigurar-se insólito. Acaso não se encontrava ali para fazer como toda a gente e não atrair sobre si a atenção de ninguém?

— Um café — murmurou ele, mas mexendo bem os lábios de maneira a que o outro entendesse o seu pedido.

Procurou com a mão umas moedas no fundo da algibeira mas, entretanto, o seu novo conhecimento virara-lhe as costas e alcançara o balcão. Plantado ali à espera dele, ia captando contra a sua vontade uns bocados de conversa trocados pelos que o rodeavam. Eram como que fragmentos triturados por uma grande mó. Por vezes, no entanto, apanhava no vozeio algumas palavras, ou mesmo frases inteiras que haviam escapado à trituração, mas que a mó não deixaria sem dúvida de esmagar na sua próxima rotação. Pôs-se à escuta delas e ficou assarapantado. Não se tratava nem por sombras dos assuntos do Tabir Sarrail. Eram ditos sobre os mais anódinos e banais dos temas: o frio que estava lá fora, a qualidade do café, as corridas típicas, a lotaria nacional, a gripe que grassava na capital — mas nem a mais pequena palavra sobre o que

se fazia naquele edifício. Ser-se-ia levado a crer que esta gente trabalhava no Cadastro, ou mesmo nas repartições de algum ministério, mas que não se estava na presença de funcionários do famoso Palácio dos Sonhos, a mais misteriosa instituição do Império. MarkAlem avistou o seu novo amigo que se soltava do bulício geral, empunhando cuidadosamente uma chávena de café em cada uma das mãos.

— Que chatice — disse ele — ter de ficar aqui a fazer bicha! — E, sem estender ainda uma das chávenas a MarkAlem, deslocou-se com os mesmos gestos atentos, em busca de uma mesa livre entre as dezenas ou as centenas que estavam dispostas na cave. Nuas e desprovidas de cadeiras, não serviam aos consumidores senão para aí firmarem os cotovelos, e sobretudo lá deixarem as chávenas vazias.

Segurando sempre um café em cada mão, o homem enxergou finalmente uma mesa livre e pousou aí as chávenas. MarkAlem ofereceu-lhe timidamente as moedazinhas que guardara no seu punho crispado. O outro esboçou um gesto de recusa.

— Oh! Não tem importância — disse ele.

— Obrigado!

MarkAlem pegou na sua chávena com uma mão, conservando ainda na outra os trocos de cobre.

— Quando é que foste nomeado? — perguntou-lhe o companheiro.

— Hoje mesmo.

— A sério? Parabéns! Sendo assim, tens razão em... — Não soube como terminar a frase e levou a sua chávena aos lábios. — Em que sector? — indagou logo a seguir.

— Na Selecção.

— Na Selecção? — repetiu o outro com ar surpreendido; o rosto dele iluminou-se ainda mais: — Caramba! Começaste bem. Em geral, é na Recepção que todos nos iniciamos na carreira, por vezes até mesmo mais abaixo, nas repartições dos copistas.

MarkAlem sentiu subitamente vontade de saber mais coisas sobre o Tabir Sarrail. Tinha-se dado como que um rasgo na sua reserva.

— A Selecção é um sector influente, não é? — perguntou ele. O outro escutou-o atentamente.

— Sim, muito influente. Principalmente para um jovem...

— Que significa isso?

— Queria eu dizer, principalmente para um funcionário recentemente nomeado, percebes?

— E em geral? Não só para um jovem, mas em geral...

— Sim, é claro... Também em geral, consideramo-la um sector decisivo. Direi mesmo de primeiríssimo plano...

Era agora MarkAlem que tinha os olhos pregados nele.

— Naturalmente, há sectores ainda mais importantes...

— Por exemplo, a Interpretação?

Perplexo, o outro afastou a chávena dos lábios.

— Ena! Afinal não és tão novato como pareces — disse ele com um sorriso! — Para um primeiro dia, já aprendeste uma data de coisas!

MarkAlem esteve quase a retribuir-lhe o sorriso, mas lembrou-se acto contínuo que era uma ousadia a que ainda não podia atrever-se. A carapaça de geada que cobria a pele do seu rosto nessa extraordinária manhã ainda não se derreteria.

— Com certeza que a Interpretação é o esteio do Tabir Sarrail — prosseguiu o outro. — É o centro nevrálgico da casa, o seu cérebro, se assim posso dizer, pois é lá que adquire sentido toda a actividade dos outros sectores: o seu trabalho de preparação, o seu esforço...

MarkAlem escutava, como que acometido de febre.

— É a eles que se dá o nome de aristocratas do Tabir? O outro franziu os lábios com um ar sonhador.

— Sim, precisamente. Ou se não são os aristocratas, pelo menos algo de semelhante... Se bem que, no fundo...

— O quê?

— Não penses que não há outros acima deles.

— E quem são esses outros? — voltou MarkAlem, espantando-se ele próprio com a sua audácia.

O companheiro encarou-o sisudamente.

— O Tabir Sarrail é sempre maior do que se julga — disse ele. MarkAlem teria gostado de lhe perguntar o que isto significava, mas

o receio de ir demasiado longe dissuadiu-o de o fazer.

— Além do Tabir normal — continuou o outro -, há o Tabir secreto que se ocupa da análise dos sonhos que as pessoas não expedem de livre vontade, mas que o Estado obtém pelos seus próprios meios e métodos. Compreendes assim que não se trata de um sector menos importante que a Interpretação.

— Decerto — retorquiu MarkAlem -, apesar de...

— O quê?

— Todos os sonhos, tanto os que são enviados espontaneamente como os que o Tabir secreto colige, não acabam porventura na Interpretação?

— De facto, todos os sectores estão desdobrados, ou seja, têm serviços simultaneamente no Tabir normal e no Tabir secreto, e só o da Interpretação é único para o conjunto do Tabir Sarrail. De qualquer modo, tal não significa que este sector se situe mais alto na hierarquia do que o Tabir secreto enquanto tal.

— Mas talvez também não lhe seja inferior...

— Talvez — disse o outro. — Na verdade, existe entre eles uma certa rivalidade.

— Ao fim e ao cabo, estes dois sectores formam a aristocracia do Tabir.

O outro sorriu.

— Já que pareces insistir nessa fórmula, digamos que é mais ou menos assim.

Voltou a sugar o fundo da chávena, embora ela já não contivesse nenhum líquido.

— Mas não vás julgar que constituem o topo — atalhou logo a seguir.

— Ainda há outros acima deles.

MarkAlem fitou-o para verificar se gracejava ou estava a falar a sério.

— E quais são esses?

— Os encarregados do Sonho-Mor.

— O quê?

— Os encarregados do Sonho-Mor. O sector do Sonho-Mor ou do Arqui-Sonho, como lhe chamam desde há algum tempo.

— O que vem a ser isso? O outro baixou a voz.

— Talvez não façamos bem em falar destas coisas — disse ele -, mas, afinal de contas, também te tornaste um homem do Tabir. Aliás, no fundo, são assuntos que somente se referem à organização, à administração, e não creio que haja aqui algum segredo.

— É realmente o que eu também penso — aprovou MarkAlem. Não conseguia reprimir o seu desejo de saber mais coisas.

— Por favor, conta-me um pouco mais — disse ele com doçura. — Eu também pertencço de certo modo à casa. A minha mãe é da família dos Quprili.

— Da família dos Quprili?

O assombro que transluziu nas feições do seu interlocutor não o surpreendeu. Era uma reacção a que estava acostumado sempre que alguém se inteirava das suas origens familiares.

— Desde que me disseste que havias sido colocado directamente na Selecção, adivinhei que devias ser de uma família próxima do Estado, mas confesso-te que não me passara pela cabeça algo de tão alto.

— O nome de solteira da minha mãe é que é Quprili — esclareceu MarkAlem -; eu tenho outro nome.

— Pouco importa. Vem a dar mais ou menos na mesma. MarkAlem escrutou-o.

— Fala-me mais desse Sonho-Mor...

O outro inspirou profundamente, mas, como se adivinhasse que a quantidade de ar assim engolida era excessiva para o volume relativamente fraco da voz que ia emitir, expeliu uma parte dele antes de começar a falar.

— Talvez saibas que todas as sextas-feiras, dentre os milhares e milhares de sonhos que nos chegam e que são aqui analisados no decurso da semana, nós escolhemos um, aquele que foi julgado mais relevante, para o apresentar ao Sultão durante uma cerimónia sem grande pompa, mas de antiquíssima tradição. É o Sonho-Mor, também conhecido por Arqu-Sonho.

— Já ouvira falar disso, mas muito vagamente, como se fosse uma lenda.

— Pois bem, não é uma lenda, mas a pura realidade, e em tal sonho trabalham centenas de pessoas, os encarregados do Sonho-Mor.

O seu olhar atardou-se demoradamente nele.

— Alguém será capaz de imaginar — murmurou ao cabo de uns momentos -, que um sonho destes, com os seus sinais anunciadores de primordial importância, tenha por vezes para o Soberano mais valor que todo um exército de soldados, que a multidão dos seus diplomatas?

MarkAlem escutava boquiaberto.

— Compreendes agora por que motivo a situação dos encarregados do Sonho-Mor é tão superior à nossa?

Que gigantesco mecanismo! disse consigo MarkAlem. Sim, o Tabir Sarrail era verdadeiramente algo de maior do que se poderia conceber.

— Não os vemos em parte alguma — continuou o outro. — Até tomam o seu café ou o seu salep num local à parte.

— À parte... — repetiu MarkAlem.

O outro entreabriu a boca para continuar as suas explicações, quanto o tinido de uma sineta, a mesma que anunciara a pausa da manhã, veio bruscamente interromper tudo ao redor deles.

MarkAlem não teve tempo de lhe perguntar o significado deste toque, pois tudo se tornou imediatamente muito nítido. Ainda ele não cessara e já aquela massa de gente reunida desatava a precipitar-se na direcção das saídas. Os que não tinham acabado de beber o que estava à sua frente esvaziaram as chávenas ou os copos de um trago; outros, que só agora se haviam servido ao balcão e não podiam beber o café ainda quente, abandonavam-no em cima das mesas e refluíam por entre a confusão. O companheiro de MarkAlem calara-se não menos bruscamente, saudara-o com um gesto de cabeça e virara-lhe as costas. No derradeiro instante, MarkAlem endereçou-lhe um sinal como se quisesse detê-lo, fazer-lhe uma última pergunta, mas, nesse momento, achou-se impelido para a esquerda, depois para a direita, e perdeu-o de vista.

Ao sair, enquanto seguia maquinalmente a corrente, ocorreu-lhe que se esquecera de perguntar o nome ao seu companheiro. Se eu

ao menos soubesse em que sector ele trabalha, pensou de si para consigo com desgosto. Em seguida consolou-se, ao lembrar-se de que talvez o reencontrasse no dia seguinte, por ocasião da pausa da manhã, e que teriam novamente ensejo de conversar.

O caudal dos empregados ia diminuindo, de modo que ele procurou, mas em vão, reconhecer um dos rostos que já vira no sector da Selecção. Foi obrigado a perguntar por duas vezes o caminho para dar de novo com a sua repartição. Entrou lá muito de mansinho, esforçando-se por não ser notado. À sua volta elevava-se um último barulho de cadeiras movidas. Os empregados já se tinham quase todos instalado atrás das compridas mesas. Em bicos dos pés, alcançou o seu lugar, puxou a si a cadeira e sentou-se. Ficou uns instantes imóvel, depois baixou os olhos para a pasta e pôs-se a ler: Três raposas brancas no alto do minarete da mesquita da subprefeitura..., mas, de súbito, reergueu a cabeça. Tinha a impressão de que o chamavam de muito longe por meio de algum sinal estranho, muito débil, quase lamentoso, semelhante a um pedido de socorro ou a um soluço. O que será? interrogou-se ele. Esta pergunta não tardou a invadir todo o seu ser. Sem saber muito bem porquê, os olhos dele dirigiram-se então para as grandes janelas. Era a primeira vez que as contemplava. Por detrás das vidraças, elemento familiar mas doravante longínquo, a chuva caía, mesclada de finos flocos de neve. Os flocos turbilhonavam, esgazeados, naquela manhã igualmente longínqua, como que pertencente a uma outra vida donde talvez ele houvesse enviado este último sinal.

Com um vago sentimento de culpa, desviou por fim o olhar e enfronhou a cabeça na pasta, mas, antes de reatar a leitura, suspirou profundamente: Ó meu Deus!

# SELEÇÃO

Era uma terça-feira à tarde. As repartições iam cessar o trabalho dentro de uma hora. MarkAlem reergueu a cabeça dos seus papéis e esfregou os olhos. Assumira funções há já uma semana, mas ainda não conseguira habituar-se à leitura prolongada. À sua direita, o colega mexeu-se na cadeira, sem no entanto parar de ler. Sobre a comprida mesa, ouvia-se o rumorejo regular das folhas voltadas.

Os empregados tinham todos os olhos pregados nas suas pastas.

Estava-se em Novembro. As pastas iam-se tornando cada vez mais espessas. Neste período do ano, o fluxo dos sonhos tendia geralmente a engrossar. Era esta uma das principais ilações que MarkAlem pudera tirar no decurso da sua primeira semana. Continuar-se-ia a ter sonhos e a enviá-los, e assim sucederia até à consumação dos séculos, mas o seu número variava apesar de tudo de uma estação para outra. Estava-se numa fase ascendente. Chegavam dezenas de milhares deles de todos os cantos do Império. E este ritmo iria manter-se até ao fim do ano. As pastas inchariam, inchariam sem parança, ao mesmo tempo que o frio se tornaria mais inclemente. Depois, já passado o Ano Novo, observar-se-ia um certo refluxo, até à Primavera.

MarkAlem deitou à socapa outro olhar ao seu vizinho da direita, em seguida ao da esquerda. Liam deveras ou fingiam? Aplicou a mão direita contra a têmpora e baixou os olhos para a folha de papel pousada à sua frente, mas, em vez das letras, teve a sensação de não ver senão moscas perdidas no negrume. Não, era-lhe impossível continuar a ler. Os que conservavam as cabeças pendidas sobre as pastas não liam provavelmente todos eles, pois um grande número devia apenas fingir. Era de facto um trabalho infernal.

Com a testa apoiada na palma da mão, diligenciou rememorar tudo o que ouvira nessa semana, da boca dos velhos funcionários da Selecção, sobre o fluxo e o refluxo dos sonhos, sobre as variações

da sua quantidade ao sabor das estações, dos aguaceiros, da temperatura, da pressão atmosférica, da humidade do ar. Os veteranos da Selecção conheciam perfeitamente tudo isto. Estavam bem informados acerca da influência da neve, dos ventos ou dos coriscos sobre a porção de sonhos, tão-pouco ignorando o papel dos abalos sísmicos, do eclipse da Lua ou do aparecimento dos cometas. O sector da Interpretação dispunha certamente no seu seio de mestres prestigiosos da análise dos sonhos, de autênticos sábios que, por detrás das visões onde o olho vulgar não discernia senão incoerentes garatujas do cérebro, sabiam descortinar significados tão estranhos quão dissimulados. Todavia, em nenhum outro sector do Tabir Sarrail se encontravam entre os empregados velhos tarimbeiros como estes práticos da Selecção, aptos a prever a abundância ou a penúria de sonhos tão facilmente como os velhotes comuns podiam pressentir, pelas suas dores reumáticas, que o tempo ia transtornar-se.

De repente, MarkAlem pensou no tal homem com quem travara conhecimento no primeiro dia. Onde diabo estaria ele? Desde há vários dias, durante a pausa matinal, que o procurava com o olhar no meio da multidão dos empregados, mas não o avistara em sítio algum. Talvez esteja doente... disse ele a sós consigo. Também podia ter sido enviado em missão a alguma longínqua província; talvez fosse um dos inspectores do Tabir, desses que passam a maior parte do seu tempo em deslocações oficiais aos quatro cantos do Império, do mesmo modo que podia ser apenas um simples mensageiro.

Imaginou as milhares de secções do Tabir Sarrail disseminadas por toda a imensa extensão do país, os prédios sumários, por vezes vulgares casebres, que as abrigavam com os seus dois ou três empregados ainda mais modestos, necessitados, mal pagos, que se curvavam até ao chão perante o mais humilde correio do Tabir quando este vinha buscar os sonhos recolhidos, rastejando e gaguejando à vista dele só por ser o enviado do Centro. Em certas regiões perdidas, mesmo nas mais chuvosas manhãs, por trilhos lamacentos, os habitantes das subprefeituras punham-se por vezes a caminho destas lúgubres secções antes do alvorecer, para aí

prestarem contas dos seus sonhos. Sem se darem ao trabalho de bater à porta, chamavam cá de fora: «Hadji, já abriste?»

A maioria deles não sabia ler nem escrever, e, para não se esquecerem do seu sonho, vinham muito cedo, ainda antes de irem tomar um copo na tasca ali ao pé. Contavam-no oralmente, enquanto o copista, de olhos ensonados, amaldiçoando o sonho e o seu autor, transcrevia os dizeres deles. «Ah, Deus queira que desta vez tenhamos mais sorte!», suspiravam alguns, depois de registado o sonho por escrito. Corria desde há muito uma lenda segundo a qual um pobre-diabo de certa ignorada subprefeitura, graças ao seu sonho, salvara o Estado de uma tremenda calamidade. À laia de recompensa, fora convocado para a capital pelo Soberano, que o recebera no seu palácio, lhe pedira que escolhesse entre os seus tesouros e lhe oferecera inclusive como esposa uma das suas próprias sobrinhas, *etc.* «Deus queira...», repetiam eles antes de abalarem de novo pelo trilho lamacento, certamente na direcção da tasca, enquanto o copista os seguia com um olhar irónico e, mesmo antes de eles terem atingido a curva do caminho, inscrevia na folha a menção de nulo.

Apesar da rigorosa instrução de se banir qualquer preconceito ou toda a consideração pessoal da apreciação dos sonhos, era no entanto assim que os empregados procediam na primeira triagem dos materiais. Conheciam bem os habitantes da subprefeitura, e, ainda antes de o recém-chegado ter transposto o limiar do seu gabinete, já sabiam se era um estróina, um bêbedo, um inútil, ou se sofria de úlcera. Isto dera origem a frequentes problemas, e chegara-se mesmo a decidir, alguns anos antes, privar as secções locais desta competência da primeira triagem. Mas a quantidade de sonhos enviados directamente à Selecção aumentara assim visivelmente, de tal modo que se adiara a decisão e, a despeito dos inconvenientes que esta triagem podia apresentar para as próprias secções, ela fora-lhes novamente entregue, já que o problema não comportava outra solução.

É claro que os fazedores de sonhos ignoravam tudo acerca destes trâmites. De vez em quando, vinham indagar da soleira da porta: «Então, Hadji, há alguma resposta a respeito do meu

sonho?» «Não, ainda não», respondia Hadji. «Mas és muito impaciente, Abdul Kader! O Império é grande e a administração central, embora lá se trabalhe dia e noite, não pode examinar tão rapidamente a caterva de sonhos que lhe são enviados.» «Sim, percebo, tens razão», respondia o outro voltando o olhar para o horizonte, em cuja direcção, em seu entender, devia situar-se o Centro. «Como havíamos de compreender por pouco que seja os assuntos do Estado?...» E ia-se embora, arrastando os seus tamancos de madeira pelo caminho conducente à tasca.

MarkAlem aprendera todas estas coisas na véspera, da boca de um inspector do Tabir com quem bebera o café da manhã. O inspector acabava de regressar de uma província asiática muito remota e preparava-se para partir outra vez, desta feita a caminho da parte europeia do Império. A sua narrativa deixara MarkAlem atónito. Seria possível que tudo principiasse de maneira tão banal? Mas, como se houvesse adivinhado a sua decepção, o inspector apressara-se a explicar-lhe que as coisas não se passavam assim em toda a parte, que, muitas vezes, as secções do Tabir Sarrail tinham como sedes edifícios sólidos, em imponentes cidades da Ásia e da Europa, e que os que iam lá levar os seus sonhos não eram desgraçados joões-ninguéns de província, mas personagens de alta categoria, cheias de honras, de títulos e de diplomas universitários, com espírito subtil, inteligência profunda e largas ambições. O inspector alongara-se uns bons momentos sobre este aspecto, e MarkAlem sentira o Tabir Sarrail retomar gradualmente no seu espírito o magno lugar que lá ocupara. O inspector pusera-se então a narrar-lhe outros episódios das suas viagens, mas a sineta interrompera-lhe a descrição, e, agora, MarkAlem esforçava-se por imaginar sozinho o fim dela. Pensava nos povos que viviam no flanco esquerdo do Império e nos que cobriam o seu flanco direito, nos povos que tinham muitos sonhos e nos que tinham poucos, nos povos que contavam de bom grado os seus sonhos e nos que a tal se mostravam bastante reticentes, como os Albaneses (o espírito de MarkAlem, muito apegado às suas origens albanesas, registava mecanicamente tudo o que podia dizer-se do seu país). Pensava nos sonhos dos povos em estado de rebelião, dos que acabavam de ser

vítimas de cruéis massacres, ou mesmo dos que atravessavam períodos de insónia. Estes últimos, em especial, constituíam para o Estado uma fonte de graves preocupações na medida em que, após um tal período de vigília, convinha sempre esperar por um brusco recrudescimento. Assim, o Estado tomava medidas de urgência para prevenir o mal. Quando o seu interlocutor aludira a esta insónia dos povos, MarkAlem olhara-o com estupefacção. «Sei que é algo que te pode parecer estranho», dissera-lhe o outro, «mas temos de compreender isto de um ponto de vista relativo. Um povo é tido na conta de se encontrar em estado de insónia quando o seu volume global de sono diminuiu sensivelmente em relação ao normal. E quem, melhor do que o Tabir Sarrail, pode determinar esta relação com minúcia?» «Realmente, é verdade...», admitira MarkAlem. Relembrou-se das suas recentes noites em claro, mas pensando de si para consigo que a insónia de todo um povo devia ser algo de bem diferente da de um indivíduo.

Pôs-se de novo a olhar, à socapa, para a direita e para a esquerda. Todos pareciam mergulhados nas suas pastas, enfeitiçados como se não se tratasse de folhas cobertas de escrita, mas sim de pequenas braseiras onde se consumisse um carvão que perturbava os sentidos. «Talvez eu próprio venha a sucumbir a pouco e pouco a este enfeitiçamento», pensou ele, melancólico, «e acabe por esquecer o mundo e o género humano».

Nessa semana, em conformidade com a directiva que o chefe lhe dera, passara meio dia em cada uma das salas da Selecção, em companhia de um velho empregado, a fim de se iniciar em todos os aspectos do seu trabalho e de enriquecer a sua experiência, e quando terminara, há já dois dias, depois de dar a volta às diversas operações, regressara à sua mesa, a mesma aonde o tinham conduzido no próprio dia da sua nomeação.

Ao deambular de sala em sala, MarkAlem instruíra-se sobre as grandes linhas de funcionamento da Selecção. Após o exame dos sonhos na sala das Lentes, aqueles a que se negava valor, embalados em grandes maços, eram levados para os Arquivos, enquanto os que tinham sido eleitos eram classificados em vários grupos, consoante os tipos de assunto em causa: segurança do

Império e do Soberano (conluíus, traições, revoltas); política interna (antes de tudo a integridade do Império); política externa (alianças, guerras); vida civil (exacções, abusos, casos de corrupção); indícios de um eventual Sonho-Mor; diversos.

O agrupamento em divisões e subdivisões não era coisa fácil. Tinha-se inclusivamente discutido um ror de tempo sobre o ponto de saber se esta tarefa devia ser confiada à Selecção ou, no essencial, à Interpretação. Com efeito, ela teria cabido à Interpretação se este sector não se encontrasse tão assoberbado. Por fim, chegara-se a uma solução de compromisso: a classificação dos sonhos havia sido deixada à Selecção, mas o trabalho dela só devia ser considerado como uma operação preliminar, dotada sobretudo de um valor indicativo. Deste modo, no cabeçalho de cada pasta que continha os materiais entregues, não se inscrevia Sonhos relativos a tal questão, mas Sonhos susceptíveis de serem relativos a tal questão. Além disso, ao passo que a Selecção assumia a plena responsabilidade da repartição dos sonhos em nulos e válidos, já no tocante à sua classificação ela não desempenhava o mínimo papel. Sendo assim, a tarefa essencial da Selecção residia de facto na triagem. A triagem era a base da Selecção, tal como a interpretação era a base do Tabir Sarrail. «Compreendes agora que somos nós que comandamos as portas de acesso por onde se recebem todos os materiais», afirmara o chefe do seu sector a MarkAlem no dia em que este voltara ao seu primeiro posto de trabalho. «A princípio, disseste certamente com os teus botões que, na medida em que é por uma operação de triagem que se inicia o trabalho da Selecção, e como nós te destinámos a ela, devia ser logicamente a menos importante. Mas creio que, a partir de agora, deves ter entendido que se trata do fundamento de todo o trabalho, e que nunca lhe destinamos principiantes! Se abrimos uma excepção para ti, é porque nos convéns.»

Nos convéns... Esta frase já MarkAlem a repetira mentalmente dezenas de vezes, como se tal pudesse ajudá-lo a penetrar o seu sentido. Ora, ela era assim mesmo, fechada por todos os lados, enigmática, polida como uma parede lisa à qual ninguém podia aferrar-se para tentar transpô-la.

Esfregou novamente os olhos, quis retomar a leitura, mas não era capaz. As letras pareciam-lhe avermelhadas, como que alumiadas por algum reflexo de fogo ou de sangue.

Pusera de lado uns quarenta sonhos que julgara desprovidos de interesse. A maioria davam-lhe a sensação de haverem sido suscitados por preocupações quotidianas, afiguravam-se-lhe forjados de fio a pavio, mas sem que ele tivesse a inteira certeza disto: faria melhor em relê-los. Na realidade, já os lera todos duas ou três vezes, mas, apesar de tudo, ainda não estava seguro do seu juízo. O chefe recomendara-lhe muito que transferisse para o escolhedor seguinte todos os sonhos acerca dos quais subsistisse nele alguma dúvida, marcando-os com um grande ponto de interrogação. Mas já actuara assim para um bom número de sonhos. De facto, eram escassos os que ele julgara nulos e, se também não eliminasse esses quarenta, o chefe sentir-se-ia no direito de deduzir que ele não queria assumir qualquer risco e se descartava de todos os sonhos em detrimento dos outros escolhedores. Ora, ele também exercia esta função e, em tal qualidade, a sua tarefa principal consistia precisamente em seleccionar, não em valer-se dos outros. Com efeito, o que sucederia se todos os escolhedores, para se furtarem às suas responsabilidades, transmitissem a maior parte dos sonhos à Interpretação? A Interpretação acabaria por bloquear a aceitação deles, ou então queixar-se-ia à Direcção. A Direcção procuraria as causas destes disfuncionamentos. «Ah!, estou metido numa boa alhada», suspirou ele. «Mas, ao fim e ao cabo, seja o que Deus quiser!» E, com uma certa raiva, despachando-se, como se receasse mudar de opinião, inscreveu no cabeçalho de quatro ou cinco folhas a menção de nulo, e apôs nela a sua rubrica. Ao continuar a traçar a mesma menção nas folhas seguintes, experimentava uma alegria vingadora relativamente a esses infelizes desconhecidos que, por sofrerem de cólicas ou de hemorroidal, o tinham atormentado durante dois dias dom os seus sonhos insensatos, que talvez nem sequer houvessem sonhado, mas simplesmente ouvido contar a outros. «Cretinos, burros, impostores!» resmungava ele invectivando-os, enquanto inscrevia a fórmula de condenação. Mas a sua mão movia-se cada vez mais lentamente, acabando por ficar

suspensa acima do papel. «Espera aí», disse ele consigo, «por que te exaltas tanto?» Em menos de um minuto, o seu acesso de fúria achava-se outra vez refreado pela dúvida, No fundo, este trabalho não era assim tão simples, e aqueles miseráveis desconhecidos podiam inclusivamente causar-nos aborrecimentos. Os empregados de todos os sectores tremiam só de pensar no serviço a que se dava o nome de Verificação. Tinham-lhe contado que um fazedor de sonhos, ao ouvir anunciar um acontecimento que acabava de sobrevir, escrevera ao Tabir Sarrail afirmando que o previra em sonhos. Em semelhante caso, procurava-se o seu sonho, encontrando-o graças ao número de registo que figurava na Recepção, ia-se extraí-lo dos Arquivos, e, se a queixa era fundada, buscavam-se os empregados culpados de o não terem tomado em consideração. Os autores do erro podiam ser os intérpretes, mas igualmente os seleccionadores que haviam julgado o sonho nulo, e, neste caso, a sua falta era reputada ainda mais grave, pois o erro de um intérprete incapaz de traduzir correctamente o sinal anunciador era mais justificável que o de um seleccionador que não detectara nenhum.

«Maldito trabalho», disse baixinho Mark-Além, sendo embora o primeiro a admirar-se de tal assomo de rebelião da sua consciência. «Mas, afinal de contas», acrescentou ele, «tudo isto podia muito bem ir para o diabo!» Inscreveu a menção de nulo numa das folhas, porém, logo na seguinte hesitou de novo. Maquinalmente, não sabendo que fazer desta folha que lhe ficara nas mãos, pôs-se a reler o texto: Um terreno abandonado ao pé de uma ponte; uma espécie de baldio, desses para onde se atiram os detritos. No meio do lixo, do pó, das estilhas de lavatórios quebrados, um velho instrumento de música com um aspecto insólito, que tocava sozinho naquela extensão deserta, e um touro, aparentemente enfurecido por estes sons, que mugia ao pé da ponte...

Um caso de artista, concluiu MarkAlem; algum músico azedo, que ficou sem trabalho. E aprestou-se a inscrever a menção de nulo. Ainda só traçara a primeira letra quando o seu olhar caiu nas linhas iniciais, que ele saltara e onde estavam mencionados o nome do homem que tivera este sonho, o seu ofício e a data em que o tivera.

De modo bizarro, o autor de tal sonho não era músico, mas um hortaliçeiro ambulante da capital. «Com a breca!» disse consigo MarkAlem sem conseguir desprender o olhar da folha. Um maldito vendedor de legumes saía do seu buraco e vinha meter-nos em apuros! Ainda por cima, morava na capital e era-lhe portanto eventualmente mais fácil queixar-se. Apagou com cuidado a letra que acabava de traçar sobre a folha de papel e classificou o sonho entre os válidos. «Idiota!» tornou ele a murmurar deitando um derradeiro olhar de esguelha à folha, como a alguém a quem se acaba de fazer um favor imerecido. Mergulhou a caneta no tinteiro e, sem sequer as reler, inscreveu a menção de nulo em várias outras folhas. Quando o seu ataque de cólera amainou, ele retomou o domínio de si. Ainda lhe restava examinar oito sonhos, dos que à primeira vista julgara desprovidos de interesse. Estudou-os pausadamente um por um, e, à excepção de um deles, que introduziu entre os válidos, deixou os outros ali onde estavam. Não era preciso ser um grande conhecedor para adivinhar que eles tinham a sua origem em questiúnculas familiares, na prisão de ventre ou numa continência forçada.

Estas horas de serviço pareciam-lhe intermináveis. A despeito da sensação de ardor que começava a sentir nos olhos, tirou algumas outras folhas da pasta dos sonhos não examinados e colocou-as à sua frente. Teve a impressão de se cansar mais a fingir que as lia do que a lê-las efectivamente. Escolheu as folhas que traziam os textos mais curtos e, sem mesmo olhar para o nome do autor do sonho, leu o que estava redigido numa delas: Um gato preto com a Lua entre os dentes corria perseguido por uma multidão de pessoas, deixando atrás de si o rastro sangrento do astro ferido...

Sim, este sonho valia a pena que nele se detivesse. Antes de o incluir na categoria dos válidos, MarkAlem releu-o outra vez. Era realmente um sonho sério, que se devia ter prazer em analisar. Concluiu daí que o trabalho dos intérpretes, por muito árduo e delicado que fosse, devia ter enorme interesse, sobretudo quando nos surgiam pela frente sonhos deste tipo. Ele próprio, mau grado a sua fadiga, sentiu despertar dentro de si o gosto de o interpretar. De resto, isto não se lhe afigurava demasiado espinhoso. Visto que a

Lua era o símbolo do Estado e da religião, o gato preto, esse, só podia ser obviamente uma força hostil que agia em detrimento deles. «Um tal sonho tem todas as probabilidades de ser proclamado Sonho-Mor», pensou de si para consigo. Observou o endereço do seu autor. O sonho provinha de uma cidade nas marcas europeias do Império. É de lá que vêm os mais belos sonhos, constatou ele. Depois de o reler pela terceira vez, pareceu-lhe ainda mais atraente, mais rico de significados. Um elemento que ele julgava apresentar um interesse muito particular era aquela multidão que apanharia sem dúvida o gato preto e lhe arrancaria a Lua dos dentes. Sim, este sonho acabará certamente um dia por ser consagrado como Sonho-Mor, repetiu ele para si mesmo, e foi com um sorriso a bailar-lhe nos lábios que contemplou a folha de papel ordinário na qual se descrevia o sonho, do mesmo modo que se olha para uma rapariga por enquanto muito apagada, mas que sabemos prometida a um destino de princesa.

Curiosamente, MarkAlem experimentou uma sensação de alívio. Projectou inicialmente ler duas ou três folhas suplementares, mas renunciou a isto, pois não lhe apetecia estragar o sentimento de satisfação que lhe proporcionara um tão estranho sonho. Voltou a cabeça para os grandes vãos envidraçados por detrás dos quais caía o crepúsculo. Não examinaria mais nenhum sonho nesse dia. Limitar-se-ia a esperar pela sineta que assinalava o fim do dia de trabalho. Embora a luz se amortecesse cada vez mais, as cabeças dos empregados continuavam pendidas sobre as suas pastas. Era evidente que, ainda que a noite ou as trevas eternas caíssem naquele compartimento, nenhuma destas cabeças se reerguiria antes de ter retinido o sino.

Ele acabou efectivamente por tocar. MarkAlem recolheu à pressa as suas folhas. De todas as mesas elevava-se o ruído das gavetas que se abriam para aí arrumar as pastas. Fechou a sua à chave, e, apesar de ser um dos primeiros a abandonar a sala, necessitou de um bom quarto de hora antes de se ver lá fora.

Fazia frio na rua. Desembocando dos portais em grandes cachos, os empregados dispersavam-se em diferentes direcções. No passeio fronteiro, tal como todas as tardes, um ajuntamento de basbaques

espreitava a saída dos funcionários do Palácio dos Sonhos. De todas as grandes instituições do Estado, incluindo o Palácio do Xeque-ul-Islam e as repartições do Grão-Vizir, o Tabir Sarrail era a única a suscitar a curiosidade do público, a ponto de quase não haver um dia em que não se vissem ali centenas de transeuntes imobilizados à espera da saída dos empregados. Em silêncio, com as golas levantadas por causa do frio, as pessoas observavam estes misteriosos funcionários a quem estava confiado o trabalho mais enigmático do Estado, seguiam-nos com olhos esgazeados, como que buscando descobrir nas suas feições os traços dos sonhos que eles estavam encarregados de decifrar, e só se afastavam quando os pesados portões do grande palácio se fechavam de novo por entre rangidos.

MarkAlem estugou o passo. Os candeeiros ainda não tinham sido acesos, mas sê-lo-iam certamente antes de ele atingir a rua onde morava. Desde que fora nomeado para o Tabir, a escuridão despertava dentro de si uma certa apreensão.

As ruas estavam cheias de peões. De tempos a tempos passavam a toda a velocidade coches com as cortinas das janelas corridas. Pensou que eles deviam decerto transportar belas cortesãs a encontros secretos, e soltou um suspiro.

Quando chegou finalmente à sua rua, os candeeiros de iluminação pública achavam-se de facto acesos. Era uma artéria sossegada, residencial, onde metade das construções estavam rodeadas de pesados gradeamentos de ferro forjado. Os vendedores de castanhas aprontavam-se para desandar. Alguns já tinham guardado as castanhas, os cartuchos vazios e o carvão em sacos, e pareciam aguardar que os seus brasidos encimados por crivos de folha-de-flandres arrefecessem um pouco. O agente da polícia ali postado saudou-o com respeito. Do café da esquina, a cair de bêbado, saiu o seu vizinho Betch bei, antigo oficial do activo, em companhia de dois amigos. Ao ver MarkAlem, bichanou-lhes umas palavras. Ao cruzar-se com eles, este sentiu-se fitado pelos seus olhos cheios de uma curiosidade temerosa. Apressou o passo. De longe, pôde verificar que o rés-do-chão e o primeiro andar da sua casa estavam iluminados. Devem ter vindo visitas, disse consigo

mesmo, mas não pôde reprimir um estremecimento. Ao acercar-se um pouco mais, lobrigou, estacionado diante da porta, um coche que ostentava a marca dos Quprili, a letra Q esculpida na madeira das duas portinholas, mas, em vez de o tranquilizar, esta visão não fez senão aumentar a sua inquietude.

Loke, a velha criada da casa, veio abrir-lhe a porta.

— Que se passa? — quis ele saber apontando o dedo para as janelas iluminadas do primeiro andar.

— Os teus tios vieram ver-vos.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada. Estão apenas de visita.

MarkAlem respirou fundo, aliviado. «Que tenho eu afinal?» interrogou-se ele ao atravessar o pátio a fim de alcançar a porta de entrada. Sucederá-lhe frequentemente, ao regressar demasiado tarde, inquietar-se por ver as janelas da casa iluminadas, mas nunca ficara tão perturbado como nessa noite. Deve ser o efeito do meu novo trabalho, concluiu ele.

— Dois dos teus amigos vieram esta tarde à tua procura — informou-o Loke que ia na sua peugada. — Disseram-me que fosses vê-los amanhã ou depois de amanhã a esse, esse tal... klab ou klob, que raio de nome dão vocês a isso?

— Ao clube.

— Exactamente, ao clube!

— Se voltarem, diz-lhes que já estou comprometido e que não poderei ir.

— Pois sim — volveu a criada.

No vestíbulo, MarkAlem aspirou um rico cheirinho a cozinha. Fez uma pausa em frente da porta do salão, sem saber lá muito bem porquê. Por fim, abriu-a e entrou. No grande compartimento com o chão inteiramente recoberto de tapetes espalhavam-se os odores familiares do lume de madeira. Estavam ali dois dos seus tios maternos: o mais velho, com a mulher, e o mais novo. Dois dos seus primos, ambos vice-ministros, tinham vindo igualmente fazer visita. Cumprimentou-os uns após outros.

— Tens um ar cansado — disse-lhe o tio mais velho. MarkAlem encolheu os ombros como quem diz: «Paciência! É o efeito do

trabalho...» Adivinhou imediatamente que acabavam de falar dele e da sua nomeação. Observou a mãe que estava sentada, com as pernas dobradas de lado, junto a uma das grandes braseiras de cobre. Ela sorriu-lhe levemente e foi só então que ele se sentiu liberto da sua ansiedade. Colocou-se a um canto do divã, esperando que a atenção se desviasse finalmente da sua pessoa. De facto, ao cabo de uns instantes, já se tinham desinteressado dele.

O tio mais velho retomou o fio do discurso interrompido, segundo parecia, pela sua chegada. Era governador de uma das regiões mais remotas do Império, e, sempre que vinha tratar de assuntos à capital, trazia de lá uma profusão de histórias de singular brutalidade, que MarkAlem achava em tudo idênticas às que já narrara aquando da sua anterior visita. A esposa dele, uma mulher de aspecto enfezado, ar sorumbático, escutava atentamente o marido lançando a espaços um olhar à assistência como quem diz: «Estão a ver onde nós vivemos?» Não parava de se queixar do clima daquela região, do trabalho esgotante do marido, e adivinhava-se nas suas palavras um surdo e persistente rancor ao cunhado, o segundo dos três irmãos, o Vizir, como todos lhe chamavam agora. Em virtude das suas altas funções de ministro dos Negócios Estrangeiros, era de todos os Quprili o mais altamente colocado, e ela, no seu foro íntimo, levava-lhe a mal o não se ter suficientemente empenhado em fazer regressar enfim o irmão à capital.

O tio mais novo escutava o irmão primogénito com um sorriso distraído. Quanto a MarkAlem, se por um lado fantasiava o mais velho dos seus tios como um bronze recoberto de uma patina feita de toda a rudeza e do fanatismo da vida de província, já por outro lado sentia a sua inclinação pelo mais novo reforçar-se dia após dia. Louro, de olhos claros, bigode arruivado, e com o nome germano-albanês de Kurt, este passava por ser a rosa selvagem do clã dos Quprili. Ao contrário dos irmãos, nunca se fixara em nenhum cargo importante; sempre se dedicara a ocupações bizarras que, aliás, nunca tardava a largar: consagrando-se ora à oceanografia ora à arquitectura, e nestes últimos tempos à música. Celibatário inveterado, montava a cavalo em companhia do filho do cônsul da

Áustria e mantinha, ao que se dizia, uma correspondência sentimental com várias damas misteriosas; em suma, levava uma vida tão agradável quanto fútil, nos antípodas das dos irmãos.

MarkAlem apreciaria bastante imitá-lo, mas sentia-se perfeitamente incapaz disto. Agora, já de todo serenado, enquanto ouvia conversar os dois tios, ia revendo mentalmente, estacionada diante da sua casa, a carruagem que os transportara até ali, essa carruagem que, todas as vezes que lhe aparecia, lhe inspirava um júbilo mesclado de receio, pois fora sempre ela que trouxera tanto as boas como as más notícias.

O Palácio, como as pessoas da família chamavam entre si à residência do mais prestigioso dos Quprili, era dotado de várias carruagem, mas todas iguais, e, para MarkAlem, elas tinham acabado por constituir apenas uma: a carruagem, sucessivamente fastosa ou nefasta, com esse Q esculpido na madeira das portinholas, que encaminhava da casa-mãe para as outras moradas da grande família, ora arco-íris ora nuvens sombrias. Mais de uma vez, alvittrara-se substituir a letra Q por um K, em conformidade com a ortografia oficial do otomano — Kóprulij -, mas a família sempre o havia recusado e conservara a letra Q, do mesmo modo que todas as outras letras do seu patronímico pertencentes ao alfabeto albanês.

— Ingressaste então no Tabir Sarrail? — lançou a MarkAlem o tio mais velho, que terminara finalmente o seu discurso. — Acabaste por decidir-te?

— Decidimos todos juntos — disse a mãe.

— Fizeram bem — opinou o tio. — É uma função estimada, uma situação importante. Os meus melhores votos de felicidades!

— Inch Allah, obrigada! — rematou a mãe.

Os dois primos ingeriram-se na conversa. Ao ouvi-los falar, MarkAlem lembrou-se das intermináveis discussões a que dera lugar o seu futuro emprego antes de a escolha ter recaído finalmente no Tabir. Qualquer pessoa que escutasse de fora as suas conversas ficaria boquiaberta: poder-se-ia falar num tom tão preocupado da procura de um emprego para um rebento dos Quprili, essa ilustre família que dera ao Império não só cinco primeiros-

ministros, mas um número incontável de ministros, de almirantes, de generais, dois dos quais tinham comandado as campanhas da Hungria, outro a da Polónia, e outro ainda a invasão da Áustria? Essa família que até mesmo hoje, mau grado o seu relativo apagamento, permanecia um dos pilares do Império, a primeira a ter lançado a ideia da reconstrução do grande Estado sob a forma dos E. U. O. (Estados Unidos Otomanos), a única família, juntamente com a dinastia imperial, a figurar no Larousse, e isto na letra K, com a seguinte notícia: KÕPRULU: grande família albanesa da qual cinco membros foram, de 1666 a 1710, grão-vizires do Império Otomano, família a cuja porta, enfim, vinham bater timidamente os altos funcionários do Estado para solicitar protecção, promoção, intercessão em vista de um favor...

Era algo que, à primeira vista, poderia afigurar-se espantoso ou mesmo incrível, mas, aos olhos dos que conheciam mais a fundo a história dos Quprili, já o caso mudava de figura. Havia perto de quatrocentos anos que, no meio da insigne glória que a envolvia, esta grande família parecia igualmente votada a uma incessante desventura. Tão brilhante quão tenebrosa, a sua crónica incluía tantos altos dignitários, ministros, governadores, primeiros-ministros, quantos os condenados à prisão ou à morte, os decapitados ou os desaparecidos. «Nós, os Quprili», dizia num tom meio a brincar o benjamim dos três tios, Kurt, «somos um pouco como essas pessoas que lavram a terra ao pé do Vesúvio. Tal como elas, que vivem à sombra do vulcão e ficam cobertas de cinzas quando este entra em erupção e se abrasa, também nós somos periodicamente fustigados pelo Soberano à sombra do qual vivemos. E do mesmo modo que essas pessoas, a despeito de todos os infortúnios que o vulcão lhes inflige regularmente, não deixam de retomar, logo que ele se apazigua, o curso da sua existência, ali, naquelas terras tão férteis quão perigosas que se espraiam a seus pés, também nós, mau grado todos os golpes que o Soberano nos desfere, permanecemos à sua sombra a servimo-lo com fidelidade».

Desde a infância, MarkAlem recordava-se das idas e vindas dos criados, antes do amanhecer, na sua grande casa, dos cicios nos corredores, das suas tias que, com um ar apavorado, vinham bater à

porta da rua, lembrava-se desses dias inteiros entremeados de novas sombras, de expectativas, de angústias, até voltar o apaziguamento com as plácidas lágrimas derramadas sobre o condenado no calabouço, e depois a vida retomava o seu curso como dantes, na expectativa de uma nova fase de esplendor ou de alguma nova desgraça. De facto, era voz corrente que na família dos Quprili ou os homens se guindavam às mais altas funções ou então soçobravam no infortúnio; para eles, não havia meias-medidas.

«Felizmente que tu, ao menos, não usas o nome dos Quprili», dizia-lhe a mãe de quando em quando, sem acreditar muito ela própria nas suas palavras de reconforto. Era o seu único filho e, após a morte do marido, a única preocupação de toda a sua existência fora proteger este filho contra o lado mau do destino dos Quprili. Uma tal preocupação aumentara-lhe a inteligência, a autoridade e, assombrosamente, a beleza. Durante muito tempo, no seu íntimo, ela decidira manter MarkAlem à margem da carreira administrativa. Porém, a partir do momento em que ele cresceu e terminou os estudos, a sua decisão pareceu cada vez menos justificada. Na família dos Quprili não havia ociosos; quer se quisesse quer não, era necessário arranjar-lhe um emprego. Um cargo onde as possibilidades de fazer carreira fossem as maiores, e as de ser atirado para a prisão as mais reduzidas possível. Debateram-se demoradamente o assunto em família: pensara-se na diplomacia, no exército, na corte, na banca, na administração, tinham-se sopesado as boas e as más facetas de cada função, as hipóteses de promoção ou de destituição, dissecara-se cada cargo; rejeitara-se este, que parecia pouco indicado, ou até perigoso, a fim de escolher outro; depois, pelos mesmos motivos, renunciara-se igualmente a esse e pensara-se num terceiro que, à primeira vista, dava a impressão de diferir dos dois primeiros, mas acerca do qual se acabara por concluir, após um exame um tanto mais aprofundado, que, embora aparentemente seguro, era no fundo mais arriscado que os outros; voltara-se assim ao primeiro, àquele de que se dissera a princípio: «Ó meu Deus, seja para onde for, menos para aí!» e continuara-se na mesma linha, até que a mãe, farta de todas

estas tergiversações, não se conteve mais e disse: «O melhor é ele ir para onde quiser, ninguém pode escapar ao que está escrito!»

Nisto, quando se aprestavam a deixar MarkAlem escolher sozinho, o seu segundo tio, o Vizir, que até então não se imiscuira na discussão, exprimira finalmente a sua opinião. Na altura, o que ele propunha pareceu uma ideia tão extravagante que se julgaria que a iriam acolher com um sorriso, mas, no rosto de cada um, não tardou que todos os sorrisos se dissipassem para ceder o lugar a uma expressão de estupefacção. O Palácio dos Sonhos? Pode lá ser! Mas porquê? Em seguida, aos poucos, reflectindo melhor, a ideia parecera-lhes absolutamente natural. Vendo bem, por que não no Tabir Sarrail? Que mal havia em trabalhar lá? Não só não havia mal nenhum, como ainda, pelo contrário, era um emprego bastante melhor que a maioria dos outros, todos eles recheados de armadilhas. Mas este não encerrava qualquer perigo? Sim, é claro, mas são de qualquer modo perigos de sonho, num mundo de sonhos, compreendes?, esse mundo aonde os Antigos desejavam ser transportados quando, ao verem-se na aflição, diziam: «Ó meu Deus, faz com que isto não passe de um sonho!»

Eis como as coisas se tinham passado. Aos poucos, a ideia do ministro enraizou-se no espírito da mãe. «Como é que não se haviam lembrado mais cedo desta solução?» interrogava-se ela. O Tabir surgia-lhe como a única instituição capaz de garantir a salvação do filho. Além de este organismo oferecer possibilidades ilimitadas de fazer carreira, a vantagem essencial que ela aí encontrava residia no seu carácter vago e nebuloso. Numa tal administração, a realidade desdobrava-se, tinha-se muito rapidamente acesso ao domínio do irreal, e esta névoa afigurava-se-lhe precisamente o elemento susceptível de servir de melhor refúgio ao filho quando se desse o caso de se desencadearem as tempestades.

Os outros também concordaram com o seu ponto de vista. Ainda por cima, diziam eles, não fora por acaso que o Vizir tivera tal ideia. Nos últimos tempos, o Tabir Sarrail desempenhava um papel acrescido nos negócios de Estado. Os Quprili, naturalmente propensos a encarar as velhas instituições tradicionais com uma

certa ironia, tinham subestimado um tanto o Palácio dos Sonhos. Vários anos antes, ao que se afirmava, haviam sido mesmo eles que, apesar de não conseguirem mandar fechá-lo, lhe tinham minorado notavelmente o poder. Mas, por ora, o Soberano restaurara-o em toda a sua autoridade de antanho.

MarkAlem aprendera tudo isto gradualmente, ao sabor dos longos debates a que se entregavam os seus parentes sobre o emprego que mais lhe quadraria. Evidentemente, quando se dizia que os Quprili haviam subestimado um pouco o Tabir, tal não significava de modo algum que eles não dispusessem lá dos seus homens de confiança. Se porventura se tivessem mostrado sobejamente levianos para o descurar de todo em todo, há muito que teriam deixado de ser aquilo que eram. Mas, aparentemente absorvidos por outras rodagens do Estado, e sobretudo fiados em que lograriam novamente neutralizar o espírito desta instituição mole, como a alcinhavam gracejando entre si, haviam afrouxado a sua atenção relativamente a ela. E era, ao que parece, esta negligência que eles se esforçavam agora por emendar. Decerto que tinham lá os seus homens, e às dezenas, mas, apesar de tudo, não se podia contar com eles como se fossem gente do seu sangue, dissera o Vizir à irmã. Estava visivelmente nervoso, e ela tendera a crer que este assunto o preocupava mais do que ele se dignava mostrar. Tinha certamente no espírito algo mais do que lhe declarara.

Esta conversa ocorrera dois dias antes de MarkAlem se apresentar no Tabir Sarrail. Durante todo esse período, o seu nome e o do Palácio dos Sonhos não haviam cessado de andar indissociavelmente misturados. Ainda agora os acasalavam, e por tal motivo é que este colóquio o irritava. Estava esperançado em que mudassem de assunto quando se amesendassem. Por sorte, nem sequer esperaram por essa ocasião. Realmente, continuou-se a falar do Tabir Sarrail, mas já sem o ligarem a ele, o que ainda o veio tornar mais atento ao que se dizia.

— Seja como for, podemos hoje afirmar que o Tabir Sarrail recobrou plenamente a sua autoridade de outrora — declarou um dos tios.

— Quanto a mim, embora seja um Quprili, nunca pensei que a sua autoridade pudesse ser facilmente abalada — observou Kurt. — Não é apenas uma das mais velhas instituições do Estado, é também, na minha opinião, a despeito da sua sedutora denominação, uma das mais temíveis.

— Não é a única, há outras — objectou um primo.

Kurt sorriu.

— Sim, mas nelas o terror é manifesto, o medo que elas inspiram vê-se à distância como um fumo preto, ao passo que no caso do Tabir Sarrail as coisas são muito diferentes.

— E por que julgas tu que o Palácio dos Sonhos é tão temível? — interveio a mãe de MarkAlem.

— Não o é no sentido em que o poderias entender — disse Kurt olhando de soslaio para o sobrinho. — Eu referia-me a um aspecto de outra ordem. A meus olhos, de todos os mecanismos do Estado, o Palácio dos Sonhos é o mais alheio à vontade dos homens. Compreendeis o que pretendo dizer? É o mais impessoal de todos, o mais cego, o mais fatal, logo, por isso mesmo, o mais estatal que é possível imaginar.

— Pois bem, cá por mim, estou convencido de que, de certa maneira, também ele pode ser controlado — lançou o segundo primo.

Este era calvo, com olhos onde a inteligência se manifestava de um modo bem particular: meio apagados, dir-se-ia que os consumia precisamente essa inteligência de que ele próprio parecia de bom grado disposto a ceder uma parte.

— Para mim — prosseguiu Kurt -, é o único órgão do nosso Estado pelo qual a parte de trevas dentro da consciência dos seus súbditos entra directamente em contacto com ele. (Perscrutou um após outro cada um dos presentes como para se aperceber do efeito causado pelas suas palavras.) É verdade — continuou — que as multidões não governam, mas são assim dotadas de um mecanismo através do qual influem sobre todos os assuntos, as vicissitudes e os crimes do Estado, e esta rodagem não é outra senão o Tabir Sarrail.

— Queres então dizer — inquiriu o primo — que elas têm uma certa responsabilidade global em tudo o que acontece e que

poderiam assim imbuir-se de um certo sentimento de culpa?

— Sim — respondeu Kurt, acrescentando numa voz mais firme:  
— De certa maneira, sim.

O outro sorriu, mas como os seus olhos estavam semicerrados, não se distinguiu senão uma pontinha do seu sorriso, como um raio de luz por baixo de uma porta.

— Apesar de tudo, para mim, é a instituição mais absurda de todo o Império — disse ele.

— Seria absurda num mundo lógico — volveu Kurt. — Em compensação, no nosso mundo tal como ele é, acho-a perfeitamente normal!

O primo desatou a rir a bandeiras despregadas, mas, ao ver o governador ensombrecer, reprimiu progressivamente o seu riso.

— Porém, ouve-se murmurar um pouco por toda a parte que as coisas são mais profundas do que isso — lançou o outro primo. — Nada é nunca tão límpido como parece. Por exemplo, quem pode saber hoje o que se passava efectivamente no Oráculo de Delfos? Os seus arquivos eclipsaram-se ou, para ser mais exacto, deram-lhes sumiço. E a própria nomeação de MarkAlem não foi assim tão simples...

Muito atenta, a mãe de MarkAlem esforçava-se por não perder uma palavra do que se dizia.

— Faríeis melhor em falar de outra coisa — interveio então o governador.

«A minha nomeação não foi assim tão simples...», repetiu para si mesmo MarkAlem e, em retalhos, desfilaram na sua memória certas cenas dessa primeira manhã em que se dirigira ao Tabir como o indivíduo mais perdido do mundo inteiro, misturadas com as últimas horas tão fastidiosas do seu dia de trabalho na Selecção. «E pensar que ele julga sem dúvida que entrei no Tabir para o conquistar!» disse consigo rindo amargamente lá no fundo de si mesmo.

— Basta! Não falemos mais nisso! — largou outra vez o mais velho dos tios.

Entretanto, Loke veio anunciar que o jantar estava pronto e todos se levantaram e tomaram o caminho da sala de jantar.

À mesa, a esposa do governador pôs-se a falar dos usos e costumes da província que o marido administrava, mas Kurt, sem grande respeito, atalhou-a: — Convidei rapsodos da Albânia — disse ele.

— Como? — pronunciaram duas ou três vozes. Manifestamente, este como? queria dizer: Donde te veio semelhante ideia? Por que motivo? Que novo capricho é esse?

— Estive ontem a falar com o cônsul da Áustria — insistiu ele -, e sabeis quais foram as suas palavras? Vós, os Quprili, sois hoje a única família de linhagem ilustre na Europa, e provavelmente em todo o mundo, à qual se consagrou uma canção de gesta.

— Ah! — exclamou um dos tios. — Compreendo!

— Segundo ele, a gesta que nos é dedicada aparenta-se com os Nibelungos, e até acentuou: Se ainda cantassem hoje a propósito de uma família francesa ou alemã a centésima parte do que cantam acerca de vós nos Balcãs, ela apregoá-lo-ia como o seu mais alto título de glória. Ao passo que vós, os Quprili, mal lhe prestais atenção!... Eis o que ele me disse.

— É óbvio — retorquiu um dos tios. — Simplesmente, há uma coisa que eu não compreendo: falaste de rapsodos albaneses, não foi? Se se trata da gesta que todos nós conhecemos, o que vêm aqui fazer rapsodos albaneses?

Kurt Quprili fitou-o bem a direito nos olhos, mas não lhe respondeu. A discussão sobre a gesta da família era tão antiga entre os Quprili como as velhas baixelas preciosas, prendas dos soberanos, que cada geração recolhia piedosamente da anterior para a transmitir por seu turno à geração seguinte. MarkAlem ouvira falar desta gesta desde a mais tenra infância. A princípio imaginara o epos (também o designavam assim) como algo de comprido, criatura intermédia entre a hidra e a serpente, vivendo lá longe nalguma nevosa montanha e cujo corpo, como o dos monstros fabulosos, encerrava a sorte da sua família. Mas, ao crescer, compreendera a pouco e pouco — se bem que de maneira confusa — o que era ao certo essa gesta. No fundo, MarkAlem não percebia lá muito bem como é que os Quprili podiam viver e estar no galarim na capital imperial enquanto em local distante, no interior dos

estranhos Balcãs, na província denominada Bósnia, se cantava uma gesta a eles consagrada. E o seu espírito ainda tinha mais dificuldade em conceber que esta gesta fosse cantada, não no país natal dos Quprili, na Albânia, mas na Bósnia, e, ainda por cima, que ela não existisse na sua língua materna, o albanês, mas em sérvio. Uma vez por ano, no decurso do mês do Ramadão, vinham rapsodos da Bósnia. Ao longo de vários dias, eram alojados em casa dos Quprili para cantarem as suas infindáveis canções de gesta acompanhando-se de um instrumento de música que emitia um som plangente. Tratava-se de um costume perpetuado desde há centenas de anos e que as novas gerações de Quprili não haviam ousado rejeitar nem sequer modificar. Reunidos no grande quarto de hóspedes, escutavam a voz arrastada dos rapsodos eslavos da qual não entendiam patavina, afora o nome Quprili que eles proferiam Tchuprili. Em seguida os rapsodos recebiam a sua remuneração habitual e iam-se embora, deixando atrás de si uma sensação de vazio, de enigma não resolvido, suscitando durante vários dias consecutivos, entre os donos da casa, imotivados suspiros iguais aos engendrados por uma brusca variação do tempo.

Corria não obstante o rumor de que o Soberano invejava os Quprili justamente por causa desta gesta. Dezenas de divãs e de poesias haviam sido compostos em sua glória pelos poetas oficiais, mas em parte alguma lhe tinham consagrado um epos semelhante ao inspirado pelos Quprili. Dizia-se mesmo que esta inveja era precisamente um dos motivos das iras que o Soberano descarregava periodicamente sobre os Quprili. «Mas por que não havemos de oferecer a nossa gesta ao Sultão para escapar de uma vez para sempre a todas estas desgraças?» sugerira um dia o pequeno MarkAlem depois de ter ouvido suspirar os adultos. «Cala-te!» respondera-lhe a mãe. «A gesta não é uma coisa de que se possa fazer presente, compreendes? É como as alianças ou as jóias de família, algo que não se pode dar, mesmo que se queira.»

— Disseme ele: Isso aparenta-se com os Nibelungos — prosseguiu Kurt pensativamente. — Nos últimos dias, não parei de fazer de novo a mim próprio a pergunta que tem sido tão frequentemente formulada na nossa casa. Por que razão

compuseram os Eslavos uma gesta em nossa honra, quando afinal os nossos compatriotas albaneses, na sua epopeia, se calam a nosso respeito?

— Nada de mais simples — disse um dos primos. — Se eles se calam é porque esperaram qualquer coisa de nós e sentiram-se decepcionados na sua expectativa.

— Então, no teu entender, é antes um sinal de despeito?

— Podes ajuizá-lo como quiseres.

— Para mim é bastante claro — interveio o outro primo. — É um antiquíssimo mal-entendido entre a nossa família e os Albaneses. Eles têm dificuldade em habituar-se às dimensões imperiais da nossa família, ou melhor, é algo que não lhes parece essencial. Não ligam nenhuma ao que realizaram e continuam a realizar os Quprili para o conjunto do Império de que a Albânia não passa de uma pequena parte. O que lhes interessa é apenas o que fizemos por esta pequena parte, pela Albânia. Eles sempre esperaram que fizéssemos qualquer coisa de especial por eles.

Abriu os braços como para dizer: O problema é este.

— Alguns — prosseguiu ele — julgam a Albânia votada à desgraça; outros, pelo contrário, pensam que ela nasceu sob estrela propícia. Por mim, acho que o seu destino ultrapassa esta alternativa. De certo modo, assemelha-se à nossa família. Viu cair sobre ela tanto os favores como os rigores do sultão.

— E, dos favores e rigores, o que é que pesou com maior intensidade? — perguntou Kurt.

— É difícil dizer — respondeu o primo. — Não me esqueço de uma observação que me fez certo dia um judeu: Quando os Turcos arremetiam contra vós brandindo as suas lanças e os seus sabres, vós, os Albaneses, pensastes com justa razão que eles vinham conquistar-vos, apesar de afinal de contas vos trazerem de presente todo um Império!

— Ah! ah! — gargalhou Kurt.

Os olhos mortiços do primo pareceram emitir uma derradeira cintilação.

— Porém, como todas as prendas de um insensato, esclareceu o outro, ela foi entregue com violência, e até mesmo no meio de uma

grande efusão de sangue.

— Ah! ah! — riu-se Kurt, desta vez ainda mais alto.

— Por que te ris? — interveio o seu irmão primogénito, o governador. — O judeu tinha carradas de razão. Os Turcos partilharam o poder connosco, e tu sabes isto tão bem como eu.

— Naturalmente —olveu Kurt — os cinco primeiros-ministros pertencentes à nossa família bastariam só por si para o comprovar.

— Isso foi apenas o começo — disse o irmão mais velho. — Depois deles vieram centenas de altos funcionários.

— Não foi por esse motivo que eu me ri —olveu Kurt.

— Os mimos estragaram-te — lançou-lhe o outro com ar resmungão. Acendeu-se um clarão no fundo dos olhos de Kurt.

— Os Turcos — voltou o primo à carga tentando reter a atenção da assistência — trouxeram-nos, aos Albaneses, aquilo que nos faltava: os grandes espaços.

— Mas também imensas complicações — disse Kurt. — A vida de um só indivíduo já é bastante enredada quando ele se acha metido nos mecanismos do poder; que dizer então do drama de todo um povo apanhado em tais rodagens!

— O que pretendes dizer com isso?

— Não acabais porventura de lembrar que os Turcos partilharam o poder connosco? Mas partilhar o poder não é tomar a nossa parte de dragonas e de tapetes. Eu diria que isto só vem depois. Partilhar o poder significa antes de tudo partilhar os crimes!

— Kurt, não se pode falar assim!

— De qualquer modo, foram os Turcos que nos deram as nossas verdadeiras dimensões — redarguiu o primo. — E nós amaldiçoámo-los por isso.

— Nós, não. Eles! — interveio o governador.

— Sim, perdão: eles, os Albaneses lá do país.

Fez-se um silêncio tenso no meio do qual Loke trouxe bandejas repletas de bolos.

— Eles hão-de conquistar um dia a sua verdadeira independência, mas perderão todas estas vastas possibilidades — continuou o primo. Perderão este espaço imenso onde podiam voar como o vento, fechar-se-ão no seu estreito território, as suas asas

ficarão tolhidas de movimento e eles irão embater de uma montanha contra outra, como essas aves que não podem tomar suficiente impulso; estiolarão, amolecerão e dirão por fim: Que ganhámos com isto? Erguerão então os olhos em busca do que perderam, mas serão alguma vez capazes de o reencontrar?

A esposa do governador inspirou profundamente. Ninguém tocara nos bolos.

— O certo é que, presentemente, eles se calam acerca de nós — objectou Kurt.

— Um dia, compreender-nos-ão — volveu o irmão mais velho.

— Nós também os devemos escutar.

— Mas se eles se calam, como acabas de o lembrar...

— Escutemos o seu silêncio — disse Kurt. O governador deu uma risada estrondosa.

— Permaneceste um excêntrico — replicou ele entre duas gargalhadas. — Já te disse: a vida da capital estragou-te demasiado. Um ano de serviço nalguma longínqua província não te faria mal.

— Deus nos livre disso! — exclamou por entre os dentes a mãe de MarkAlem.

O riso do governador dissipara a ligeira tensão que se instalara alguns momentos antes em volta da mesa, e todos estenderam os garfos para as bandejas de bolos.

— Se convidai estes rapsodos albaneses — explicou Kurt -, foi por desejar ouvir a epopeia albanesa. O cônsul da Áustria, que leu vários trechos delas, disse-me que achava as gestas albanesas muito mais belas do que as bosnianas.

— A sério?

— Sim — disse Kurt. (Os seus olhos piscaram, como que cegos pela reverberação do sol sobre a neve.) — Evocam-se nelas perseguições através dos montes, combates singulares, raptos de mulheres e de donzelas, cortejos nupciais a caminho de bodas cheias de perigos, khrushk' pregados ao chão, petrificados por terem cometido algum erro no decurso da marcha, cavalos ébrios de vinho, cavaleiros cobardemente cegados em cima das suas montadas igualmente cegas, cavalgando pelos montes fora e retendo a respiração, corujas anunciadoras de desgraça, pancadas desferidas

de noite às portas de estranhos solares, um macabro desafio para combate em duelo lançado a um morto por um vivo que gira em volta do seu túmulo com uma matilha de duzentos cães, os gemidos do morto que não consegue levantar-se do túmulo para se medir com o seu inimigo, homens e deuses misturados que se zangam, se ferem, se casam entre si, urros, pelejas, horrendas maldições e, pairando sobre tudo isto, um sol frio que ilumina mas não aquece.

MarkAlem escutava, como que enfeitado. Uma nostalgia desconhecida, ou melhor, estranha, por essa longínqua neve de Inverno que os seus passos nunca tinham calcado, invadiu-o de alto a baixo.

Membros do cortejo nupcial que vêm buscar a noiva a casa dela. (N. do E. francês.) — É assim a epopeia albanesa da qual estamos ausentes — disse Kurt.

— Se ela é realmente tal como acabas de no-la descrever, custa a imaginar como é que nós aí seríamos evocados nalgum lance — observou um dos primos. — Ela faz lembrar acima de tudo uma febre trágica!

— Quando afinal figuramos na epopeia eslava... — fez notar Kurt.

— Então isso não basta? — replicou o primo de olhar mortiço. — Tu próprio disseste que somos a única família na Europa, e talvez mesmo no mundo inteiro, que é celebrada por um povo numa canção de gesta. Não te parece suficiente? Querias porventura que o fôssemos por dois povos?

— Perguntas-me se isso não me basta — retorquiu Kurt — e eu respondo-te: Não!

Os dois primos abanaram a cabeça com indulgência. O irmão mais velho também sorriu.

— Ficaste um original — observou ele -; decididamente, não mudaste nada.

— Quando os rapsodos chegarem — prosseguiu Kurt -, convidovos todos a ouvi-los. Cantarão entre outras a velha Balada da ponte dos três arcos, donde deriva o nome da nossa família...

MarkAlem escutava, boquiaberto.

— Cantarão essa famosa balada — insistiu Kurt — mas desta vez na sua versão albanesa. Eu ainda não disse nada ao Vizir, porém,

não creio que ele ponha objecções ao facto de os alojarmos. Virão de uma longa viagem, sem contar com o incómodo de terem de dissimular os seus instrumentos de música. Mas vale a pena...

Kurt continuava a dissertar num tom apaixonado. Referiu-se de novo à relação existente entre a sua família, aqui, e a epopeia balcânica, lá, e bem assim às relações entre a administração e a arte, o efémero e o eterno, a carne e o espírito...

— Seja como for, podes falar nisso tanto quanto te apetecer entre estas quatro paredes, mas livra-te de o fazer em qualquer outro sítio recomendou-lhe o irmão mais velho cujo rosto ensombrecera.

À roda da mesa abateu-se um silêncio que os últimos tinidos dos garfos contra a porcelana dos pratos ainda tornavam mais tenso.

Para desanuviar a atmosfera, o governador dirigiu-se a MarkAlem num tom jovial: — Diz-me uma coisa, meu sobrinho: de há uns tempos para cá, nunca mais te ouvi participar na conversa. Aparentemente, mergulhaste da cabeça aos pés no mundo dos sonhos!

MarkAlem sentiu-se corar outra vez. Lá vinha a atenção de todos concentrar-se novamente nele.

— Trabalhas na Selecção, não é? — continuou o tio. — O Vizir perguntou-me ontem por ti. A verdadeira carreira no Palácio dos Sonhos, segundo ele me disse, começa na Interpretação, pois é apenas lá que se efectua um trabalho realmente criativo e que podem brilhar as capacidades pessoais de cada um. Não és da mesma opinião?

MarkAlem encolheu os ombros, como para significar que não fora ele que escolhera o sector onde devia trabalhar. Porém, no olhar do tio mais velho, pareceu-lhe discernir como que um secreto lampejo.

Embora o governador tivesse baixado prontamente os olhos para o prato, este insólito lampejo também não escapara à sua própria irmã. Foi com inquieta atenção que ela se pôs de novo a seguir a discussão sobre o Tabir Sarrail na qual todos, menos o seu filho, tomavam agora parte.

Sim, excepto MarkAlem que, não obstante, se encontrava presentemente mesmo no âmago do Tabir... O espírito da mãe

trabalhava, como que acometido de alguma febre. Teria ela cuidado durante tanto tempo do filho para ir finalmente lançá-lo numa jaula de feras que, a despeito da sua sedutora denominação, não passava em realidade de um mecanismo cego, fatal, cruel, conforme acabavam todos de o qualificar?

Pelo canto do olho, contemplava o rosto macilento do filho. «Como é que o seu MarkAlem se orientaria nesse caos de sonhos, nesses brumosos flocos de sono, nesses pesadelos nos confins da morte? Como pudera ela deixá-lo penetrar em semelhante inferno?»

A conversa sobre o Tabir Sarrail ia-se prolongando à sua volta, mas ele sentia-se demasiado cansado para a seguir. Kurt e um dos primos discutiam sobre o facto de saber se a retomada de poder do Palácio dos Sonhos era um indício da crise actual do super-Estado otomano, ou simplesmente um acaso, enquanto o governador não parava de repetir: «Bem, vamos lá! falemos de outra coisa...»

Por fim, as visitas levantaram-se para irem tomar o café no salão. Despediram-se já bastante tarde, cerca da meia-noite. MarkAlem encaminhou-se em passos lentos para o seu quarto no primeiro andar. Não tinha a mínima vontade de dormir, mas isto não o preocupava por aí além. Haviam-no informado de que, nas duas primeiras semanas, os empregados recentemente colocados no Tabir Sarrail sofriam em geral de insónia, mas não tardavam a recuperar em seguida o sono.

Estendeu-se sobre a cama e permaneceu um bom bocado de olhos abertos. Tinha o espírito muito sereno. Era uma insónia isenta de sofrimentos, regular e fria. E esta insónia não era a única coisa que mudara nele. Tudo, no seu ser, parecia ter passado por uma transformação. O grande relógio da encruzilhada bateu as duas horas. Ele disse consigo que por volta das três horas, o mais tardar três e meia, acabaria decerto por adormecer. Mas, ainda que o sono o visitasse, em que pasta iria escolher os seus sonhos dessa noite?

Foi o seu último pensamento, antes de pegar profundamente no sono.

# INTERPRETAÇÃO

Bastante mais cedo do que esperava, ainda antes da Primavera ter dado o mínimo sinal da sua aproximação (ele pensara que passaria pelo menos essa Primavera e até mesmo o Verão seguinte na Selecção), portanto muito antes de a nova estação se fazer sentir, MarkAlem foi transferido para o sector da Interpretação.

Um dia, antes da sineta que assinalava a pausa da manhã, avisaram-no de que devia apresentar-se na Direcção-geral. «Qual é o assunto?» indagou ele ao mensageiro, mas, julgando vislumbrar uma sombra de ironia nas comissuras dos seus lábios, arrependeu-se logo a seguir. Era evidente que nunca se faziam perguntas deste género no Tabir Sarrail.

Ao palmilhar o corredor, toda a espécie de dúvidas e de suposições se misturavam no seu espírito. Teria cometido algum erro no trabalho? Dar-se-ia o caso de alguém ter largado lá dos confins do Império para vir bater a todas as portas, ir de gabinete em gabinete, de vizir em vizir, e reclamar o seu sonho injustamente atirado para o cesto dos papéis? Tentou recordar-se dos sonhos que eliminara nos últimos dias não sem uma certa hesitação, mas não se lembrava de nenhum deles. Talvez não se tratasse disto. Talvez o chamassem por uma coisa muito diferente. De resto, era quase sempre assim: quando nos convocavam era quase sempre por um motivo que nunca teríamos imaginado. Divulgação de segredo? Mas ele não se encontrara com nenhum dos seus amigos desde a sua nomeação. Enquanto perguntava o caminho ao longo dos corredores, ia tendo cada vez mais a impressão de que já calcorreara aquela ala do Palácio. Pensou de si para consigo que talvez tivesse esta impressão em virtude de todos os corredores do edifício se assemelharem como duas gotas de água, mas quando se viu finalmente no compartimento da braseira onde, atrás de uma mesa de madeira, estava postado o homem do rosto oblongo, de

olhar permanentemente fixo na porta, teve a confirmação de que fora de facto à porta dos serviços da Direcção-geral que batera no primeiro dia da sua chegada ao Tabir Sarrail. Absorto no seu trabalho, esquecera-se totalmente da existência dele, e, mesmo agora, ignorava qual era a função, no Palácio dos Sonhos, do homem de rosto oblongo que o recebera nesse dia. Seria um dos numerosos subdirectores, ou o director-geral em pessoa?

Em pé diante dele, como que petrificado de angústia, MarkAlem esperava que o outro lhe dirigisse a palavra. Mas os olhos do alto funcionário continuavam a contemplar a porta, à altura da maçaneta, e, apesar de já estar familiarizado com esta mania do seu interlocutor, MarkAlem, por momentos, julgou que ele ainda aguardava alguém antes de lhe expor o motivo por que mandara vi-lo. Mas o funcionário acabou por desprender os olhos da porta.

— MarkAlem... — disse ele numa voz muito baixa.

Este ficou coberto de suores frios. Não sabia que postura tomar, se devia dizer às suas ordens, pronunciar alguma outra fórmula de respeito ou então esperar, imóvel, a sinistra notícia. Neste momento, estava convencido de que só o haviam convocado por algo de desagradável.

— MarkAlem... — repetiu o outro. — Conforme te disse no primeiro dia da tua chegada aqui, tu convéns-nos.

«Ó meu Deus!» disse MarkAlem com os seus botões. Outra vez este pedaço de frase estranha que ele julgara nunca mais ter de ouvir...

— Convéns-nos — prosseguiu o alto funcionário -, e é por isso que, a partir de hoje, és transferido para a Interpretação.

Sentiu os ouvidos zumbir. Maquinalmente, volveu os olhos para a braseira colocada no centro do compartimento, cujos tições meio recobertos de cinzas se lhe afiguraram alumiados por um sorriso sardónico, igual ao que esboçam certas pessoas semicerrando os olhos. Fora este mesmo brasido que, no dia memorável da sua chegada, consumira a sua carta de recomendação e parecia agora ensimesmado numa espécie de indiferença.

— Tens razão em não manifestar nenhum sinal de satisfação — articulou a voz do outro.

E MarkAlem interrogou-se acto contínuo: «Como é que estou a reagir?»

De facto, não experimentava nenhuma alegria, e no entanto sentia muito bem que tinha obrigação de agradecer, tanto mais que, pouco antes, ainda estava no auge da ansiedade. Abriu a boca para proferir algumas palavras, mas a voz do funcionário interrompeu-o: — Compreendo-te. Se não exprimes nenhuma alegria, é porque tens perfeita consciência da responsabilidade inerente às tuas novas funções. A Interpretação é merecidamente qualificada de centro nevrálgico do Tabir. As remunerações, lá, são mais elevadas, mas o trabalho também é mais difícil (terás de fazer frequentemente horas suplementares); além disso, e trata-se do essencial, a responsabilidade é mais pesada. Seja como for, deves apreciar o favor que te é feito. Não te esqueças de que o caminho para os cimos do Tabir Sarrail passa pela Interpretação.

Pela primeira vez, pousou o olhar em MarkAlem, não no rosto, mas a meia altura do corpo, no ponto onde deveria encontrar-se a maçaneta se a pessoa que estava na sua frente fosse uma porta.

«O caminho para os cimos do Tabir passa pela Interpretação», murmurou a sós MarkAlem repetindo a frase que acabava de ouvir. Aprestava-se a responder que talvez não tivesse as capacidades requeridas para essa tão delicada função que é o deciframento dos sonhos, mas o outro, como se lesse nos seus pensamentos, antecipou-se-lhe: — A interpretação dos sonhos no Tabir Sarrail é difícil, mesmo muito difícil. Não tem nada a ver com a banal interpretação que deles faz o povoléu: serpente igual a mau presságio, coroa, feliz augúrio, e outros chavões deste género. Tão-pouco nada de comum com todas as obras sobre a chave dos sonhos. A Interpretação, no Tabir, é de outro nível, bastante superior a tudo isto. Ela obedece a uma outra lógica, a outros símbolos ou combinações de símbolos.

Assim, ainda me acho menos capaz de semelhante trabalho, estive tentado a dizer MarkAlem. Já assustado com a ideia de ter se haver com símbolos tradicionais, no caso de se tratar de símbolos absolutamente novos, seria ainda muito pior! Ia abrir finalmente a boca, mas o outro interrompeu-o logo: — Talvez perguntes a ti

mesmo como há-de fazer para aprender as chaves da decifração. Nada receies, meu filho, aprenderás, e até mesmo bastante depressa. Foi assim, como tu, com hesitação e sem grande confiança em si próprios, que iniciaram o seu trabalho esses mesmos que, posteriormente, se converteram no orgulho da Interpretação. Duas semanas, no máximo três, ser-te-ão suficientes para dominares a matéria. Em seguida (fez-lhe sinal para se aproximar, e MarkAlem avançou um passo na direcção da mesa), de nada mais precisarás. Aprender mais seria inclusivamente nocivo, pois correrias então o risco de te transformar num decifrador mecânico. A Interpretação é um trabalho criativo em alto grau. O estudo das imagens e dos símbolos não deve ser aí levado à última extremidade. O essencial é fazer nossos certos princípios, como na álgebra. De resto, estes mesmos princípios não devem ser tomados de maneira demasiado rígida; de outro modo, a tarefa perderia o seu verdadeiro sentido. A grande interpretação começa onde acaba a rotina. É na combinação dos símbolos que deverás fazer incidir antes de tudo a tua atenção. Um último conselho: todo o trabalho no Tabir constitui um grande segredo, mas a Interpretação, essa, é o segredo dos segredos. Não te esqueças disto. E agora, vai lá começar o teu novo trabalho. Já foram prevenidos da tua chegada. Boa sorte!

MarkAlem saiu empurrando com ar aturdido a porta que os olhos do funcionário se tinham de novo posto a fixar. Errou pelos corredores, de espírito ausente, até ao momento em que caiu em si e se recordou de que procurava a Interpretação. Os corredores estavam totalmente desertos. A hora da pausa matinal devia ter passado quando ele se achava no gabinete do alto funcionário: este extremo sossego não podia explicar-se de outra maneira. Ele reconhecia aí o silêncio que se tornava geralmente a fazer após a dita pausa. Caminhou durante muito tempo na esperança de se cruzar com alguém junto de quem pudesse informar-se. Mas não se via viva alma. Às vezes julgava ouvir passos algures à sua frente, depois do cotovelo desenhado pelo corredor, mas, assim que atingia esta esquina, o ruído de passos parecia perder-se noutra parte, talvez no andar de cima, talvez no de baixo. «E se eu deambular assim

toda a manhã?» pensou ele cheio de inquietude. «Irão dizer que me apresento atrasado logo no meu primeiro dia de trabalho.» A sua inquietude não cessava de aumentar. Devia ter perguntado ao subdirector — a menos que fosse o director-geral, ou só Deus sabe quem! — o caminho a tomar para ir lá ter.

Continuou a andar. As galerias pareciam-lhe ora familiares ora estranhas. Não ouvia sequer a mais pequena porta abrir-se. Enveredou por uma larga escada e subiu ao piso superior, depois voltou a descer até ao seu ponto de partida e, alguns instantes mais tarde, veio a dar consigo num andar mais abaixo. Por toda a parte o mesmo silêncio, o mesmo vazio. Teve a sensação de que, dentro em pouco, já não conseguiria coibir-se de berrar. Devia estar agora numa ala muito afastada do núcleo do edifício, pois os pilares de sustentação do corredor deram-lhe a impressão de se terem ligeiramente comprimido. De súbito, no momento em que se aprestava a arrear caminho, lá no fundo do corredor, onde se iniciava uma curva, julgou distinguir uma forma humana. Dirigiu-se para ela. O homem mantinha-se especado diante de uma porta. Antes de MarkAlem se ter abeirado dele, o outro fez-lhe sinal para parar. Imobilizou-se instantaneamente.

— O que procuras? — lançou-lhe o desconhecido. — É proibido passar por aqui.

— Procuro a Interpretação. Há uma hora que ando aqui à roda. O homem encarou-o com um ar desconfiado.

— Trabalhas na Interpretação e nem sequer sabes o caminho para lá?

— Acabo de ser nomeado, mas ignoro onde ela se situa. O outro continuava a escrutá-lo.

— Regressa na direcção donde vens — acabou ele por largar -, segue o corredor até ao vão da escada principal. Aí, sobe ao piso superior e, quando desembocares no patamar, mete pela galeria à tua direita. Encontrarás a Interpretação lá ao fundo, mesmo à tua frente.

— Obrigado — disse MarkAlem dando meia volta.

Enquanto caminhava, ia repetindo para si mesmo, a fim de o não esquecer: corredor principal até à escada maior, piso superior,

galeria à direita...

«Quem será afinal este homem que veio em meu socorro?» interrogou-se ele. Tinha o aspecto de uma sentinela, mas que diabo há para guardar em tal universo de surdos-mudos? Aquele palácio estava deveras recheado de mistérios.

De longe, julgou distinguir uma pálida claridade descida da grande clarabóia que encimava o vão de escada. Respirou aliviado.

Há cerca de três semanas que ele trabalhava na Interpretação. Durante as duas primeiras, estivera sob a égide dos velhos mestres experimentados, iniciando-se junto deles nos segredos da decifração dos sonhos, até ao dia em que o seu chefe veio dizer-lhe: — Agora já aprendeste o suficiente. A partir de amanhã, vais receber a tua própria pasta.

— Tão depressa? — volveu MarkAlem. — Já estarei em condições de trabalhar sozinho?

O chefe sorriu.

— Não te preocupes. Foi assim que todos começaram. E aliás, está ali o vigilante de sala; à mínima dúvida, podes dirigir-te a ele.

Há quatro dias que trabalhava na sua pasta. Nunca sentira a cabeça tão perturbada. Comparado com a nova tarefa, o trabalho na Selecção, que lhe parecera extenuante, surgia agora a seus olhos como uma simples brincadeira. Nunca imaginara que o trabalho na Interpretação fosse tão infernal.

Tinham-lhe entregue uma pasta que passava por ser fácil: Vida civil, corrupção, e ele dizia por vezes consigo: «Meu Deus, só de pensar que já perco a cabeça com uma pasta destas... que farei quando me colocarem diante da pasta das conspirações contra o Estado?»

A pasta estava cheia de sonhos. Ele lera perto de sessenta e pusera de lado uns vinte que se sentira desde logo apto a decifrar, mas quando voltara a abordá-los, parecera-lhe pelo contrário que eram estes os mais espinhosos. Dentre o grupo dos sessenta, escolhera então outros que, a princípio, lhe haviam dado a impressão de poderem ser interpretados, mas, ao cabo de uma ou duas horas, eles tinham-se turvado, ensombrado, entenebrecido sob

o seu olhar, para se transformarem finalmente em autênticos enigmas.

«Impossível!» exclamara ele baixinho várias vezes. «Ainda acabo por enlouquecer!» Em quatro dias inteiros, não conseguira decifrar de ponta a ponta um único sonho. Sempre que determinados elementos lhe pareciam adquirir sentido, logo o assaltava uma dúvida e aquilo que se lhe afigurara inteligível poucos momentos antes tornava a surgir-lhe como inexplicável. «Mas que loucura, toda esta história não passa de pura loucura!» repetia ele para si mesmo tapando os olhos com as mãos. A ideia de um eventual erro obcecava-o. Havia alturas em que se convencia de que, em toda esta faina, não se podia senão cometer lapsos, e que era por mero acaso que acontecia acertar-se.

Por vezes, acometia-o uma inquietude febril. Ainda não apresentara aos seus superiores nenhum sonho decifrado. Estes podiam tomá-lo quer por um incapaz, quer por uma pessoa exageradamente timorata. Mas como faziam os outros que ele via a encherem folhas inteiras de escrita? Santo Deus, como era possível que exibissem um ar tão sereno?

Em verdade, cada decifrador podia retirar da sua pasta certos sonhos que não lograva explicar, e estes eram transmitidos aos decifradores de dificuldades, os mestres da Interpretação, mas, já se vê, não se podia despachar para a Interpretação difícil a maioria das pastas.

MarkAlem esfregou as fontes como se quisesse expulsar o sangue que nelas se acumulara e se obstinava em estagnar ali. Os símbolos afluíam às dezenas à sua cabeça: o caduceu, o fumo, a recém-casada coxa, a neve... Eles moviam-se aí numa sarabanda desenfreada, enxotavam de lá as representações normais do mundo, esforçavam-se por substituí-las pelos seus movimentos frenéticos e insensatos. «Seja o que Deus quiser, vou dar a este sonho a primeira explicação que me acudir ao espírito», disse ele consigo mesmo dispondo uma folha à sua frente. «Vamos lá, que a sorte me acompanhe!»

Era o sonho de um aluno de uma escola religiosa da capital. Dois homens tinham encontrado um velho arco-íris desabado. Haviam-no

reposto penosamente de pé, desencardido da poeira, um deles dedicara-se a pintá-lo de novo, mas o arco-íris recusava-se absolutamente a recobrar vida. Então ninguém mais lhe ligou e abalaram todos a correr.

«Hum...», balbuciara MarkAlem apertando a caneta entre os dedos. Aprestava-se a escrever, mas o seu belo assomo de coragem já se desvanecera. Aplicou-se apesar de tudo. Sem reflectir bem, ou melhor, modificando bruscamente a sua primeira explicação do sonho, escreveu por baixo: Aviso de... Aviso de... «Ah! meu Deus, o que pretenderá anunciar este pesadelo?» esteve ele quase a exclamar em voz alta. «Mas que gaita! É de endoidecer!» Riscou as palavras Aviso de... e, furiosamente, atirou a folha para o meio do monte de sonhos ininterpretáveis. Não, ele preferia ser despedido sem tardança a ocupar-se de semelhantes insânias! Entalou a testa entre as mãos e ficou assim de olhos semicerrados.

Ao cabo de uns instantes, ouviu a voz ténue do vigilante de sala: — MarkAlem, o que tens? Dói-te a cabeça?

— Sim, um bocadinho.

— Não te apoquentes, isso acontece a toda a gente no começo. Precisas de alguma coisa?

— Obrigado. Daqui a pouco irei pedir-lhe certas explicações.

— Ah, sim? Muito bem. Tenho estado à espera todos estes dias.

— Não quis incomodá-lo por dá cá aquela palha...

— Oh! Não cedas a esse género de escrúpulos. Estou aqui para te ajudar.

— Daqui a uma hora — disse MarkAlem — levar-lhe-ei uma coisa. Se bem que...

— Se bem que...?

— Se bem que eu não tenha absoluta certeza... É possível que as minhas explicações sejam completamente erróneas, no caso de não serem autênticas parvoíces.

O vigilante sorriu e lançou-lhe antes de se afastar: — Fico à tua espera.

«Agora, já não tenho a mínima escapatória», pensou MarkAlem de si para consigo. «A bem ou a mal, vou ter de efectuar este trabalho como todos os outros. Vamos lá», animou-se ele, «seja o

que Deus quiser!» E procurou a folha do sonho que se referia a um grupo de homens vestidos de preto, transpondo um fosso antes de se perderem numa planície nevada. Subitamente, o sentido do sonho pareceu-lhe límpido: um grupo de funcionários, depois de terem perpetrado qualquer exacção contra o Estado, vencem os obstáculos que se erguiam na sua frente e caminham então numa planície coberta de neve, o que designa a queda de um governo.

Transcreveu prontamente esta explicação, mas ainda não terminara a sua última frase e já dizia para consigo: «Esta é boa, trata-se quase de uma conspiração contra o Estado!». Releu a sua explicação e achou-se reforçado na ideia de que se estava de facto perante algo que se assemelhava a uma conjura. Ora, tinham-lhe confiado a pasta relativa à vida civil e à corrupção. Desesperado, as suas mãos descerraram-se e ele deixou cair a caneta. Julgava ter finalmente deslindado algo desta vez, e afinal falhara de novo! «Mas espera aí», pensou; «talvez não seja exactamente assim». Bem vistas as coisas, da corrupção ao conluio dirigido contra o Estado não ia uma grande distância, visto que em ambos os casos eram funcionários que estavam implicados: E depois — ah! que parvo ele fora em não ter pensado nisto mais cedo! — e depois, por conseguinte, a classificação das pastas não era assim tão rigorosa e não estava prescrito em parte alguma que a pasta Vida civil não incluísse igualmente sonhos alusivos às grandes questões do Estado. De resto, não lhes tinham acaso dito mais de uma vez que não se podia senão felicitar qualquer empregado do Tabir que encontrasse ousadamente um indício importante onde à primeira vista apenas se discerniam sinais muito vulgares? Sim, sim, ele recordava-se bastante bem desta instrução. Afirmava-se inclusivamente que muitos Sonhos-Mores haviam saído de pastas banais.

MarkAlem sentiu-se realentado. Sem esperar que o seu ímpeto abrandasse, pegou sucessivamente em quatro sonhos que já lera repetidas vezes e, sem perda de tempo, inscreveu sob cada um deles a explicação que lhes atribuía. Estava contente consigo e dispunha-se a sacar da folha de um quinto sonho, quando uma causa inexplicável o incitou a procurar no meio da pilha o primeiro de todos os sonhos e a reler a explicação de que lhe fizera seguir.

Assaltou-o imediatamente uma dúvida. «Não me terei enganado, não se dará o caso de este sonho poder ser explicado de outra maneira?» repetiu para si mesmo. Instantes mais tarde, estava intimamente persuadido de se ter extraviado na sua interpretação. A testa cobriu-se-lhe de um suor gelado, e, de olhos fitos, ele contemplava as linhas que a sua mão traçara pouco antes com tanta alacridade e lhe pareciam agora estranhas, hostis. «Que devia fazer?» Disse então a sós consigo: «Que diabo! Quem irá ligar assim tanta importância a este sonho entre as dezenas de milhares que são aqui tratados?» e aprestava-se a deixar a folha como estava quando, no derradeiro momento, a sua mão se desviou novamente. E se alguém acabasse por descobrir o seu erro? Tanto mais que tal sonho punha em causa funcionários do Estado! Ora, os meios oficiais podiam ser avisados disto de qualquer forma e o pior é que se corria o risco de cada qual tomar esta acusação contra si ou contra o seu círculo. Procurar-se-ia quem fornecera a explicação deste sonho e, ao saber-se a verdade, dir-se-ia: «Olha, olha, um certo MarkAlem, um fedelho ainda mal entrado no Tabir Sarrail, quis logo, ao decifrar o seu primeiro sonho, cobrir de lama os altos servidores do Estado. Tenham olho nesta serpente venenosa!»

De um movimento brusco, MarkAlem levantou a folha perpendicularmente à mesa, como se receasse que alguém viesse olhar o que ele lá escrevera. Devia imperiosamente tentar reparar esta falta enquanto ainda era tempo. Mas como? Lembrou-se então de suprimir pura e simplesmente este sonho, mas ocorreu-lhe logo a seguir que cada pasta trazia, inscrito na capa, o número de sonhos que continha. Um tal gesto bastaria para mandar uma pessoa directamente para a prisão como um vulgar malfeitor... Outra coisa, ia ele pensando, outra coisa... Devia fazer outra coisa! Ah, se não tivesse investido de cabeça baixa, se não tivesse pegado imediatamente na caneta como um insensato, poderia agora explicar este sonho de modo inteiramente diferente. Um impulso quase diabólico impelira-o a enegrecer aquela folha para sua própria desgraça. Assim, ficara tudo sem remédio. «Mas espera aí», recompôs-se ele sem desprender os olhos da sua própria escrita, «talvez nem tudo esteja ainda perdido». Percorreu o texto com uma

rapidez fulgurante e disse consigo mesmo que ainda havia maneira de arranjar uma solução. Depois de reler a página uma terceira vez, espantou-se de não ter pensado nisso mais cedo. Um alívio inesperado irradiou a partir das suas têmporas na direcção da garganta e dos pulmões. No fim de contas, as correcções eram coisa corrente num texto. Introduziria a sua de modo a que ela não chamasse a atenção, dando antes a impressão de um esclarecimento suplementar inserido em determinada frase, só para melhorar o estilo. Bastava-lhe acrescentar um simples verbo. Releu pela enésima vez a frase um grupo de funcionários, depois de terem perpetrado qualquer exacção contra o Estado..., e, por fim, com a mão a tremer, após o auxiliar terem, acrescentou a palavra impedido e reviu a conjugação do verbo perpetrar. A frase tinha agora o significado oposto: um grupo de funcionários, depois de terem impedido que fosse perpetrada qualquer exacção contra o Estado... Releu-a uma vez, duas vezes; tudo lhe pareceu em ordem. A correcção mal se notava. E mesmo que a detectassem, poder-se-ia julgar que ela se devia a uma omissão no acto de escrever que o redactor emendara logo após a primeira releitura. Soltou um suspiro de alívio. O caso estava finalmente resolvido... MarkAlem, depois de ter perpetrado esta exacção contra o Estado... Olhou à sua volta cheio de terror. E se alguém se tivesse apercebido da sua artimanha? «Lerias», disse ele para consigo. O empregado mais próximo, que trabalhava na mesma mesa, estava a tão grande distância que nem sequer podia decifrar o título da sua pasta, quanto mais as linhas que escrevera. «Que sorte eu ter uma escrita aos gatafunhos», pensou ao cabo de uns momentos, e soltou um novo suspiro de alívio. Agora, após semelhante emoção, podia descansar um bocadinho. Que trabalho diabólico!

Deitou um olhar à socapa para o resto da sala. Os empregados trabalhavam sossegadamente, enfronhados nas suas pastas. Nem sequer se ouvia o rangido das canetas. De vez em quando, um ou outro abandonava a sua mesa de trabalho e, num passo leve, esforçando-se por fazer o mínimo barulho possível, encaminhava-se para a porta. Por certo que descia aos Arquivos para consultar as interpretações de sonhos análogos, feitas anteriormente, algumas

inclusive em épocas recuadas, por ilustres decifradores. «Santo Deus!» suspirou ele ao contemplar aquelas dezenas de cabeças debruçadas sobre as respectivas pastas.

Nestas pastas encontrava-se todo o sono do mundo, esse medonho oceano à superfície do qual eles se empenhavam em distinguir alguns indícios, alguns sinais perdidos. «Que desgraçados somos!» pensou de si para consigo.

Julgou-se na obrigação de ler mais umas tantas folhas, mas sentia que o seu cérebro estava como que encravado. Se os seus olhos soletravam os textos, já o seu espírito estava ausente. Uns soldados de rosto vendado. Milhares de sapatos numa praça; por cima, um arame estendido de lado a lado. Mais neve, porém, desta feita, amontoada em enormes baús ao mesmo tempo que o... enxoval de um homem! «Que cérebro tão transtornado», cogitou ele, e, subitamente, com um sentimento estranho, próximo da nostalgia, recordou-se do seu primeiro sonho naquele palácio. Três raposas brancas no alto do minarete da mesquita da subprefeitura. Um lindo sonho, muito asseado e muito limpo. Onde é que tal sonho se achava agora no meio deste mar horrendo? «Ah!...», suspirou ele, e puxou por uma das folhas. Ainda devia decifrar pelo menos duas até à hora da pausa, mas a sineta que indicava a suspensão do trabalho retiniu prematuramente, segundo lhe pareceu, e ele tornou a fechar a pasta.

Na cave onde se tomava café ou salep reinava a habitual animação. Era o único sítio onde se tinha ensejo de trocar algumas palavras com pessoas conhecidas, ou mesmo com desconhecidos. MarkAlem havia permanecido pouco tempo na Selecção, de modo que só travara lá conhecimento com um pequeno número de pessoas, e ainda por cima era raro encontrá-las no bufete. Porém, mesmo quando as avistava, sentia uma impressão esquisita: elas pareciam-lhe longínquas, como se pertencessem a um período ultrapassado da sua existência. Preferia meter conversa com desconhecidos. Não tivera um único dia de contentamento na Selecção, e era talvez por este motivo que ele se furtava a qualquer encontro com empregados do dito serviço. Na Interpretação, os dias eram igualmente aborrecidos e tristonhos, à excepção deste em que

chegara finalmente a um resultado. Talvez fosse por isso que, ao contrário das outras vezes em que descia amargurado ao bufete, se sentia agora relativamente mais bem-disposto.

— Onde trabalhas? — perguntou num tom desembaraçado a um homem em frente do qual arranjara um lugar vago, a uma mesa coberta de chávenas e de copos vazios.

O outro inteiriçou-se logo como se estivesse diante de um superior.

— Na repartição dos copistas, senhor — respondeu ele. MarkAlem não se enganara. Adivinhava-se sem custo que era um empregado recentemente nomeado, tal como ele mesmo o havia sido um mês antes.

— Estás a convalescer de alguma doença? — perguntou-lhe depois de ter engolido um trago de café, espantando-se ele próprio da sua segurança. — Acho-te com um ar muito pálido.

— Não, senhor — respondeu-lhe o outro assentando por momentos o seu copo de salep sobre a mesa. — Mas temos muito trabalho e...

— Sim, já se vê — volveu MarkAlem no mesmo tom desprendido, sem compreender lá muito bem ele mesmo donde lhe vinha este tom.

— Talvez seja o período de recrudescimento dos sonhos...

— Sim, sim — disse o outro sacudindo a cabeça com tamanha energia que MarkAlem teve a impressão de que bastariam mais duas ou três oscilações idênticas para o seu franzino pescoço acabar por se partir.

— E o senhor? — perguntou o outro numa voz tímida.

— Na Interpretação.

Os olhos do seu interlocutor iluminaram-se interiormente e bailou-lhe nos lábios esse género de sorriso que parece querer dizer: eu tinha quase a certeza.

— Bebe, não deixes arrefecer — disse MarkAlem ao verificar que o outro já não ousava erguer o seu copo da mesa.

— É a primeira vez que me vejo na presença de um senhor da Interpretação — disse o outro com um ar impressionado. — Estou tão feliz!

Por duas ou três vezes pegou no seu copo de salep, mas voltou a pousá-lo sem se atrever a levá-lo aos lábios.

— Há muito tempo que trabalhas no Palácio?

— Dois meses, senhor.

Ao fim de dois meses, já só te resta pele e osso, reparou MarkAlem. Sabe Deus qual seria o seu próprio aspecto daí a algum tempo...

— Temos tido muito, muito trabalho nos últimos tempos — disse o homem sorvendo finalmente o seu salep. — Fomos obrigados a fazer várias horas extraordinárias todos os dias.

— Isso mete-se pelos olhos dentro — retorquiu MarkAlem.

O outro sorriu, com ar de quem diz: «Que culpa tenho eu?»

— Acontece que as casas carcerárias ficam ao pé dos nossos escritórios — continuou ele — e quando precisam de copistas durante os interrogatórios, recorrem a nós.

— As casas carcerárias? — inquiriu MarkAlem. — O que vem a ser isso?

— Não sabe? — admirou-se o seu companheiro, e MarkAlem arrependeu-se logo de ter feito a pergunta.

— Nunca tive de lá ir — murmurou -, mas é claro que já ouvi falar delas.

— São praticamente contíguas à nossa repartição — disse o copista.

— Estás a falar das que ficam na ala do Palácio guardada por sentinelas?

— Justamente — confirmou o outro todo contente. — A sentinela posta-se exactamente em frente da porta delas. Então já por ali andou?

— Sim, mas por causa de outro assunto.

— Os nossos escritórios situam-se a dois passos; é por esta razão que os que lá trabalham se dirigem a nós quando precisam de copistas. Sim, o trabalho é realmente infernal. Neste momento, está lá um sujeito cujo interrogatório prossegue sem interrupção desde há quarenta dias.

— Que fez ele? — perguntou MarkAlem, juntando um bocejo à interrogação para a tornar mais despreocupada.

— Como? O que fez ele? Toda a gente sabe o que ele fez — disse o outro mergulhando o olhar no de MarkAlem. — É um fazedor de sonhos.

— Que mal tem ser um fazedor de sonhos?

— Nesses compartimentos, como decerto não ignora, são fechados os fazedores de sonhos que o Tabir Sarrail julga necessário convocar a fim de lhes pedir explicações complementares sobre os sonhos que eles enviaram para cá.

— Ah! Sim, já ouvi falar disso — voltou MarkAlem, e esteve tentado a bocejar de novo, mas, nesta altura, pela primeira vez, viu baixar a chama que brilhava nos olhos do outro.

— Talvez não me competisse falar de uma coisa que é secreta, como tudo o mais aqui dentro, mas atendendo a que trabalha na Interpretação, conforme me disse, pensei que estava ao corrente destes assuntos.

MarkAlem desatou a rir.

— Arrependes-te de ter falado? Sossega: trabalho de facto na Interpretação, e conheço segredos muito mais importantes do que esses que me revelaste.

— Naturalmente, naturalmente — disse o outro recompondo-se.

— E de resto — acrescentou MarkAlem baixando a voz — ainda se dá o caso de eu pertencer à família dos Quprili, nada tens portanto a temer...

— Meu Deus! — exclamou o copista. — Eu tinha uma espécie de pressentimento... Que sorte a minha por se ter dignado trocar umas palavras comigo!

— E como correm as coisas para esse fazedor de sonhos, lá na câmara carcerária? — interrompeu-o MarkAlem. — Estão a avançar? És copista, não és?

— Sim, senhor, trabalhei lá nestes últimos dias. Venho mesmo agora de lá. Como correm as coisas para ele? Pois bem, como hei-de dizer?... Até ao momento, encheram centenas de páginas com os seus depoimentos. É claro que ele está completamente desnortado, mas não tem culpa nenhuma. É um homem vulgaríssimo, de uma subprefeitura perdida nos confins do Leste. Quando expediu o sonho, nunca lhe passou pela cabeça que viria parar ao Tabir Sarrail.

— E o que há de tão importante nesse sonho? O outro encolheu os ombros.

— Nem mesmo eu sei. À primeira vista, parece bastante banal, mas deve lá haver qualquer coisa, visto que lhe ligam tanta importância. Parece que a Interpretação o devolveu para esclarecimentos complementares. Mas a verdade é que, apesar de todo este trabalho, ele está longe de se aclarar, e até se intrinca ainda mais.

— Não vejo o que se pode pedir a um fazedor de sonhos.

— É-me difícil dizer-lhe, senhor. Eu próprio não o compreendo bem. Pedem-lhe algumas pequenas precisões sobre pontos bizarros. Naturalmente, ele não é capaz de as fornecer. Há tanto tempo que teve este sonho... E além disso, depois de estar tantos dias aqui fechado, já nem sabe de que terra é. Escusado será dizer que nada ficou deste sonho na sua memória.

— Os casos deste género são frequentes?

— Não creio. Dois ou três por ano, não mais. De outro modo, as pessoas enchiam-se de medo e hesitariam em mandar sonhos.

— Certamente. E agora o que lhe vão fazer?

— Continuarão a interrogá-lo, até, até... (O copista abriu os braços.) Nem mesmo eu sei lá muito bem até quando.

— Eis algo de singular — notou MarkAlem. Não é portanto um acto isento de consequências o de enviar sonhos ao Tabir Sarrail. Pode-se receber um belo dia uma carta a convidar-nos para nos apresentarmos aqui.

O outro talvez fosse emitir uma observação, mas, entretanto, soou a sineta a anunciar o fim da pausa e, depois de se terem cumprimentado, viram-se obrigados a separar-se. Enquanto subia a escada, MarkAlem não conseguia enxotar do seu espírito tudo o que acabava de ouvir da boca do copista. O que eram afinal essas casas carcerárias? À primeira vista, parecia algo de absurdo, de inexplicável, mas não podia ser assim. Era sem sombra de dúvida uma espécie de aprisionamento. Mas porquê? Escusado será dizer que nada ficou deste sonho na memória do detido, afirmara o copista. Devia residir aqui o verdadeiro objectivo do seu cativo: era necessário levá-lo a esquecer o seu sonho. Este interrogatório

extenuante, dia e noite, o interminável auto, a busca de pretensos esclarecimentos sobre uma dessas visões que, por natureza, nunca podem ser precisas, até o sonho se desagregar e acabar por se dissolver irremediavelmente na memória do seu autor: «Mais valia dizer uma lavagem ao cérebro», pensou MarkAlem. Ou um dessonho, se nos é lícito semelhante neologismo, do mesmo modo que se diz descontinuidade como antónimo de continuidade, desrazão como contrário de razão.

Quanto mais reflectia, mais se ia convencendo de que era esta a única explicação. Aparentemente, tratava-se de erupções de ideias subversivas que o Estado, por um determinado motivo, tinha obrigação de isolar, tal como se isola o micróbio da peste até ele estar neutralizado.

MarkAlem atingira o alto da escada e percorria agora o comprido corredor, na companhia de dezenas de empregados iguais a ele, alguns dos quais eram tragados uns atrás dos outros pelas portas laterais. À medida que se aproximava das salas da Interpretação, tinha a impressão de que o sentimento de provisória segurança que o invadia há bocado no bufete, como qualquer sentimento deste género que a submissão de outrem nos inspira, o abandonava a pouco e pouco, cedendo de novo lugar à opressão que nele fazia nascer a insidiosa angústia de voltar a ser um empregado insignificante, perdido no gigantesco mecanismo.

Avistou de longe a sua mesa de trabalho, com a pasta pousada em cima; avançou para se acomodar contra a borda, como sobre a margem do sono universal, na orla das trevas donde se escapavam, saídos ninguém sabe de que profundezas, jactos negros e ameaçadores. «Meu Deus», suspirou ele, «Deus todo-poderoso, protege-me!»

O tempo arrefecera ainda mais. Por muito que os enormes fogões de aquecimento em cerâmica, atulhados de carvão, tivessem sido acesos logo de manhã cedo, as salas da Interpretação eram glaciais. Sucedia por vezes que MarkAlem não chegava a despir a sua pelica. Não percebia donde podia vir semelhante frio. «Não adivinhas?» dissera-lhe certo dia um indivíduo com que tomava café no bufete. «Emana das pastas. É de lá que nos vêm todos os males,

meu rapaz...» MarkAlem fingira não ouvir. «Que outra coisa se pode esperar provinda dos países do sono?» prosseguira o outro. «Parecem-se com os países da morte. Que infelicidade a nossa por termos de trabalhar sobre estas pastas!...» MarkAlem deixara-o sem responder. «Talvez fosse um provocador», pensara ele mais tarde. Persuadia-se cada dia um pouco mais de que o Tabir Sarrail estava a abarrotar de tipos esquisitos e de segredos de todos os géneros.

O que ele ouvira, ao longo deste período, sobre o Tabir e tudo o que lá se passava! À primeira vista, parecia que os empregados não diziam palavra, mas, com o correr dos dias, apanhando uma frase proferida no bufete, outra ouvida por acaso num corredor, às portas de saída ou na mesa vizinha, grão a grão, inconscientemente, constituíam-se na sua memória mosaicos completos que tão depressa não se apagariam nela. Assim, por exemplo, certas vozes afirmavam que o sonho, enquanto visão privada e solitária de um indivíduo, dava testemunho de uma fase transitória da humanidade, que havia de vir um tempo em que ele perderia esta especificidade e, tal como os outros feitos e gestos do homem, se tornaria igualmente perceptível a todos. Em suma, do mesmo modo que uma planta ou um fruto permanece debaixo de terra durante um certo período antes de surgir à superfície, os sonhos do homem estavam por ora imersos no sono, o que não significava que assim aconteceria sempre. Um dia, os sonhos emergiriam à luz do dia e viriam ocupar todo o seu lugar no pensamento, na experiência e na acção humanos; quanto a saber se isto seria um bem ou um mal, se o mundo ficaria mudado para melhor ou para pior, só Deus o sabia.

Outros sustentavam que o Apocalipse não era outra coisa senão o dia em que os sonhos saíam da prisão do sono, pois a Ressurreição dos Mortos, que os homens concebiam de maneira banal, metafísica, se consumaria de facto sob esta forma. Não seriam já os sonhos as suas mensagens precursoras? Esta secular reivindicação dos mortos, esta súplica, este lamento, este protesto — independentemente do nome que se lhes desse — havia assim de ter um dia o devido acolhimento.

Existiam outros que, aderindo embora a esta maneira de ver, a explicavam de modo absolutamente oposto. A emergência dos sonhos no áspero clima do nosso universo, diziam eles, só contribuirá para causar o seu estiolamento, o seu perecimento. Assim, os vivos romperiam com a angústia dos mortos, por conseguinte com o passado, e nesta ruptura, que alguns consideravam uma desgraça, viam outros uma libertação, como que um autêntico renovamento do mundo.

MarkAlem tinha os ouvidos cheios destes raciocínios. Mas o que ele achava ainda mais obsidiante eram os longos dias descoloridos em que não se falava de nada, em que não se produzia nada e em que era obrigado a trabalhar, curvado sobre a sua pasta, passando de um sonho a outro, como se estivesse no meio de um nevoeiro que parecia por vezes prestes a dissipar-se mas que, em geral, permanecia opaco e impregnado de soturnidade.

Era uma sexta-feira. Neste dia devia reinar entre os encarregados do Sonho-Mor uma certa febrilidade. O Sonho-Mor tinha certamente sido escolhido e faziam-se os preparativos para o enviar ao palácio do Soberano. Há já muito tempo que a carruagem com as armas imperiais esperava lá fora, rodeada de guardas. O Sonho-Mor ia partir, mas, mesmo após a sua partida, a secção manter-se-ia tomada de uma viva animação, subsistiria ali um certo estado de tensão, ou pelo menos a curiosidade de saber como é que o sonho seria recebido no palácio do Sultão. Geralmente, a notícia chegava no dia seguinte: o Padixá ficara satisfeito — ou então o Padixá nada dissera — ou por vezes ainda: o Padixá ficou descontente. Mas isto só raramente sucedia, muito raramente.

De qualquer modo, os dias eram mais animados nesta secção do que nas outras, correndo aí de forma diferente. A semana passava depressa, na expectativa da sexta-feira. Nas outras, em contrapartida, tudo se resumia ao tédio, à monotonia, ao negrume.

«E não obstante», disse MarkAlem consigo, «todos aspiram a ser colocados na Interpretação». Se soubessem como as horas se arrastam aqui! E, como se isto ainda não bastasse, pairava por toda a parte uma angústia permanente (desde que se tinham aceso os

fogões de aquecimento, queria-lhe parecer que esta ansiedade difusa exalava um cheiro a carvão).

Debruçou-se sobre a sua pasta e retomou a leitura. Familiarizara-se relativamente com o seu trabalho e já não lhe custava tanto encontrar uma explicação para os sonhos. Dentro de poucos dias chegaria ao fim da sua primeira pasta. Não lhe restavam senão algumas folhas. Leu um certo número de sonhos maçadores onde se falava de água estagnada, enegrecida, de um galo doente que se atolara numa turfeira, de um reumatismo saído do corpo de um conviva no decurso de um jantar'. «Que horror!» disse ele baixinho largando a caneta. Dava a impressão que o refugio tinha sido reservado para o fim. Voltou a pensar nas salas dos encarregados do Sonho-Mor do mesmo modo que se evoca, num ambiente particularmente lúgubre, uma morada onde se apronta uma boda. Ele nunca vira estas salas, nem sequer sabia em que ala do palácio se situavam. Apesar de tudo tinha a certeza de que, ao contrário das outras, deviam estar iluminadas por grandes janelas que subiam até ao tecto e por onde penetrava uma claridade solene que enobrecia pessoas e coisas.

«Ora bem...», murmurou MarkAlem tornando a pegar na caneta. Obrigou-se a trabalhar sem descanso até ao momento em que retiniria a sineta a assinalar o fim do dia. Ainda lhe restava examinar duas folhas para terminar o estudo da sua pasta. Faria bem em lê-las para se livrar delas de uma vez por todas.

À sua roda, por toda a parte, espalhou-se o estardalhaço dos empregados a abandonarem as mesas para se encaminharem na direcção da saída. Ao cabo de alguns instantes, quando se refez silêncio, já não se via na sala senão os que tinham decidido ficar depois do horário regulamentar. MarkAlem sentiu-se invadido pelo vazio subsequente à abalada da maioria dos empregados. Este vazio experimentara-o ele sempre que se demorara a trabalhar até tarde, no fim do dia, mas não podia evitá-lo... Era bem visto fazer de vez em quando horas extraordinárias de livre vontade, sem contar com os casos em que se recebia ordem para ficar. Resignara-se a sacrificar mais este serão. Abafando o final de uma longa expiração que se confundia com um longo suspiro, pôs-se a ler a penúltima

das duas folhas. «Olha, olha!...» admirou-se ele, perplexo, após ter tomado conhecimento da primeira linha. Quando é que já se lhe deparara este sonho? Um baldio com detritos perto de uma ponte e um instrumento de música... Por pouco não soltou uma exclamação de surpresa. Era a primeira vez que lhe vinha parar às mãos um sonho que ele próprio já examinara quando estava na Selecção. Alegrou-se como se reencontrasse um velho conhecimento, virou a cabeça para a direita e para a esquerda a fim de comunicar a alguém esta coincidência, mas os empregados ainda presentes eram muito pouco numerosos na sala e o mais próximo achava-se a não menos de dez passos.

Ainda sobreexcitado com a sua pequena descoberta, aplicou-se a ler o texto do sonho, a princípio sem se concentrar em alto grau e depois cada vez com mais atenção. Não conseguia deslindar nele o mínimo significado particular. Mas não se inquietou nada com isto. Um grande número de sonhos, à primeira abordagem, pareciam assim desprovidos de sentido, como uma parede lisa à qual é inútil querermos afincar-nos, mas bastava um minúsculo lampejo para se descobrir repentinamente um lanço do sonho. Também acabaria decerto por achar a chave deste. Já adquirira alguma experiência no seu trabalho. O baldio coberto de detritos, a velha ponte, o instrumento de música desconhecido e o touro enfurecido eram realmente uns ricos símbolos, mas ele não conseguia descortinar o nexos que os ligava uns aos outros. Ora, para decifrar um sonho, a relação entre os diversos símbolos era geralmente mais importante que os próprios símbolos. Mark Alem agrupou-os dois a dois: a ponte com o touro, e o instrumento de música com o baldio; depois a ponte com o instrumento, e o baldio com o touro; por fim, o touro com o instrumento de música, e a ponte com o baldio. Esta última relação, touro/instrumento e ponte/baldio, parecia deixar vislumbrar um certo significado, mas nada tinha de lógico: um touro (uma força bruta descontrolada), excitado por uma música (perfídia, segredo, intensa propaganda), destruiria a velha ponte. Se, em lugar da ponte, se tratasse de uma coluna ou da muralha de uma cidadela, ou de algum outro símbolo do Estado, o sonho poderia revestir-se de um certo sentido, mas a ponte não representava nada disto. Era

geralmente o símbolo de um objecto útil aos homens, tal como o eram igualmente as fontes, as estradas... «Mas espera aí...», disse MarkAlem consigo mesmo, e uma forte opressão cortou-lhe a respiração. «A ponte não estava porventura ligada, por seu turno, ao próprio patronímico dele?... Talvez algum sombrio presságio...»

Releu novamente o texto e a sua respiração tornou-se mais leve: o touro não arremetia de modo nenhum contra a ponte. Andava às voltas no baldio, simplesmente.

Sonho vazio, pensou de si para consigo. O prazer de ter reencontrado este sonho na sua pasta cedeu o lugar a um sentimento de desprezo. Recordava-se agora de que, mesmo quando o lera na Selecção, ele lhe parecera falho de sentido. Já então teria feito melhor em atirá-lo para o cesto dos papéis! Mergulhou a caneta no tinteiro e aprestou-se a inscrever na folha a menção de insolúvel, mas a sua mão ficou por instantes em suspenso. E se o deixasse para voltar a ele no dia seguinte de manhã? Se pedisse conselho ao vigilante? Em verdade, embora fossem admitidos os pedidos de conselho, não era lá muito bem visto abusar desta prática. MarkAlem enervava-se. Faria melhor em encerrar esta pasta, até já perdera demasiado tempo com ela...

Pegou no último sonho, resolveu-o rapidamente, em seguida voltou ao que deixara em suspenso. Hesitava, perguntava de novo a si mesmo se devia inscrever ali a menção de insolúvel, classificá-lo e ir-se embora, quando o chefe da Interpretação penetrou na sala. Trocou algumas palavras em voz baixa com o vigilante, olhou à sua volta, como para contar os que tinham ficado, depois ainda cochichou mais qualquer coisa ao encarregado da vigilância.

— Tu e mais tu — proferiu a voz deste último quando o chefe se afastou. (MarkAlem virou a cabeça.) — E vocês os dois aí também. E tu também, MarkAlem, ficareis todos a trabalhar esta tarde após o fim do tempo regulamentar. O chefe acaba de me comunicar que há uma pasta urgente cuja solução tem de ser encontrada até logo à noite.

Ninguém tugi nem mugiu.

— Enquanto não trazem a pasta, ide tomar qualquer coisa ao bufete continuou o vigilante. — É possível que sejamos obrigados a

ficar até tarde.

Saíram da sala em fila. Nos corredores, ouviam aqui e além rangidos de chaves, estalidos de ferrolhos. Era a abalada dos últimos retardatários.

O bufete parecia triste àquela hora avançada do dia. Os raros criados com as feições alteradas pela fadiga, as mesas em parte arredadas a fim de se poder varrer a sala, de tudo se desprendia uma certa melancolia. MarkAlem pediu um copo de salep e um pãozinho e foi instalar-se na ponta mais recuada do balcão. Não queria ser incomodado. Bebeu pausadamente a sua beberagem ao mesmo tempo que ia mordiscando quase sem vontade o pãozinho; por fim, quando acabou, saiu em passos vagarosos sem virar a cabeça para lado nenhum.

Quedou-se por instantes como que aturdido na interminável galeria do rés-do-chão. Ainda não anoitecera, mas tudo se afundava aos poucos na penumbra. No ângulo do vão envidraçado que se abria bastante acima do chão caíam os derradeiros claros do dia. Não tinha a mínima razão para se apressar. Por ora, podia laurear em vez de ir fechar-se antes de tempo entre as paredes ingratas da sala de trabalho. A galeria estava totalmente deserta e ele sentiu de súbito uma certa satisfação por lhe ser dado calcorrear sozinho aquele vazio imenso no extremo do qual o vão da janela dispensava uma luminosidade que, mesmo por detrás da poeira das vidraças, ainda não passava do cinzento.

MarkAlem estava agora por baixo desta janela e, depois de ter erguido a cabeça para o rectângulo de luz como quem olha do fundo de um abismo, aprestava-se a dobrar a esquina quando, bruscamente, naquele universo de surdos-mudos, teve a impressão de distinguir um ruído. Estacou e pôs-se à escuta. Era como que um ruído de passos a aproximar-se cada vez mais. Talvez sejam os guardas que verificam o fecho das portas, pensou ele, e dispunha-se a afastar-se quando novas sonoridades o imobilizaram ali mesmo. Agora, o ruído estava mais próximo, vinha de um corredor adjacente à galeria principal. MarkAlem colou-se contra a parede e esperou. «Meu Deus», exclamou para consigo ao ver desembocar da esquina um grupo de indivíduos que carregavam aos ombros um caixão

negro. Não repararam nele e sumiram-se logo no prolongamento do corredor lateral. É o tal fazedor de sonhos vindo da província, presumiu ele enquanto o ruído de passos se perdia ao longe. Olhou à sua roda. Encontrava-se exactamente no sítio onde vira, há dias, o guarda de sentinela em frente das casas carcerárias. «Meu Deus», murmurou, «só pode ser ele!»

Uma angústia devoradora, que não cessava de aumentar, invadia-o enquanto subia a escada. Pensara frequentemente no desventurado fazedor de sonhos, mas nunca imaginara que o seu destino o pudesse levar a este ponto. Mais de uma vez, no bufete, procurara mesmo com o olhar o tal copista que conhecera para lhe perguntar o que acontecera ao fazedor de sonhos, se o tinham finalmente libertado ou se ainda o conservavam ali. Mas, aparentemente, o infeliz detido não lograra esquecer totalmente o seu sonho. Ou talvez estivesse estipulado de antemão que todos os que eram convocados para o Tabir Sarrail deviam acabar assim... «Monstruoso!» pensou de si para consigo, ao mesmo tempo que se espantava ele próprio da sua repentina indignação: «Então já não te basta tudo o que trituras, também precisas de devorar seres humanos!...»

Descobriu em cima da mesa uma nova pasta que o vigilante lá depusera na sua ausência. Folheou-a quase com ódio e apercebeu-se de que não incluía mais de cinco ou seis folhas. Devia estudá-las todas nessa noite. Tinham acendido as lâmpadas na sala. O frio redobrara, pois ninguém deitara carvão nos fogões de aquecimento desde o meio da tarde. Começou a ler a descrição do primeiro sonho e, depois de ter percorrido algumas linhas, notou que o texto cobria a página inteira e devia, o que era muito raro, continuar na página seguinte. Virou para verificar o desenvolvimento dado à descrição deste sonho; ao reparar que ela não chegava ao fim na segunda página, nem tão-pouco na terceira, percebeu, para seu grande espanto, que as seis folhas da pasta eram consagradas a um único e mesmo sonho. Nunca acontecera calhar-lhe um texto tão comprido. «Deve tratar-se de um sonho muito especial», cogitou ele, e pôs-se a percorrer o texto em diagonal, sem um olhar para o nome e a morada do seu autor. Ia passar todo o serão a braços com este

longo delírio inevitavelmente indecifrável... quem sabe se não seria mesmo uma noite de angústia!

O sonho era de facto assim: delirante. Em geral, os delírios eram confiados aos mais brilhantes intérpretes. Dizia-se inclusivamente que, muito tempo antes, tanto na Selecção como na Interpretação, os arrumavam numa pasta especial intitulada precisamente Pasta dos delírios. Mas, posteriormente, por razões mal elucidadas (a verdadeira razão, ao que se dizia, era a tendência para considerar esta pasta como o nec plus ultra), tal prática fora abandonada e, desde então, os delírios eram distribuídos, consoante a natureza do seu conteúdo, pelos diferentes grupos de sonhos. Todavia, ao repartirem o trabalho, os vigilantes das salas tinham o cuidado de confiar sempre a explicação deles aos empregados mais hábeis. MarkAlem não sabia como encarar o facto de lhe ter sido entregue um: como um sinal de excessiva confiança nas suas capacidades por parte dos chefes da Interpretação, ou como um acto malévolo? Entretanto, continuava a tomar conhecimento da descrição do sonho com crescente febrilidade. Este sonho parecia deveras extraordinário. Começava por um bando de espantalhos que sulcavam uma estepe enfumarada pela pestilência de carcaças de tigres mortos no século xi. Toda a primeira página do texto era ocupada pela descrição da marcha destes espantalhos que, segundo parecia, proferiam imprecações dirigidas ao vulcão Kartoh... retoh... kret (o seu nome não cessava de se desmoronar, exactamente como descaía a sua face oeste), enquanto por sobre a estepe brilhava uma estrela demente. Em seguida o sonhador delirante, que se achava ali ao pé, no seu esforço para se meter debaixo de terra, esbarrara com um fragmento de luz radiosa, semelhante a um diamante enterrado não se sabe por quem na ganga de um simples dia do tempo universal, um fragmento indissolúvel, inquebrável, indestrutível pelo próprio fogo. A claridade desta estilha de luz surgida da lama ofuscara-o e, assim privado da vista, ele dera consigo no inferno.

«Que louco», pensou MarkAlem, «sem dúvida um espírito desequilibrado!» Apesar de tudo prosseguiu a leitura. A outra parte do texto era consagrada à descrição do inferno, um inferno diferente do que habitualmente imaginamos, um inferno não povoado de

seres humanos, mas de Estados mortos, com os seus corpos canhestramente estendidos uns ao lado dos outros: impérios, emirados, repúblicas, monarquias constitucionais, confederações... «Hum», rosnou MarkAlem, «esta agora!...» Contrariamente à primeira impressão que lhe causara, tal sonho, para além dos seus outros aspectos, era perigoso. Virou a página para ver o nome do audacioso que o enviara e leu: Sonho tido na segunda metade da noite de 18 de Dezembro pelo hóspede X... na Estalagem dos Dois Robertos (paxalato da Albânia Central.) «Ah, este maroto safou-se!» disse ele para consigo não sem um sentimento de alívio. (No seu espírito desenhou-se, por fugazes instantes, a visão do caixão recoberto de pano negro, que agora viajava certamente a caminho do grande cemitério da capital). Farejou a armadilha no último momento, pensou ele, e deu às de vila-diogo!... Recostou-se bem na cadeira e continuou a leitura. Os Estados mortos e descidos ao inferno não eram alvo de castigos do género dos que geralmente se imagina serem aplicados aos homens. Além disso, tal inferno tinha a particularidade de se poder escapar de lá e regressar à terra. Assim, um belo dia, Estados mortos desde há muito e que toda a gente julgava reduzidos a esqueletos, podiam reerguer-se devagarinho e reaparecer à superfície do globo. Simplesmente, a exemplo dos actores que se caracterizam antes de reentrar em cena num novo papel, era-lhes forçoso sofrer alguns retoques indispensáveis; mudavam de nome, de insígnia e de bandeira, mas mesmo assim, lá no fundo, permaneciam iguais a si próprios. «Esta agora!» murmurou de novo MarkAlem. Acostumado desde a infância às conversas sobre o Estado e os assuntos de governo, adivinhou logo o desígnio do pretenso fazedor de sonhos. Pareceu-lhe evidente que este sonho, exceptuado o início, era forjado. Achava mesmo estranho que tivesse podido dobrar o cabo da Selecção. Ou talvez, enquanto sonho provocador, o houvessem deixado passar para outros fins. Mas quais? E por que o teriam entregue precisamente a ele? Sobretudo desta maneira, com tanta urgência, já depois do tempo do trabalho regulamentar... Sentiu um arrepio correr-lhe ao longo da espinha. Porém, os seus olhos continuavam a decifrar o texto: Vi o Estado de Tamerlão, que andava a ser pintado para lhe

taparem as manchas de sangue, pois aprestava-se a ressurgir; vi mais adiante o Estado de Herodes sujeito ao mesmo tratamento: ressurgia, ouvi eu dizer, pela terceira vez cá na terra, e ainda se reergueria ninguém sabia quantas vezes após ter dado a impressão de se desmoronar...

Com os dedos a tremer, MarkAlem arrumou as folhas. A provocação era manifesta. Mas ele não cairia na armadilha. Mostrar-lhes-ia do que era capaz. Ia pegar na caneta e escrever na sua nota: Sonho inventado para fins de provocação contra o Estado, neste ou naquele intuito, comportando esta e aquela insinuação. Sim, eis o que iria escrever! Os Estados contemporâneos, incluindo o Império Otomano, não eram mais, segundo o expeditor do delírio, do que antigas instituições sanguinárias sepultas pelo tempo e em seguida regressadas à terra como espectros.

MarkAlem achou esta fórmula adequada e dispôs-se mesmo a escarrapachá-la imediatamente no papel, mas, nesse mesmo instante, assaltou-o uma dúvida. E se lhe dissessem: «Como se explica que estejas tão bem informado acerca destes assuntos, sim, tu, MarkAlem?» Voltou a pousar a caneta. Por preço algum devia expor-se de tal modo. Faria melhor em redigir a sua análise do delírio de maneira mais despojada. Sonho inventado, a cheirar a provocação, enviado com intenções malfazejas, o que era igualmente atestado pela ausência de nome e de morada do seu autor.

«Assim mesmo!» eis o que ele iria escrever, mas, apesar de tudo, não tinha o mínimo motivo para se precipitar. Todos os que haviam sido escolhidos para este trabalho ainda ali estavam. MarkAlem olhou à sua volta. O brilho desmaiado das lâmpadas ainda tornava mais lúgubre o aspecto da sala, com os seus raros empregados dispersos aqui e além. O frio penetrava cada vez mais. Teria feito melhor em não despír a pelica. Durante quanto mais tempo se veriam obrigados a ficar ali? Notou que só dois dos empregados escreviam; os outros, tal como ele, haviam apoiado a cabeça nas duas mãos e meditavam. Ter-lhes-iam entregue sonhos vulgares ou, à semelhança dele, delírios? Talvez o seu sonho fosse o único desta espécie... Os delírios eram bastante raros, como tubarões apanhados

por acaso nas malhas de uma rede cheia de peixes vulgares. De qualquer modo, podia ser que os outros pertencessem igualmente ao mesmo género. Aquela súbita irrupção, a uma hora tão tardia, já perto do fim do tempo de trabalho regulamentar... Algo devia ter acontecido. MarkAlem arrepiou-se de novo.

Por fim, um dos empregados levantou-se, aproximou-se do vigilante, entregou-lhe a sua pasta e saiu. MarkAlem tornou a pegar na caneta, mas disse com os seus botões que ainda tinha muito tempo e largou-a outra vez. Não levaria mais de um quarto de hora a redigir a explicação. Podia adiar um pouco mais o momento de meter mãos à obra. Revolvia na cabeça toda a espécie de pensamentos sombrios.

Meia hora depois, foi-se embora outro empregado. MarkAlem tinha os pés gelados. A ideia de que as mãos também lhe estavam a arrefecer cada vez mais e de que, se ficasse mais algum tempo assim, corria o risco de já não poder manejar a caneta, arrancou-o finalmente ao seu torpor e fê-lo começar a escrever. A dada altura, ouviu sair outro empregado, mas absteve-se de erguer a cabeça para ver quem era. Ao terminar a redacção, pôde verificar que três outras pessoas, além do próprio vigilante, se encontravam ainda na sala. Vou esperar que saia mais alguém e levantar-me-ei em seguida, decidiu ele. O seu pensamento, só Deus sabe porquê, voou em direcção a esse pouso de estranho nome, Estalagem dos Dois Robertos, onde o delírio fora concebido ou forjado. Tentou imaginar o viajante de rosto tisonado que, de manhã cedo, depois de ter deitado o sobrescrito lacrado na caixa do correio certamente pregada na porta da velha estalagem, se afastara com um ricto diabólico.

O estalido de uma cadeira interrompeu as suas reflexões. Saíra outro empregado. Agora que só restavam dois, além dele, achou preferível que ele próprio, na medida em que era o funcionário mais recentemente nomeado, se fosse embora, se não em último lugar, pelo menos em penúltimo. Aguardou então que um dos dois outros abalasse. «Bom, vou levantar-me», resolveu ele finalmente quando só ali ficou outro empregado. Talvez o vigilante esperasse

igualmente que os que ainda se demoravam acabassem o mais depressa possível.

Mark Alem pôs-se de pé e fechou a pasta. Devia ser bastante tarde. A julgar pelas suas feições tensas, o vigilante parecia tão estafado como os outros quando ele se aproximou, lhe entregou a pasta e disse em voz baixa: — Boa-noite!

— Boa-noite — respondeu-lhe o outro. — Sabes ir até à saída? É tarde, e todas as portas do Tabir estão fechadas.

— Ah, sim? (Era de facto a primeira vez que ouvia dizer isto.) Mas, então, como é que se sai?

— Pelo pátio das traseiras — respondeu o vigilante -, pela Recepção. Decerto que nunca passaste por lá, mas encontrarás facilmente o caminho. A esta hora, só os candeeiros dos corredores e das galerias que ali conduzem estão ainda acesos. Basta que os sigas.

— Obrigado.

Desembocou no corredor e verificou que assim sucedia efectivamente: os candeeiros só estavam acesos de um lado. Caminhou na direcção que lhe fora indicada, arrebitando as orelhas ao som dos seus próprios passos que lhe parecia completamente diferente naquela solidão. «E se eu me perco?» pensou ele por duas ou três vezes. Talvez tivesse feito melhor em sair ao mesmo tempo que outro empregado já conhecedor do caminho. À medida que avançava, sentia-se invadido por uma sensação de insegurança. Do corredor principal, continuando sempre a seguir os candeeiros acesos, virou para uma passagem lateral e desembocou novamente numa galeria cujo fim mal enxergava. Estava tudo deserto. A débil claridade das lâmpadas perdia-se ao longe. Desceu dois ou três degraus e enveredou por outra galeria muito estreita, sobrepujada por uma abóbada. As lâmpadas, se bem que mais raras e ainda mais pálidas, achavam-se ali igualmente acesas. «Até onde vou ter de caminhar assim?» disse consigo. Em determinado momento, teve a impressão que de uma esquina da galeria ia ver surgir à sua frente os homens que transportavam o caixão do fazedor de sonhos, errando ainda pelos corredores do imenso edifício. «Se continuar a deambular assim, acabarei por enlouquecer», pensou ele. Se

parasse ali, talvez não tardasse a ver aparecer alguém que lhe indicaria o caminho... ou talvez fosse ainda preferível voltar atrás até à Interpretação para sair com os outros dois... Esta última ideia afigurou-se-lhe a mais sensata, mas logo uma dúvida o assaltou: e se não encontrasse o caminho? Sabia lá se aqueles candeeiros descorados conduziam realmente onde deviam!

MarkAlem prosseguiu o seu itinerário. Sentia a boca seca, embora se esforçasse por sossegar-se a si mesmo. Afinal de contas, mesmo que se perdesse, não seria uma desgraça por aí além. Não estava no meio da grande planície nem na floresta, mas no próprio interior do Palácio. Uma tal eventualidade nem por isso lhe parecia menos medonha. Como passaria a noite entre aquelas paredes, aquelas salas, aquelas caves cheias de sonhos e de delírios aberrantes? Preferia encontrar-se no meio de uma planície glacial ou numa floresta infestada de lobos. Sim, antes mil vezes isto!

Estugou o passo. Há quanto tempo caminhava assim? Quis-lhe de repente parecer ouvir um zunzum ao longe. «Talvez não passe de uma ilusão», concluiu ele pondo-se de novo a andar. Pouco depois o ruído de vozes repetiu-se, desta feita mais nítido, se bem que ele não pudesse discernir bem de que direcção provinha.

Continuando a seguir a enfiada de candeeiros acesos, desceu de novo dois ou três degraus e deu consigo noutra corredor, que devia ser o do rés-do-chão. O zunzum dissipou-se por alguns instantes, depois fez-se ouvir outra vez, mais perto. Apurando o ouvido, MarkAlem caminhava rapidamente com receio de que lhe escapasse este ruído no qual parecia residir doravante a sua única esperança. Em verdade, o rumor enfraquecia e aumentava alternadamente, sem no entanto jamais se extinguir de todo em todo. Uma vez, inclusive, ele julgou ouvi-lo ali mesmo ao pé, mas, logo a seguir, já de novo se afastara. MarkAlem avançava agora quase em passo de corrida, sem tirar os olhos do fundo do corredor onde aparecia um indefinido rectângulo iluminado do lado de fora. «Meu Deus», rogou ele, «oxalá seja a saída das traseiras!»

Era de facto ela. Acercando-se um pouco mais, persuadiu-se de que se tratava realmente de uma porta. Respirou profundamente e os seus membros distenderam-se acto contínuo, de tal modo que

esteve quase a tropeçar. Assim, vacilante, deu mais alguns passos na direcção da porta por onde, ao mesmo tempo que o ar frio, se engolfava no corredor o zunzum que ele distinguira há bocado. A visão que se lhe deparou brutalmente aos olhos quando atingiu a soleira era mais que estranha: o pátio das traseiras do Palácio estava inundado pelo brilho de candeeiros bastante diferentes dos que alumiam o interior, uma luz inquieta que a bruma esbatia aqui e além, ao passo que noutros sítios a exacerbava manchando com ela o pavimento húmido, um pavimento sobre o qual iam e vinham pessoas, cavalos e carruagens, algumas com as suas lanternas acesas, outras todas às escuras, numa extrema confusão idêntica à de um pesadelo. Os clarões lívidos dos candeeiros, e sobretudo os relinchos dos cavalos a atravessá-la em todos os sentidos, conferiam a esta brumosa visão um aspecto quase sobrenatural.

MarkAlem quedara-se como que pregado no limiar da porta, não acreditando no que os seus olhos viam.

— O que é isto? — perguntou ele a alguém que passava, carregando um molho de vassouras nos braços.

O outro voltou a cabeça, surpreendido, mas, ao notar que MarkAlem ostentava na pelica o distintivo do Tabir, respondeu numa voz amável: — Os carregadores de sonhos, agá, não estás a vê-los?

Queria então dizer que eram mesmo eles? Como é que não lhe ocorrera tal ideia? Ei-los que deambulavam, com as suas túnicas de couro e as suas botas enlameadas, enquanto as carruagens, de rodas igualmente sujas de lama, arvoravam todas na retaguarda o distintivo do Tabir.

O olhar dele deteve-se, à direita do pátio, numa sala com alpendre iluminada no interior; entravam e saíam de lá os carregadores de sonhos. Era ali que devia situar-se a secção da Recepção que, segundo diziam, tanto trabalhava de noite como de dia. Caminhando sobre o pavimento húmido e escorregadio, no meio daquela barafunda de homens e de carruagens, algumas das quais procuravam estacionar junto às outras, MarkAlem dirigiu-se maquinalmente para o alpendre e abrigou-se lá. O tumulto era ainda — maior que no pátio. Em frente de compridos balcões, viam-se dezenas de carregadores de sonhos que, ao que parecia, tinham

terminado o que lhes cabia fazer nos guichés de entrega, ou então aguardavam a sua vez, bebiam café ou saíep, enquanto outros comiam pãozinhos e almôndegas cujo agradável aroma se espalhava na atmosfera.

MarkAlem deixou-se empurrar por entre os rudes ombros dos homens de túnicas de couro que giravam descuidadamente sobre si mesmos sem parar de mastigar, rindo e praguejando em voz alta.

Eram então estes os famosos carregadores de sonhos que ele imaginara desde a infância como correios quase celestes percorrendo as estradas do Império a bordo das suas carruagens azuis! Uma parte deles tinham não só as botas, mas também os cotovelos e as próprias costas das túnicas maculados de lama; talvez se houvessem sujado no esforço de pôr em pé as suas carruagens viradas ou um dos seus cavalos caídos... Nas feições atormentadas liam-se-lhes as marcas da fadiga e da insónia. A sua fala, tal como tudo o resto neles, era o mais diferente possível da dos empregados sedentários do Tabir: rude, um tanto insolente, entremeada de palavras picantes como uma iguaria condimentada. Completamente perdido no meio deste alarido, MarkAlem pusera-se à cata de frases soltas ao seu redor. Aqui, podia-se tomar conhecimento de notícias de todo o Império. Os mensageiros narravam as peripécias das suas viagens, as suas querelas com os empregados tacanhos das províncias, com os estalajadeiros emborrachados, com as sentinelas das portagens nas estradas dos paxalatos onde lavravam distúrbios.

Uma voz rouca chamou a atenção dele e, sem virar a cabeça para encarar quem falava, esforçou-se por discernir as suas palavras. «Os meus cavalos recusavam-se a avançar», contava o homem; «relinchavam e resfolegavam no mesmo sítio, sem se dignarem andar uma simples polegada. Eu estava sozinho na estepe à saída de Yenisehir, uma aldeola perdida onde recolhera um punhado de sonhos, cinco ao todo, reunidos durante um mês inteiro: já podeis ver como era um lugar perdido. Bom, os meus cavalos não avançavam. Sacudi-lhes o pó, chicoteei-os até sangrarem, mas eles continuavam pregados ao chão, como costumam fazer sempre que uma morte lhes barra o caminho. Deitei uma olhadela à minha volta. Não se via senão a estepe deserta: nenhum túmulo, nenhum sinal

de sepultura em parte alguma. Perguntei a mim mesmo o que havia de fazer quando, bruscamente, pensei na pasta de sonhos que acabava de ir buscar a Yenisehir. Lembrei-me que talvez fosse por causa deles que os meus animais tinham ficado petrificados. De resto, não é verdade que o sono e a morte são vizinhos um do outro? Sem demora, abri o meu saco, tirei de lá a pasta de Yenisehir e, depois de me apear da carruagem, fui depô-la um pouco mais adiante na planície. Tornei então a subir para a carruagem e incitei os cavalos. Puseram-se a caminho sem se fazerem rogar. 'Diacho!' disse eu cá para mim, afinal era mesmo por causa daquilo. Parei outra vez, dei meia volta e regresssei ao sítio onde deixara a pasta, mas, assim que a meti novamente na carruagem, os cavalos voltaram a ficar pregados ao chão, espumando e relinchando como antes. Que podia eu fazer? Já transportara milhares de sonhos, mas nunca tal me acontecera. Decidi então regressar a Yenisehir sem a pasta. Deixei-a no meio da estepe e arrepiei caminho. Chegado lá, desatei na zaragata com o chefe da secção do Tabir. Dizia-lhe eu: 'Não posso levar os teus sonhos, anda ver tu mesmo como os meus cavalos se recusam a dar o mais pequeno passo assim que meto a tua pasta na minha carruagem.' E aquele labrego pôe-se a gritar: 'Há cinco semanas que ninguém me vem buscar os sonhos, e agora só faltava que tu também quisesses deixar-me com eles nos braços, hei-de queixar-me, vou escrever à Direcção-Geral, ao Xequé-ul-Islam em pessoa!' 'Podes queixar-te a quem te apetecer', disse-lhe eu, 'os meus cavalos não querem avançar e não são esses cinco sonhos infectos que irão impedir-me de levar todas as outras pastas'. Não foi preciso mais para aquele rabugento se atirar contra mim: 'Pois, já se vê', dizia ele, 'é assim que julgais os nossos sonhos; naturalmente, achai-los grosseiros, só apreciáis os sonhos das cortesãs e dos artistas da capital, mas lá em cima disseram que os nossos sonhos é que são autênticos sonhos, porque vêm dos confins do Império e não de peralvilhos perfumados!' Aquele biltre não parava de barafustar, a tal ponto que me deu cabo dos nervos e nem sei lá muito bem como me contive de lhe cair em cima sem dó nem piedade. Enfim, não lhe bati, é bem certo, mas ninguém calcula o que lhe disse por meu turno! Estava a ferver de cólera por me ver

assim retardado na minha digressão e aproveitei o ensejo para descarregar a bÍlis sobre ele. Injuriei-o a valer, a ele, à sua terriola perdida que não valia a meus olhos um simples quarteirão de aldeia, àquela imunda subprefeitura habitada por um punhado de bêbados e de jarretas que nem sequer eram capazes de ter sonhos convenientes, pois os sonhos deles até assustavam os cavalos! 'Se dependesse de mim', acrescentei eu, 'depois do que se passara, privaria Yenisehir do direito de mandar examinar os seus sonhos durante pelo menos dez anos!' Ele ficou louco de raiva e começou a espumegar ainda mais que as minhas alimárias. Disse-se que iria enviar um relatório a quem de direito sobre tudo o que eu acabava de clamar, mas eu ameacei-o, caso o fizesse, de revelar por meu turno os insultos que ele proferira contra o Tabil. 'O quê!' pôs-se ele a berrar. 'Então eu insultei o santo Tabir Sarrail? Como ousas dizer semelhante coisa?' 'Sim, insultaste', respondi-lhe, 'qualificaste-o de antro de cortesãos e de peralvilhos perfumados!' Ouvindo isto, o imbecil, não aguentando mais, desfez-se em súplicas e choros. 'Tem dó de mim, agá' disseme ele, 'sou casado e pai de filhos, não faças isso...'»

Estrondosas risadas cobriram por instantes as palavras do correio.

— E depois, o que sucedeu? — perguntaram na assistência.

— Entretanto, aproxinham-se o subprefeito e o imã. Alguém os avisara. Quando souberam do que se tratava, começaram por coçar a cabeça, cheios de hesitação sobre a atitude a tomar. Não ousavam obrigar-me a levar a pasta, pois seria o mesmo que reterme ali. Estavam todos convencidos de que os cavalos nunca mais se poriam a caminho com essa pasta. Quanto a admitir que os sonhos da sua subprefeitura eram tão malfazejos que estorvavam o movimento dos correios, é claro que também não o podiam fazer. Mas o meu tempo era precioso. Transportava mais de um milhar de sonhos de outras regiões, e este atraso podia custar caro. Disselhes então que viessem comigo até à planície onde deixara a pasta, a fim de assistirem pessoalmente ao prodÍgio. Aceitaram. Assim, apinhámo-nos na carruagem e fomos ao dito lugar à saída de Yenisehir. A pasta ainda lá estava. Levantei-a do chão, meti-me com ela na

carruagem e chicoteei os cavalos que se puseram a relinchar e a espumegar sem saírem do mesmo sítio, como se o próprio diabo tivesse subido para a carruagem. Em seguida peguei de novo na pasta, devolvi-lha, e os animais partiram a galope. Pensei então em deixá-los assim, boquiabertos, com a pasta nas mãos, e pôr-me ao largo, mas disse comigo que me arriscava a ter aborrecimentos e voltei atrás. «Vistes?» perguntei-lhes. «Estais agora convencidos?» Com um ar acabrunhado, murmuraram Alá!, não sabendo lá muito bem que decisão tomar. Como procurassem um meio de sair deste impasse, o chefe da secção, aterrorizado com a ideia de que podia ser o primeiro a pagar as favas por ter permitido a expedição para o Tabir de um sonho tão diabólico, lembrou-se de tirar um a um os sonhos da pasta a fim de descobrir qual deles era mau, de modo a que os outros não sofressem qualquer dano por sua culpa. Todos nós aplaudimos esta ideia e, sem perca de tempo, iniciámos a experiência retirando do saco um sonho de cada vez. Não foi difícil encontrar o sonho maléfico. Removemo-lo da pasta e pude assim prosseguir a minha viagem.

— Não era um sonho, mas puro veneno! — fez notar alguém.

— E agora o que havemos de fazer? — inquiriu outro. —

Nenhuma carruagem está em condições de o trazer, pois não?

— O melhor é ficar onde está — disse o homem da voz rouca.

— Mas é provavelmente um sonho importante, tanto mais que é dotado desse extraordinário poder...

— Seja ele o que for — volveu o correio -, até pode ser de ouro! A partir do momento que os cavalos se recusam a transportá-lo, quer dizer que não é um sonho, mas o diabo incarnado! Estás a perceber? É o diabo chifrudo em pessoa!

— E no entanto...

— Não há no entanto que lhe valha; desde que os cavalos se recusem a trazê-lo, só lhe resta apodrecer lá longe, naquele maldito buraco perdido de Jenisehir!

— Não, isso não é justo — disse um velho correio -; não sei como se faz hoje em dia, mas no meu tempo, em casos assim, recorria-se aos serviços de correios pedestres.

— A sério? Existiam correios desses?

— Com certeza — respondeu o outro. — Os casos em que os cavalos se recusavam a transportar sonhos eram raros, mas também os havia. Servíamo-nos então de correios pedestres. Certas velhas regras tinham as suas vantagens.

— E de quanto tempo precisaria um correio pedestre para trazer este sonho de lá?

— Bem, como é evidente, depende da distância exacta. Mas julgo que o trajecto desde Yenisehir deverá levar cerca de ano e meio.

Dois ou três dos presentes emitiram assobios de estupefacção.

— Não é motivo para admiração — disse o velho correio. — O governo é capaz de apanhar uma lebre com um carro de bois!

Puseram-se a falar de outra coisa, e MarkAlem deu mais alguns passos em frente. Ouvia-se por toda a parte o mesmo linguajar ruidoso, tanto nas entradas como em pleno centro da sala, e até mesmo diante dos guichés da Recepção onde os correios, seguindo uma ordem cujos critérios ele não compreendeu, entregavam as suas pastas. Um deles, acerca do qual lhe chegou aos ouvidos que perdera o seu saco com as pastas numa estalagem onde se embriagara, mantinha-se à parte, de olhos avermelhados como brasas, e continuava a beber enquanto ia resmungando.

Do pátio elevavam-se um contínuo clamor de vozes, estrépito das rodas das carruagens sobre o empedrado, algumas acabadas de chegar de longínquas regiões, outras já de abalada depois de efectuarem a entrega, e os relinchos intermitentes dos cavalos que faziam estremecer MarkAlem até às profundezas da alma. «E isto vai continuar assim até ao alvorecer», pensou ele de si para consigo tomado de assombro. «Até amanhã de manhã, santo Deus!» repetiu ao cabo de um instante, abrindo passagem através da balbúrdia para regressar casa.

# UM DIA DE FOLGA

Acordou em sobressalto duas ou três vezes, alarmado com a ideia de chegar atrasado à repartição. A mão dele aprestava-se a arredar o cobertor quando, do seu cérebro toldado pelo sono, manava de súbito o pensamento de que tinha folga nesse dia, fazendo-o então mergulhar de novo numa sonolência inquieta. Era a primeira vez desde a sua nomeação para o Palácio dos Sonhos que lhe concediam um dia de descanso.

Abriu finalmente os olhos. Coando-se pelas cortinas de veludo, a claridade do dia chegava embrandecida à sua almofada. Espreguiçou-se durante uns momentos, depois arredou o cobertor e levantou-se. Devia ser tarde. Abeirou-se do espelho e contemplou o seu rosto intumescido pelo sono. Sentia a cabeça pesada como chumbo. Nunca julgara que iria acordar, neste primeiro dia de folga, mais cansado que nas outras manhãs, quando se apressava a sair para as ruas húmidas, mergulhadas no nevoeiro, a fim de chegar a horas ao emprego.

Lavou a cara e sentiu-se um pouco mais fresco. Estava convencido de que, com um ligeiro esforço, conseguiria lembrar-se de dois breves sonhos que tivera de madrugada. Desde que trabalhava no Tabir Sarrail, não sonhava senão raramente, como se os sonhos — sabendo que ele conhecia a fundo os seus segredos e poderia dizer-lhes: «Ide lá iludir outro, não a mim» — já não ousassem apresentar-se a ele.

Ao descer a escada, chegou-lhe ao nariz o agradável cheiro do café torrificado e o aroma do pão tostado. A mãe e Loke aguardavam-no desde há um bom pedaço para o pequeno-almoço.

— Bom-dia — lançou-lhes ele.

— Bom-dia — responderam-lhe elas fitando-o cheias de ternura.

— Dormiste bem? Está com um ar muito repousado.

Fez que sim com a cabeça e sentou-se ao pé da braseira a abarrotar de carvões ao rubro, junto à qual tinham colocado a mesa

baixa carregada com o serviço de café. Agora que partia precipitadamente todas as manhãs, ao romper do dia, já quase esquecera esta hora calorosa em que os reflexos da baixela de prata, das brasas, dos rebordos de cobre da velha braseira doméstica, criavam, com a ténue luz do dia, a sensação de uma eterna manhã inundada de ternura.

Comeu devagar, depois tomou o café com a mãe. Após tê-lo sorvido até à última gota, conforme era seu costume, ela virou a chávena sobre o pires e Loke aproximou-se para ler nas borras. Antigamente, era a altura do dia em que se contava em família algum sonho tido durante a noite, mas, desde a nomeação dele, ninguém se dispunha a evocar os seus sonhos. Parara-se de o fazer em resultado de um pequeno incidente que ocorrera logo na primeira semana subsequente ao ingresso dele no Tabir Sarrail, quando uma das suas tias aparecera lá em casa em grande alvoroço para lhe contar o sonho que tivera na véspera. «Somos umas pessoas cheias de sorte», exclamara ela, «agora possuímos a chave dos sonhos ao domicílio, já não precisamos de andar pelos videntes e pelas ciganas!» Ele fizera má cara e enfurecera-se como raramente lhe tinha acontecido. Como é que esta pateta se atrevia a vir procurar junto dele a explicação dos seus sonhos estúpidos, desprovidos do menor interesse? Por quem se tomava? A princípio, a tia ficara atónita, depois abalara ofendida, e as primas de MarkAlem haviam tido muita dificuldade em apaziguá-la.

Ele contemplava o brasido, que parecia agora exangue sob a alva camada de cinzas..

— O tempo hoje está ameno — disse-lhe a mãe -, vais dar uma volta?

— É muito possível.

— Não há sol mas, de qualquer modo, far-te-á bem apanhar um pouco de ar.

Ele meneou a cabeça.

— É verdade — respondeu -, há já bastante tempo que não dou um passeio.

Ficou uns instantes sem falar, de olhos pregados na braseira, em seguida levantou-se, enfiou a pelica e, depois de ter dito adeus à

mãe, saiu.

De facto, o tempo estava coberto. Ergueu a cabeça como se procurasse ao menos algum vestígio de sol no céu desguarnecido, cujo vazio se lhe afigurou de súbito insustentável. Nos últimos tempos não vira o céu sobre a cidade a esta hora do dia, e achou-o espantosamente pobre com as suas escassas nuvens insignificantes e as suas aves esparsas, sem interesse. Desde que fora nomeado para o Tabil, percorrera o caminho a uma hora muito matinal, geralmente com mau tempo, de cabeça ainda entontecida por ter dormido mal, e voltava ao crepúsculo, demasiado fatigado para prestar atenção ao que quer que fosse. De modo que hoje olhava para a cidade como alguém que lá regressa após um breve exílio. Os seus olhos giravam de um lado para o outro quase com assombro. Agora, já não era apenas o céu, mas tudo o resto, as paredes, os telhados, os carros e as árvores, que lhe parecia deslavado, insípido. «Que aconteceu?» interrogou-se ele. O mundo inteiro dava-lhe a impressão de ter perdido as cores como se saísse de uma prolongada doença.

Experimentava uma sensação de frio glacial no peito; as pernas, depois de terem levado o seu corpo a percorrer a rua onde morava, conduziram-no ao centro da cidade. De ambos os lados da calçada, os passeios transbordavam de gente, mas as pessoas moviam-se ali com gestos hirtos, de uma precisão mesquinha; não menos irrisórios lhe pareceram o rodar das carruagens e o apelo de um desditoso pregoeiro público na praça do Islão, do qual se diria exalar toda a tristeza da terra.

Que sucedera afinal à vida, aos homens, a todas as coisas neste mundo? No outro (sorriu no seu foro íntimo como se evocasse algum precioso segredo), no outro, nas suas pastas, era tudo tão diferente, tão belo, tão cheio de fantasia... Os coloridos das nuvens, as árvores, a neve, as pontes, as chaminés, os pássaros, era tudo muito mais vivo, mais intenso! E os movimentos das pessoas e das coisas muito mais livres, soltos e harmoniosos, como uma corrida de veados através do nevoeiro, desafiando as leis do espaço e do tempo! Como este mundo parecia acorrentado, avaro e fastidioso em comparação com o outro que ele servia!

Com um ar aturdido, continuava a contemplar as pessoas, os carros, os prédios. Era tudo tão banal, tão pobremente triste! Sem dúvida que fizera muito bem em não sair e não ver ninguém nos últimos meses. Talvez fosse por isso que tão raramente se concediam folgas aos empregados do Palácio dos Sonhos. Ele apercebia-se agora de que não precisava para nada de tal género de descanso. Parecia-lhe vão calcorrear esta cidade emurchecida.

Mark Alem persistia em apreciar com um olhar frio o que rodeava. Persuadia-se cada vez mais de que não havia nada de fortuito no que sentia, mas que esse outro mundo, lá longe, a despeito da exasperação a que por vezes o submetia, lhe era muito mais aceitável do que este. Nunca imaginara que se desprenderia tão depressa deste mundo aqui, ao fim de uns simples meses de ausência. Ouvira falar de antigos empregados do Palácio dos Sonhos que se tinham de algum modo retirado da vida ainda em vida e que, ao darem acidentalmente consigo num meio conhecido, aparentavam então desembarcar da lua. «Não acabaria ele igualmente, dentro de alguns anos, por se lhes assemelhar? E que mal teria?» disse para si mesmo. Olha lá para o lindo mundo que abandonarias! Os transeuntes lançavam sorrisos irónicos aos esgazeados funcionários do Palácio dos Sonhos, mas não supunham até que ponto a sua própria existência se afigurava árida e mísera aos visionários do Tabir.

Chegara por fim à esplanada das Cegonhas, onde ia geralmente tomar o café na época em que estava... (num ápice, o seu espírito afastou a palavra vivo e depois a palavra acordado.) Chegara por conseguinte diante do sítio onde costumava tomar o café no tempo em que era um jovem ocioso da capital. Empurrou a porta e entrou no estabelecimento sem deitar um só olhar ao redor, encaminhou-se para o canto esquerdo da sala onde gostava habitualmente de se instalar, e sentou-se num banco. Este café agradava-lhe, pois que, ao contrário das salas de chá à moda antiga, os sofás haviam sido aí substituídos por alguns assentos baixos recobertos de couro, particularmente confortáveis.

O dono pareceu-lhe ter a tez terrosa.

— MarkAlem! — exclamou ele num tom surpreendido, aproximando-se com a cafeteria na mão. — Então onde é que te meteste durante todo este tempo? Pensei que devias estar doente, pois francamente não podia acreditar que já não fizesses parte dos meus clientes.

MarkAlem substituiu a explicação pedida por um sorriso. O proprietário do café também sorriu e, aproximando a cabeça, disse-lhe baixinho: — Mas, mais tarde, vim a saber o que se passava... O teu café como de costume, com um pouco de açúcar? — acrescentou ele ao ver o rosto do seu interlocutor ensombrecer.

— Sim, como de costume — anuiu MarkAlem sem erguer os olhos para ele.

Reprimiu um suspiro seguindo com o olhar o fiozinho de café que se vertia na chávena. Depois, quando o outro se afastou, olhou em volta para verificar se estavam lá os clientes habituais. Estavam quase todos presentes: o hodja da mesquita vizinha, em companhia de dois homens de alta estatura que nunca ninguém ouvia emitir a mínima palavra; o saltimbanco Ali, rodeado como sempre de um grupo de admiradores; um homem calvo e atarracado, debruçado como de costume sobre alguns velhos papéis que o dono do café dizia, consoante o seu humor, tratar-se de velhos manuscritos que o seu cliente, um erudito, se moía a traduzir, ou de autos de um antigo processo reencontrados, ou ainda de algum inútil e absconso alfarrábio descoberto sabe-se lá em que carunchoso baú de velho caquético.

«E não faltam os cegos...», disse para consigo Mark-Alen. Estavam sentados no seu lugar habitual, à direita do balcão. «Ah! Têm-me prejudicado muito», confiara-lhe certo dia o proprietário. «Eu ganharia sem dúvida uma clientela mais selecta se estes tipos, com o seu aspecto repelente, não frequentassem o meu café e ocupassem sempre, como que no intuito de me enfurecer, os melhores lugares! Mas não posso fazer nada, estou entalado. O Estado protege-os, é impossível expulsá-los.» MarkAlem perguntara-lhe então o que entendia ele por O Estado protege-os, ao que o dono do café, já à espera da pergunta, lhe respondera com uma história que o deixara estupefacto. Os cegos que frequentavam o

estabelecimento não eram desses que perdem a vista em consequência de uma doença, de algum acidente ou de um ferimento de guerra. Se tal fosse a origem da sua enfermidade, tê-los-ia acolhido com prazer. Mas eram cegos de outra natureza, e a causa da sua cegueira era bastante difícil de adivinhar. O proprietário explicou-lhe que eles nunca tinham sofrido de qualquer enfermidade física, que por conseguinte gozavam noutro tempo do sentido da vista, mas que os seus olhos, diferentes dos do comum dos mortais, possuíam um olhar maléfico; posteriormente, como o senhor MarkAlem devia saber, o grande Estado otomano, para se defender a si mesmo e resguardar o resto dos seus súbditos, decidira por decreto especial que se devia vazar os olhos destes indivíduos, em compensação do que, na sua benevolência, lhes outorgara uma pensão vitalícia. «Compreendes agora por que motivo não posso expulsá-los do meu café? Eles sentem-se orgulhosos do seu sacrifício, e vá-se lá saber por quem se tomam: talvez por heróis, é o mais certo!»

MarkAlem ignorava a existência de tal decreto, e a narrativa do dono do café, que este impingia seguramente a cada novo freguês, parecera-lhe a princípio o fruto de um cérebro transtornado. Porém, depois de se informar, soubera que existia efectivamente semelhante decreto e que ele era aplicado em todo o Império.

Curiosamente, apesar das suas vendas negras, MarkAlem já não os achava assustadores. Vira aludir lá no outro sítio a toda a espécie de olhares susceptíveis de arrepiar, e figurava agora estes olhos, no seu soberano horror, abrindo-se não em fronte humanas, mas na orla do céu ou em pleno coração da montanha, banhados de vez em quando por um soluço de Lua que se cristalizava nas bordas em estalactites de cera.

Nem a denúncia dos homens de mau-olhado, cuja evocação pelo dono do café o deixara apavorado (as cartas a denunciar as pessoas de olhar maléfico podiam ser deitadas em qualquer caixa do correio), nem a reunião mensal da comissão de Estado que, depois de ter examinado cada caso, decidia quais, entre os infelizes detidos, possuíam realmente mau-olhado, bom só para ser vazado, nem mesmo este suplício infligido em prol do bem comum, conforme

se especificava no tradicional discurso pronunciado perante os indivíduos acabados de cegar, faziam agora estremecer MarkAlem como dantes. Dava por vezes consigo a pensar que, dentro de alguns anos, nem as maravilhas nem os horrores deste mundo lhe causariam já a mínima impressão; não eram afinal de contas senão pálidas cópias dos do outro, que haviam conseguido transpor o limite separador daquele e deste mundo. Inferno e paraíso acham-se lá confundidos, notava ele sempre que ouvia pronunciar as palavras: que maravilha ou que horror...

A porta do café abriu-se, deixando entrar alguns funcionários do consulado estrangeiro instalado num dos edifícios fronteiros. «Continuam a vir tomar o café aqui», pensou MarkAlem. Fez-se por momentos silêncio à mesa do saltimbanco. Outrora, também ele sentia uma certa excitação quando penetravam estrangeiros num estabelecimento onde estivesse, e admirava em segredo os seus fatos à europeia, ao passo que hoje, esquisitamente, até eles lhe pareciam despojados de todo o mistério.

Era a hora da manhã em que o café registava a maior afluência. Reconheceu os empregados do Banco dos Vakufs', situado a uns vinte passos dali. Depois entrou o polícia encarregado da ronda no cruzamento. Aparentemente, acabava nesse preciso instante de largar o serviço. Entraram atrás dele algumas pessoas que MarkAlem não conhecia. Da mesa do saltimbanco e dos seus admiradores elevou-se um riso abafado. «Podeis rir», pensou ele; «para os vossos espíritos frívolos, o mundo é um canteiro de rosas...»

Bruscamente, qual nuvem escura, tornou a passar no seu espírito o jantar da antevéspera em casa do seu poderoso tio, o Vizir. Há já perto de um ano que o não via, e quando, ao regressar do trabalho, avistara estacionada em frente do seu prédio a carruagem que arvorava a letra O esculpida nas portinholas, estremecera como todas as vezes que a avistava. Mas ficara ainda mais espantado ao ouvir a mãe dizer-lhe que o Vizir mandara a carruagem buscá-lo, e esperava por ele.

Membros do clero muçulmano. (N. do E. francês.) Apesar do acolhimento caloroso que lhe reservara, o Vizir parecera-lhe fatigado, sorumbático. Tinha o olhar baço, como se houvesse

dormido mal. Quanto à sua elocução, era entrecortada por passagens em falso e dava a impressão que ele engolia a maior parte do que pretendia dizer. «As preocupações do poder», disse MarkAlem consigo mesmo. O tio interrogou-o sobre o seu trabalho, e ele, primeiro com um certo embaraço, depois cada vez mais livremente, pôs-se a descrever-lho nos diversos aspectos, mas quis-lhe parecer que o Vizir o escutava distraidamente, de espírito ausente. Embora julgasse estar a contar-lhe uma coisa interessante, em breve corou ao constatar que o tio não só tinha conhecimento de tudo, como ainda sabia muito mais sobre o Tabir Sarrail que todos os que lá trabalhavam. Falou-lhe dele numa voz lenta, entremeando as suas palavras com numerosas pausas e deixando muitos pontos na sombra; apesar de tudo, neste curto lapso de tempo, MarkAlem aprendeu muito mais sobre o Tabir Sarrail do que durante todo o período de serviço que já lá cumprira.

Estavam os dois sozinhos, o que nunca acontecera até então, com as chávenas de café pousadas à sua frente, e MarkAlem ainda não compreendia por que razão o tio o mandara vir. Este falava baixinho, atijando de vez em quando o carvão ardente na braseira, cuja presença naquela sala parecia prevalecer sobre a de MarkAlem. O Vizir mencionou as relações dos Quprili com o Palácio dos Sonhos. Conforme o sobrinho já devia ter ouvido dizer, estas relações haviam sido extremamente melindrosas ao longo de centenas de anos. Pareceu prestes a acrescentar outra coisa, talvez sobre os febris esforços envidados pelos Quprili para abolirem o Palácio dos Sonhos, assunto acerca do qual ele ouvira certos rumores, mas, aparentemente, reconsiderou e permaneceu uns largos momentos a espevitar as brasas apertando nervosamente o atijador entre os dedos. «Não é segredo para ninguém», disse então, «que o Tabir Sarrail se encontrava, há alguns anos, sob a influência dos bancos e dos proprietários de minas de cobre, ao passo que, mais recentemente, se aproximou do clã do Xequ-ul-Islam. Talvez perguntes a ti próprio que importância pode isto ter. Pois bem, é da mais alta importância! Não é sem motivo que, nos últimos tempos, se diz um pouco por toda a parte que seja quem for que exerça

ascendente sobre o Palácio dos Sonhos deterá as chaves do Estado».

De facto, MarkAlem ouvira dizer algo a tal respeito, mas nunca de maneira tão nítida, e sobretudo por uma tão alta personalidade governamental. Ficou perplexo e, como se não bastasse, o Vizir perguntou-lhe se sabia o que faziam das miríades de sonhos que eram examinadas no Tabir Sarrail. Vermelho que nem um pimentão, ele encolheu os ombros e respondeu que não. Estava tão mortificado que lhe apetecia meter-se pelo chão abaixo. Em verdade, já lhe sucedera em várias ocasiões interrogar-se: «O que farão deles?» e, na altura, pensara com ingenuidade que, depois de extraído o Sonho-Mor, tal como quando o grão foi separado da palha, o montão de sonhos inúteis era empacotado e descido aos Arquivos. Porém, mal o Vizir lhe fez esta pergunta, ele achou que era absurdo pensar que semelhante montanha de sonhos, depois de ter engendrado a flor rara, o Sonho-Mor, pudesse ir parar assim ao refugio. O Vizir explicou-lhe sucintamente que a escolha do Sonho-Mor constituía sem dúvida uma das tarefas, obviamente primordial, dos empregados desta secção, e a prova é que ela recebia daí o seu nome. Contudo, os encarregados do Sonho-Mor também tinham por missão redigir avisos destinados às principais instituições do Estado, bem como relatórios e outros estudos secretos sobre determinadas questões, designadamente sobre as psicoses a que estavam sujeitas as diversas castas e as inúmeras populações do Império.

MarkAlem bebia as palavras dele. Naturalmente, sublinhara o seu interlocutor, o Sonho-Mor permanecia um elemento fundamental, principalmente em momentos como este, por maioria de razão no tocante à sua própria família. O Vizir fitara demoradamente o sobrinho como se quisesse certificar-se de que ele compreendia bem que os Quprili nunca se tinham visto envolvidos em sonhos quaisquer, mas quase exclusivamente em Sonhos-Mores. «Percebes o sentido das minhas palavras?» acrescentara ele. Os seus olhos haviam-se coberto de um ténue véu, escuro mas cintilante. «É para o Sonho-Mor que convergem todos os...» Uma vez mais, a fala do Vizir tornou-se nebulosa, frequentemente entrecortada por passagens em falso... «Correm muitos rumores a tal propósito, não

esclarecerei se são verdadeiros ou erróneos, mas o que me interessa revelar-te é que um Sonho-Mor é capaz de suscitar mutações na vida do Estado...» Um clarão irónico brilhou fugidamente no olhar do Vizir... «Foi um Sonho-Mor que incutiu a ideia do grande massacre dos chefes albaneses em Monastir. Ouviste falar no assunto? Foi igualmente um Sonho-Mor que determinou a revisão da política para com Napoleão e a queda do grão-vizir Lúçufe. Os casos deste género não têm conta... Não é sem motivo que a vossa direcção, aparentemente modesta e desprovida de qualquer título, passa por rivalizar em poderio connosco, os mais influentes vizires...»

Esboçou um sorriso cheio de amargura: — Se pode rivalizar connosco — prosseguiu ele em voz lenta -, é porque dispõe de um temível poder, o que não se baseia nos factos.

MarkAlem estava suspenso dos lábios do tio. «Um temível poder que não se baseia nos factos...», repetiu para consigo, completamente subjugado, enquanto o Vizir continuava a explicar-lhe que nunca saíra nem podia vir a sair qualquer directiva do Tabir, que de resto o Tabir não precisava delas para nada: lançava ideias, e o seu estranho mecanismo dotava-as imediatamente de um poder sinistro, pois estas ideias eram colhidas, segundo ele, nas imemoriais profundezas da civilização otomana.

«Como acabo de te dizer, nós, os Quprili, tivemos frequentemente que nos haver com Sonhos-Mores...» As palavras do Vizir saíam dos seus lábios cerrados como silvos. «Eles atingiram-nos muitas vezes...» Mark-Além reviu em espírito as noites de cicios e de angústias na sua vasta morada. Os Sonhos-Mores apareciam-lhe sob a forma de víboras a dardejarem as suas línguas. As frases do Vizir iam-se tornando cada vez mais confusas. De tempos a tempos aflorava nelas algo das suas preocupações, mas ele apressava-se a ocultá-lo. «Devias ter ingressado mais cedo no Tabir Sarrail», disse, «mas talvez ainda não seja hoje demasiado tarde...» Cada vez mais obscuro, o seu discurso era acidentado por interrupções, hesitações. MarkAlem não percebia onde ele queria chegar. Sentia perfeitamente que o Vizir não desejava desvendar o fundo do seu pensamento. «Santo Deus, mas ele tem razão», disse finalmente para consigo: «é

um homem de Estado, ao passo que eu sou apenas um modesto empregado». Dava-lhe a entender, quase lhe declarava explicitamente, que não fora por acaso que o haviam nomeado para lá. Devia fazer por trepar, procurar compreender todo o funcionamento do mecanismo, e, o que era essencial, abrir os olhos para, na devida altura... «Mas o quê? Em que altura?» esteve ele quase a perguntar sem a tal se atrever. Era tudo tão tenebroso... «Voltaremos a falar disto a sós», disse-lhe o Vizir, mas MarkAlem sentia que ele ainda hesitava em abrir-se francamente consigo. Regressava ao ponto da conversa que deixara em suspenso, lançava-lhe dois ou três raios de luz, depois apressava-se logo a apagar tudo.

— Ouviste dizer — creio eu — que em certos períodos de crise o poder do Tabir Sarrail tende quer a declinar, quer pelo contrário a aumentar. Atravessamos justamente um destes períodos e, desgraçadamente, o poder do Tabir não pára de crescer.

MarkAlem não ousou perguntar-lhe de que crise se tratava. É bem certo que julgava ter ouvido falar de um determinado projecto de grandes reformas que havia tido o condão de irritar o clero e a casta militar, mas não sabia nada de preciso sobre o assunto. Talvez os Quprili estivessem implicados no caso...

— O momento é crítico — prosseguiu o Vizir. — O Sonho-Mor pode ferir outra vez...

MarkAlem esforçava-se por não deixar escapar nem um migalho das palavras do Vizir.

— A questão que se levanta — continuou ele ao cabo de um longo instante -, é a de saber qual dos dois mundos domina o outro.

«Meu Deus, lá está ele a divagar novamente!» disse MarkAlem de si para si. E isto no próprio instante em que parecia prestes a confiar-se!

— Há quem pense — insistiu o Vizir — que o mundo das angústias e dos sonhos, em suma, o vosso mundo, é que dirige este mundo aqui. Por mim, considero que é a partir deste mundo que tudo é dirigido. Que é afinal de contas este que escolhe tanto os sonhos como as angústias e os delírios que convém fazer subir à superfície, tal como um balde eleva a água do fundo de um poço.

Percebes o que eu quero dizer? É este mundo que, no tal abismo, escolhe o que lhe interessa.

O Vizir aproximou um pouco mais a sua cabeça da do sobrinho. Nos seus olhos brilhava um assustador clarão cor de enxofre.

— Dizem que, às vezes, o Sonho-Mor é forjado de cabo a rabo — largou ele mansamente. — Já te passou pela cabeça uma coisa destas?

MarkAlem estava transido de pavor. Forjado, o Sonho-Mor? Nunca imaginara que um espírito humano ousasse conceber semelhante horror, e ainda menos ordenar à sua boca que o formulasse explicitamente. Não obstante, o Vizir continuava a contar-lhe o que se dizia a propósito do Sonho-Mor, mas, por duas ou três vezes, MarkAlem pensou: «Santo Deus, verdade, verdadinha, é isto o que ele próprio pensa!» Ainda não se recompusera da sua estupefacção e a voz do Vizir chegava-lhe como que através de um fragor de avalanche. Dizia-se então que alguns Sonhos-Mores eram falsificações forjadas no Tabir-Sarrail pelos seus empregados, ao sabor dos interesses dos poderosos grupos rivais no poder, ou consoante o humor do soberano; que eles eram, se não inteiramente falsos, pelo menos em parte falsificados.

MarkAlem sentia uma irreprimível vontade de se lançar aos pés do Vizir e de lhe implorar: «Ajuda-me a abandonar aquele sítio, meu tio, salva-me!» Mas tinha perfeita consciência de que nunca poderia exprimir tal pedido, mesmo que imbuído da certeza de que o seu trabalho iria conduzi-lo ao cadafalso.

Ao regressar nessa noite de casa do Vizir, sentiu-se atormentado por esta angústia. A carruagem rodava numa rua de candeeiros apagados e ele tinha a impressão, ali fechado naquele landau negro marcado, qual estigma fatal, pelo Q maiúsculo sobre cada um dos seus flancos, de voar, solitária ave nocturna, nos limbos entre dois mundos que ninguém sabia dizer qual dos dois dirigia o outro...

Teria de abrir os olhos, na devida altura... Mas por que sinal lhe seria indicada esta altura, que anjo ou demónio viria avisá-lo, como o reconheceria ele, com quem devia pôr-se em contacto através dos farrapos de bruma do Tabir Sarrail?

... Relembrava este episódio no café, fazendo rodar a chávena vazia entre os seus dedos. Mesmo agora, já volvidos vários dias, sentia o peito oprimido pela mesma angústia. Algo o impeliu a virar a cabeça para o lado da mesa dos admiradores do saltimbanco Ali, que haviam cessado de tagarelar e o contemplavam com os olhos arregalados.

Ficou irritado. Manifestamente, o dono do café acabara por confidenciar-lhes onde trabalhava agora MarkAlem. Este não ignorava que ele era incapaz de guardar um segredo, mas daí a ser tão linguareiro... Bem vistas as coisas, podia ir para o diabo, ele e os outros curiosos! Quanto a si, não tornaria provavelmente a pôr os pés naquele café mais de duas ou três vezes em toda a temporada. Talvez ainda menos, ou até nunca mais.

À medida que se aproximava a hora do almoço, o café ia-se esvaziando. Os diplomatas estrangeiros tinham saído, bem como os empregados bancários. Os admiradores do acrobata levantaram-se por seu turno depois de terem deitado um último olhar embasbacado na direcção de MarkAlem. Só os cegos não buliram, e, como a conversa entre eles já havia terminado há uns bons momentos, mantinham os pescoços direitos, tal qual fazem as pessoas vexadas ou zangadas com o resto do mundo. Estas cabeças silenciosas pareciam dizer: «Dar-se-á o caso de os negócios do Estado correrem melhor, agora que os nossos olhos foram vazados por supostamente lhes causarem dano? Por aquilo que ouvimos dizer, o mundo ficou exactamente na mesma, se não pior.»

MarkAlem acabou por pagar o café, depois levantou-se e partiu, encaminhando-se lentamente para casa. Ao fim de um certo tempo arrependeu-se de não ter apanhado um fiacre. Metera pela rua onde morava quando distinguiu vozes que cochichavam: «Ele agora trabalha no Tabir Sarrail...» Fingiu não ter ouvido e continuou a andar de cabeça bem levantada. O vendedor de castanhas e o polícia da zona saudaram-no com particular respeito. Já sabiam certamente onde ele trabalhava, e nos seus olhares passara a ler-se uma espécie de estupor, como se os maravilhasse o facto de o verem ainda em carne e osso, quando afinal deveria agora não aparecer senão sob um aspecto quase imaterial.

Enxergou uma silhueta por detrás das grades de uma janela da casa fronteira. Tinha conhecimento de que moravam nesta residência duas lindas irmãs nas quais sentia prazer em pensar, mas hoje até mesmo aquelas grades que geralmente o atraíam lhe pareceram vazias.

«Pronto! Está quase a chegar ao fim a minha primeira visita ao mundo dos vivos», disse ele para consigo ao empurrar o portão do pátio. Um rumorejo semelhante a um roçar de asas acompanhava a sua deambulação, como se brisas do além tivessem ficado presas ao seu corpo. Poucas noites antes, em casa do Vizir, a ideia de que se arriscava à morte afligira-o, mas agora esta mesma ideia o deixava indiferente. O mundo era tão desconsolado que não valia a pena a gente consumir-se a pensar que podia perdê-lo.

Abriu a porta interior e, sem virar a cabeça para ver o que deixava atrás de si, entrou. «Amanhã...», murmurou ele ao lembrar-se das salas frias e das pastas em cima das mesas que o aguardavam. Amanhã, estaria de novo ali, nesse mundo estranho onde o tempo, a lógica das coisas e tudo o mais obedeciam a leis radicalmente diferentes. E decidiu que, se voltassem a conceder-lhe outro dia de folga, já não sairia à rua.

# OS ARQUIVOS

Logo a seguir à pausa da manhã, vieram dizer a MarkAlem que o vigilante queria falar com ele. Caminhando em bicos dos pés para não fazer barulho, dirigiu-se para a secretária do seu superior; a poucos passos de distância já ele reconhecia, ali pousada em cima, a pasta que lhe entregara nessa manhã.

— MarkAlem — disse-lhe o outro -, acho que farias bem, para um destes sonhos... (os dedos do vigilante folhearam rapidamente a pasta), olha, aqui está ele... acho portanto que, para um destes sonhos, mais precisamente este (tirou a folha do monte), não farias mal em descer aos Arquivos e consultar a interpretação que tem sido dada até aqui a semelhante tipo de sonhos...

MarkAlem mirou por instantes a folha ao fundo da qual estava inscrita a sua própria explicação do sonho, depois reergueu a cabeça para o vigilante.

— Farás como muito bem entenderes — continuou este último -, mas julgo que deverias seguir o meu conselho. Tenho a impressão de que este sonho é importante e, geralmente, em casos do mesmo género, é prudente reportarmo-nos à experiência adquirida.

— Sim, com certeza, não ponho em dúvida as suas palavras. No entanto...

— Nunca foste aos Arquivos? — atalhou o vigilante.

Ele acenou negativamente com a cabeça. O vigilante sorriu.

— É muito simples — disse este. — Há lá pessoas especialmente encarregadas de tais tarefas. Basta que lhes digas de que natureza é o sonho a respeito do qual vens consultá-los. Neste caso, é particularmente fácil: os sonhos tidos na véspera de confrontos sangrentos estão todos agrupados em conjunto. Tenho a certeza de que uma olhadela deitada a alguns deles te ajudará a resolver mais correctamente este — e o vigilante bateu com o dedo na folha que estava à sua frente.

— Muito bem — volveu MarkAlem estendendo a mão para lhe pegar.

— Os Arquivos ficam lá em baixo na cave — disse o vigilante. — Hás-de encontrar nos corredores alguém que te indique o caminho.

MarkAlem saiu em passos cerimoniais. Ao chegar ao corredor, inspirou profundamente antes de resolver por que direcção iria tomar. Mas lembrou-se de que devia descer primeiramente ao rés-do-chão e só a partir daí empreender as suas buscas.

Foi o que fez. Precisou de quase meia hora para alcançar finalmente o subsolo do palácio. «E agora?» interrogou-se ele ao ver-se sozinho numa comprida galeria abobadada, debilmente iluminada por lanternas que balizavam as paredes de ambos os lados. Julgou ouvir passos não muito longe de si e pôs-se a andar mais depressa para ir ao encontro do desconhecido, mas os passos do outro aceleraram-se por sua vez. Parou, o outro vez o mesmo. Percebeu então que esses passos eram os seus. «Meu Deus», exclamou de si para si, «é sempre a mesma história neste funesto palácio! O que é que custava colocar uns pequenos letreiros a indicar a direcção das diferentes secções?» Agora tinha a impressão de que esta galeria era de forma circular. De vez em quando ainda julgava ouvir passos afastados, mas também podia ser o eco do eco dos seus passos, ou os passos de gente a caminhar noutros andares. Estranhamente, porém, sentia-se tranquilo. De qualquer modo, acabaria decerto por sair dali, como já o fizera das outras vezes. Estava agora habituado a este género de desventuras. Continuando a andar, descobriu que a galeria circular era cortada por outros corredores mais ou menos largos, mas, receando perder-se ainda mais, ftão ousou embrenhar-se em nenhum. Ao cabo de perto de meia hora, quis-lhe parecer que voltara ao ponto de partida e disse para consigo: «Ando à roda como um cavalo na eira...» Parou uns momentos, inspirou profundamente, depois pôs-se de novo a avançar com redobrada resolução. Desta feita, meteu pela primeira galeria adjacente que se lhe deparou. Não tardou a congratular-se. Ao cabo de alguns passos, viu uma porta desenharse numa das paredes. Mais adiante abria-se outra. Ora aqui estão os malditos Arquivos, pensou ele cheio de alívio, sem conseguir decidir

a que porta iria bater. Continuou a avançar; abriam-se outras portas umas após outras em cada uma das duas paredes. Acercou-se de uma delas, mas absteve-se novamente de bater. Tentarei na próxima, prometeu a si mesmo, mas também aqui a sua resolução se desvaneceu. Como podia irromper assim num sítio ignorando onde se encontrava? Talvez fizesse melhor em esperar que uma destas portas se abrisse e saísse de lá alguém capaz de o informar.

Imobilizou-se sem saber qual a melhor atitude a tomar. Mas se alguém passasse por ali e, ao vê-lo especado como um espantalho, lhe perguntasse: «Eh! Tu, que está aqui a fazer?...» «Que maçada!» disse ele com os seus botões, e prosseguiu o caminho. Sempre a mesma história: tinha agora a impressão de que, desde a sua nomeação para aquele Palácio, não fazia senão errar pelos corredores sem encontrar o que procurava. «Diabos levem as hesitações e seja o que Deus quiser!» decidiu-se por fim batendo de maneira intempestiva à primeira porta que lhe surgiu pela frente. Logo a sua mão se retraiu e, se o pudesse, ele teria mesmo tentado apagar as pancadas que desferira, mas, infelizmente, estas haviam ressoado bem alto do outro lado. Esperou uns segundos; não lhe chegou nenhuma voz do interior. Resolveu-se então e bateu uma segunda vez, depois fez rodar a maçaneta, mas a porta não se abriu. «Está fechada à chave», pensou ele, «todas as minhas hesitações eram vãs». Avançou mais um bocado e, desta feita menos timidamente, bateu a outra porta. Também estava fechada. Tentou em mais algumas portas. Estavam todas aferrolhadas. «Mas afinal onde é que vim parar?» interrogou-se ele, não são aqui os Arquivos?

Irritado, estugou o passo e, enquanto caminhava, em gestos bruscos, já sem bater, com um certo despeito cuja origem não descortinava, ia experimentando todas as maçanetas metálicas. Sentia uma vontade louca de desatar aos pontapés a estas portas mudas. E tê-lo-ia certamente feito se, na altura em que já o não esperava, uma delas se não abrisse de repente. Empurrara-a com tamanho ímpeto que foi quase propulsado em frente. Rápida como um raio, a sua mão encolheu-se a fim de tentar agarrar de novo a maçaneta e puxá-la para trás, mas era demasiado tarde. A porta

abrir-se toda e, como se ainda não bastasse, dois olhos estupefactos pela brusca irrupção daquele indivíduo de ar esgazeado fitaram-no friamente.

— Que sucedeu? — disse uma voz que se elevava lá do fundo do compartimento.

Os olhos frios do homem continuavam a escrutá-lo.

— Desculpe — balbuciou MarkAlem recuando um passo. — Peco-lhe que me desculpe... (A sua testa estava perlada de suor.) Queira perdoar-me!

— Agá Shahin, diga-me lá o que aconteceu? — repetiu a voz que vinha do fundo.

— Nada de importante — respondeu o outro, e, sempre de olhos pregados no importuno, perguntou-lhe: — O que procuras?

Tolhido de confusão, MarkAlem abriu a boca sem saber lá muito bem o que ia dizer. Por sorte, a sua mão enfiou-se na algibeira onde estava metida a folha de papel.

— Vim consultar as pastas... como se faz habitualmente... por causa de um sonho — explicou numa voz hesitante. — Mas acho que me enganei na porta. Desculpe, é a primeira vez...

— Olha que talvez não te tenhas enganado... — Era a segunda voz, a que a princípio se elevava por detrás de umas estantes e que só agora ele localizava. Um rosto familiar, com olhos claros e risonhos, acabou por se mostrar.

— Você!... — disse ele a meia voz recordando-se imediatamente da sua memorável primeira manhã no bufete do Tabir Sarrail, onde travara conhecimento com este homem. — Trabalha aqui?

— Sim. Então lembras-te de mim? — volveu o outro encarando-o com simpatia.

— Claro que sim. Mas desde aquela vez nunca mais o encontrei.

— Eu cá, vi-te um dia à saída, mas tu não reparaste em mim.

— A sério? Devia estar distraído... Ter-me-ia dado muito prazer...

— Não estavas com um ar muito seguro. Como é que vai o teu trabalho?

— Vai bem.

— Continuas na Selecção?

— Não, transferiram-me para a Interpretação.

— Não está a brincar? — retorquiu o outro cheio de espanto. — Subiste depressa de posto. Parabéns! Alegro-me sinceramente.

— Obrigado. São aqui os Arquivos?

— Sim, os Arquivos. Vieste fazer uma consulta? Ele confirmou meneando a cabeça.

— Vou ajudar-te.

O arquivista bichanou umas palavras ao seu companheiro, cujos olhos, até então repassados de frieza, exprimiram uma viva curiosidade.

— Em que sector queres empreender pesquisas? — indagou o arquivista.

MarkAlem encolheu os ombros.

— Não sei. É a primeira vez que venho cá abaixo.

— Podes contar comigo.

— Fico-lhe muito grato.

O arquivista saiu do compartimento e MarkAlem foi atrás dele.

— Tinha a certeza de que te reencontraria um dia — disse-lhe o outro enquanto calcorreavam a galeria.

— Nunca mais o vi no bufete.

— Como querias enxergar-me no meio daquela barafunda toda? Os seus passos ressoavam a um ritmo regular.

— Tudo isto faz realmente parte dos Arquivos? — perguntou MarkAlem apontando com a cabeça para as numerosas galerias que desembocavam perpendicularmente por onde avançavam.

— Sim. É um autêntico labirinto. Uma pessoa pode perder-se cá dentro.

— Tive sorte em encontrá-lo; sem você, não faço a mínima ideia de como me aviria.

— Qualquer outro te ajudaria — respondeu-lhe o arquivista. Caminhava à frente de MarkAlem, que se afligia só de pensar que não atinaria com as palavras certas para lhe manifestar o seu reconhecimento.

— Sim, terias certamente encontrado alguém que te desse uma ajuda — repetiu o outro -; mas eu cá, vou levar-te a visitar todos os Arquivos.

— De verdade? — retorquiu MarkAlem sentindo-se inundado por uma onda de gratidão. — Veja lá se está muito ocupado — acrescentou em voz baixa -, não quero importuná-lo...

— Nem por sombras! Tenho imenso prazer em poder prestar um pequeno serviço a um amigo.

Confuso, MarkAlem não sabia o que havia de lhe responder.

— Se o Tabir Sarrail é como o sono relativamente à vida real — prosseguiu o arquivista empurrando uma porta -, os Arquivos são como um sono ainda mais pesado no interior do sono do Tabir.

MarkAlem entrou atrás dele num compartimento oval de paredes cobertas até ao tecto de altas estantes.

— Há dezenas de salas como esta — disse o arquivista indicando as estantes com o dedo. — Olha para aquelas pastas. Há aqui milhares delas, para não dizer dezenas de milhares.

— E estão todas cheias?

— Evidentemente — respondeu o arquivista dirigindo-se para a saída.

— Mas vamos passar por todos os compartimentos e poderás constatar-lo com os teus próprios olhos.

Caminhavam agora numa estreita galeria cujo solo pareceu ligeiramente inclinado a MarkAlem. Era debilmente alumiada por uma luz distante, provinda provavelmente das lanternas de outras galerias ou da galeria circular.

— Não falta aqui nada — disse o arquivista abrandando o passo. — Vê se compreendes onde eu quero chegar: se o globo terrestre desaparecer um dia, se, por exemplo, a Terra chocar um dia com um cometa, se ficar reduzida a migalhas, se ela se evaporar ou soçobrar simplesmente no abismo, se por conseguinte o nosso globo se desvanecer sem deixar outro vestígio além desta cave cheia de pastas, pois bem, tal bastará para dar a conhecer o que ele foi. (O arquivista virou a cabeça como para verificar que as suas palavras tinham surtido efeito no seu companheiro.) Percebes o que eu quero dizer? Nenhuma história, nenhuma enciclopédia, nem tão-pouco todos os livros sagrados e similares em conjunto, nenhuma academia, nenhuma universidade ou biblioteca estão em condições

de fornecer a verdade do nosso mundo de modo tão condensado como ela ressalta destes Arquivos.

— Mas essa verdade não estará um tanto desnaturada? — arriscou-se a objectar MarkAlem.

De perfil, o sorriso do arquivista pareceu-lhe ainda mais irónico do que o seria de frente.

— Quem pode afirmar que não é o que vemos de olhos bem abertos que é desnaturado e que, pelo contrário, o que aqui está descrito não é a verdadeira essência das coisas? (O arquivista abrandou o passo diante de uma porta.) Nunca ouviste um velho a suspirar: «Ah! A vida não passa de um sonho...»

Empurrou a porta e entrou à frente. Era uma sala extremamente comprida. Tal como a outra, tinha as paredes cobertas até ao tecto de estantes repletas de pastas. Via-se mesmo uma pilha delas pousada no chão, aparentemente por falta de espaço. Dois homens afadigavam-se em frente das estantes do fundo.

— Qual era o assunto do teu sonho? — perguntou o arquivista. MarkAlem tocou com a mão na folha dobrada dentro do seu bolso.

— Deixava prever a perda de muitas vidas humanas na guerra.

— Ah! Trata-se então dos sonhos tidos na véspera de grandes matanças. Estão arrumados noutro sector, mas não te preocupes, pois vamos buscá-los. Estes sonhos (o arquivista apontou para as estantes à sua esquerda) são os dos povos ensombrados, e aqueles, ali defronte, os dos povos radiosos.

MarkAlem esteve tentado a interrogá-lo sobre o que isto significava, mas não se atreveu. Ia atrás do arquivista que se insinuava nas estreitas passagens entre as estantes. O outro parou diante de uma prateleira que se arqueava sob o peso das pastas.

— Temos aqui o fim do mundo segundo os povos que sofrem invernos muito ventosos.

Passou a mão pela prateleira como se quisesse endireitá-la e em seguida, voltando-se para MarkAlem, disse-lhe: «Por vezes, os intérpretes que descem aos Arquivos mostram-se cheios de presunção e maçadores. Tu, pelo contrário, agradas-me bastante, pois és amável e dá-me sinceramente prazer ensinar-te tudo.»

— Obrigado — agradeceu MarkAlem.

Esta comprida sala comunicava por uma porta muito baixa com outra sala contígua. O cheiro a papel velho ia-se tornando cada vez mais intenso e MarkAlem teve a impressão de que ele lhe dificultava a respiração.

— A Ressurreição dos mortos... — disse o arquivista. — Valha-nos Alá! Há aqui um sem-fim de horrores!... Bem, avancemos um pouco mais. Cá está o Caos: a Terra e o Céu confundidos em todas estas prateleiras. A vida-morte ou a morte-vida, como preferires... Projectos de vida de origem feminina. De origem masculina... Vamos agora ali. Os sonhos eróticos: toda esta sala e as que lhe são contíguas estão cheias deles. Crises económicas, desvalorização das moedas, rendas de propriedades, bancos, falências, está aqui tudo reunido. Olha! Cá temos também as conspirações. Os golpes de Estado esmagados no ovo. As intrigas governamentais...

MarkAlem tinha a impressão de que a voz do arquivista se tornava cada vez mais longínqua. Por instantes, sobretudo nas galerias por onde enveredavam a fim de passar de uma sala para a outra, não distinguia bem as palavras dele. A abóbada devolvia-lhe um eco tremente: — Agora, rã... rã..., vamos ver... er... er... os sonhos de cativo... ati... ati... veiro... veiro.

A cada rangido de porta, MarkAlem estremecia até à medula dos ossos.

— Os sonhos do primeiro período de servidão... — disse o arquivista apontando para as estantes correspondentes -, ou, como também se lhes chama, os sonhos da primeira servidão, a fim de os distinguir dos sonhos posteriores, ou seja, do cativo profundo. De facto, são muito diferentes uns dos outros. É tal e qual como os primeiros amores, que diferem dos seguintes. E daqui até ao fundo desta sala estão classificadas as pastas dos grandes delírios.

«Os grandes delírios...», repetiu MarkAlem para consigo sem poder tirar os olhos das prateleiras. «Até onde continuaria a errar através daquele inferno?»

— Ontem, os encarregados do Sonho-Mor vieram cá fazer pesquisas até altas horas da noite — confiou-lhe o arquivista baixando a voz. Não é motivo para admiração, pois podem encontrar-se aqui reunidas as maiores calamidades, a começar por

aquelas que certos povos se puseram recentemente a chamar de renascimento nacional. Trata-se, como vês, não da ressurreição de um morto, mas da de uma nação inteira, o género de coisas das quais nem sequer se ousa pronunciar o nome... Os sonhos tidos na véspera de efusões de sangue, não foi o que disseste?

— Sim, é isso.

— São aquelas pastas ali. No conjunto, trata-se de sonhos tidos na véspera de grandes batalhas ou até mesmo, no caso de alguns deles, já perto do amanhecer... A batalha de Kerk-Kili... A batalha de Bayazit Yeldrem contra Tamerlão. As duas campanhas da Hungria...

— Está aqui a batalha de Kosovo? — inquiriu ele numa voz muito débil. O arquivista ergueu os olhos.

— Referes-te à primeira, a de 1389, travada, se não me engano, contra todos os Balcãs reunidos?

— Sim, justamente.

— Com certeza que a temos cá. Espera só um bocadinho. Virou-lhe as costas e sumiu-se por entre as estantes que vergavam sob o peso das pastas, aparentemente a fim de procurar o funcionário encarregado deste sector. Não tardou a voltar com ele.

— É aqui mesmo que se encontram os cerca de setecentes sonhos a respeito dela, tidos na véspera do dia fatal — disse o arquivista fitando alternadamente MarkAlem e o empregado do sector, cuja cabeça de feições macilentas anuía a cada uma das suas palavras.

— Antigamente devia haver mais, mas é possível que se tenham extraviado — disse o empregado numa voz sem timbre. — Aliás, uma boa porção dos que restam estão truncados, como é natural em sonhos transcritos à pressa logo ao alvorecer.

— A sério? — não pôde coibir-se de exclamar MarkAlem. Ouvira mais de uma vez falar em sua casa desta trágica batalha.

— O Sonho-Mor também foi escolhido à pressa para ser levado de manhãzinha à tenda do sultão.

— Tiveram tempo de escolher o Sonho-Mor? — perguntou MarkAlem com um ar pasmado.

— Claro! Não podia ser de outra maneira.

— E está aqui?

— Não, esse está conservado com os outros na sala dos Sonhos-Mores — explicou o empregado.

— Também havemos de ir lá, não te preocupes — interveio o arquivista.

— Posso descrever-lho mais ou menos — disse o empregado numa voz ainda mais ténue. — Se isso lhe interessa, naturalmente...

— Sim, sem dúvida!

O arquivista encarou-o por instantes e baixou as pálpebras em sinal de compreensão. «Tinha mesmo que te interessar», dizia o seu olhar, «a ti que és um Quprili...»

— Um soldado vira em sonhos um seu companheiro morto há já algum tempo, que o convidava a ir ter com ele atrás de um talude. «Eh! O que estás aí a fazer sozinho?» dissera-lhe ele. «Não te aborreces? Por que não te juntas a nós? É deste lado que está a maior parte de nós...» — contou o empregado numa voz que parecia mesmo de além-túmulo. — Isto queria dizer que o dia seria particularmente sangrento, o que de facto veio a acontecer.

— Céus! Não foi brincadeira nenhuma — corroborou o arquivista. Nessa altura é que o conjunto balcânico ficou reduzido a nada.

MarkAlem encarou sucessivamente cada um dos seus dois interlocutores.

— Ainda hoje, ao cabo de cinco séculos, é frequente os Balcânicos sonharem com tal batalha — informou o empregado. — Foi o que me disse um amigo meu que trabalha nos povos ensombrados.

— É perfeitamente compreensível — observou o arquivista -, cujo olhar continuava pregado em MarkAlem.

— Quer que abramos as pastas? — perguntou o empregado.

— Não, ainda não — respondeu o arquivista. — Voltaremos daqui a um bocado, não é? — disse ele virando-se para o seu jovem companheiro. — Visitemos primeiro todos os Arquivos; depois poderás regressar aqui e permanecer o tempo que te apetecer.

— Combinado — aquiesceu MarkAlem.

Dirigiram-se de novo para a galeria onde a voz do arquivista lhe chegava desdobrada pelo eco.

— Agora... rã... vamos... ver... mós... ver... mós... mós... ver... os arqueo-sonhos... onhos... otomanos... manos...

— O quê? — perguntou MarkAlem quando, depois de transporta uma porta, o arquivista pareceu ter recuperado a sua elocução normal.

— Os antigos sonhos otomanos — respondeu ele. — Os primeiros sonhos dos fundadores do Império, ou arqueo-sonhos, como também se lhes chama.

— Conservaram-nos?

— De certo modo, sim — disse o arquivista -, tanto quanto podem sê-lo as velhíssimas pinturas murais. Estão ali naquelas pastas.

MarkAlem cumprimentou com um aceno de cabeça o silencioso empregado que surgira entre as estantes.

— São pouco numerosos e, por esta mesma razão, ainda mais preciosos — prosseguiu o arquivista. — De facto, chegaram-nos já tão mutilados que é muito pouco o que se pode descobrir neles. Apesar das sucessivas restaurações de que foram objecto, à semelhança de velhos frescos, ficaram mais ou menos no mesmo estado, o de visões descosidas, sem relação entre si. Nem por isso são menos sagrados, na medida em que serviram de alicerce ao Estado. Os intérpretes actuais descem frequentemente cá abaixo para os consultar, a fim de se inspirarem na maneira como os explicaram na época. Não é verdade, Fuzul? — dirigiu-se ele ao empregado.

— É sim — disse o outro. — Ainda ontem à noite, vários deles ficaram aqui até bastante tarde.

— Intérpretes da nossa secção? — inquiriu MarkAlem.

— Do Sonho-Mor. É lá que trabalha? MarkAlem corou.

— Não, trabalho na Interpretação.

— Decididamente, os encarregados do Sonho-Mor parece terem estado ontem à noite em toda a parte — observou o arquivista numa voz que o seu companheiro julgou carregada de subentendidos. Obrigado, Fuzul — largou ele ao empregado.

Saiu à frente.

— Custa a compreender o quer que seja nestes arqueo-sonhos, mesmo depois de terem sido restaurados — continuou ele dirigindo-se agora a MarkAlem. — Vi alguns e todos me pareceram absolutamente desbotados, como essas velhas tapeçarias nas quais já não se distingue qualquer desenho. No entanto, os intérpretes passam horas a fio debruçados sobre eles. (O arquivista riu-se para dentro.) Mas aposto que não percebem patavina! Ficam ali inutilmente, fingindo dar tratos à imaginação para descobrir os significados escondidos, quando afinal não pensam senão nas suas pequenas preocupações familiares, no seu insuficiente ordenado ou sei lá em que mais. Ah! Cá estão finalmente os Sonhos-Mores...

MarkAlem arrepiou-se como se o outro lhe tivesse mostrado um ninho de víboras — salvo que estes já tinham expelido o seu veneno há muito tempo. No entanto, mesmo assim, não pareciam menos temíveis.

— Há uns quarenta mil ao todo — disse o arquivista, suspirando: Alá!

MarkAlem também suspirou.

— E agora — prosseguiu o outro — vamos ver os sonhos dos Soberanos.

MarkAlem esperava penetrar numa sala particularmente imponente, mas ela era idêntica às outras. As estantes e o resto eram semelhantes, com a pequena diferença de as pastas ostentarem na capa o selo do Imperador. Por cima estava inscrito o nome de cada Soberano: Sono do Sultão Murat I, Sono do Sultão Bajazeto, Sono do Sultão Mehmet II, Sono do Sultão Solimão, o Magnífico. E assim sucessivamente...

— Estas pastas só podem ser abertas por ordem do Soberano — murmurou o arquivista. — Todo aquele que infringir esta regra será decapitado. — E passou a mão transversalmente pela frente do pescoço.

Visitaram em seguida outras salas onde estavam depositados os sonhos dos povos giaurs\*, os da servidão profunda, as angústias, que ocupavam três grandes compartimentos, as alucinações — tinha-se discutido demoradamente sobre a questão de saber se elas

deviam ou não ser examinadas no Tabir Sarrail -, bem como o sono dos alienados na última sala.

*\*Termo depreciativo que designa os cristãos. (N. do E. francês.)*

— Ora bem, julgo que já tens agora uma ideia do que são os Arquivos — disse o arquivista quando saíram os dois deste derradeiro compartimento.

MarkAlem fitou-o com olhos que pareciam implorar piedade. Regressaram às estantes onde estava guardada a pasta da batalha de Kosovo, e foi aí que se despediram um do outro.

— Quando tiveres acabado — disse-lhe o arquivista -, segue por este corredor até chegares à galeria circular. A partir daí podes dirigir-te num sentido ou no outro: irás sempre parar à escada.

O empregado do serviço sugeriu-lhe que se instalasse a uma mesinha e colocou diante dele a pasta que lhe interessava. Com os dedos entorpecidos, MarkAlem pôs-se a folhear as velhas páginas de uma espécie de papel parecido com cartão que já se empregava há muito tempo. Estavam quase todas juncadas de manchas. A tinta destingira e um grande número de palavras já quase não eram legíveis. MarkAlem sentiu subitamente uma violenta dor na cabeça, como se lhe houvessem desferido uma machadada. Esvoaçavam moscas diante dos seus olhos. Conservou-os por momentos fechados, até dar tempo a descansá-los, depois reabriu-os. Pôs-se então a ler devagar, sem poder concentrar-se. Qualquer coisa afastava o sentido do texto do seu espírito, fazendo-o vibrar como o eco das palavras do arquivista quando passavam ambos por baixo das abóbadas das galerias. Esforçou-se apesar de tudo por concentrar-se. A língua era antiga e ele não compreendia muito vocábulos; sobretudo, a ordem das palavras na frase não era natural: uma autêntica embrulhada! Mas devia contentar-se com aquilo de que dispunha. Era a primeira vez que consultava textos tão antigos, datados de há cinco séculos. Aos poucos, estimulado pela satisfação de entender aqui e além alguma coisa do que decifrava, progrediu cada vez mais desembaraçadamente na leitura. A maioria dos sonhos estavam muito brevemente descritos, em duas ou três

linhas, alguns até mesmo numa única, de modo que a consulta da pasta não era tão penosa como ele supusera a princípio. Sem a interpretação que figurava por baixo do texto, toda esta leitura não teria durado mais que umas escassas horas.

Estranhamente, Mark Alem sentiu a sua fadiga dissipar-se. Os olhos dele habituavam-se cada vez melhor a este tipo de letra deste há muito inaplicado. Agora, a insólita ordem das palavras atraía-o. Pouco a pouco, estas linhas parcimoniosas, mutiladas, truncadas, absorveram-no no seu universo. A planície do Kosovo, na Albânia do Norte, onde ele nunca pusera os pés, desdobrou-se progressivamente na sua imaginação, visão onírica e confusa como só pode sê-lo um cenário concebido por várias centenas de cérebros adormecidos. E como se não bastasse, estas visões brumosas, vazias de sentido, faziam-se acompanhar de uma interpretação que as tornava ainda mais imateriais. Contudo, talvez por causa da comum angústia dos sonhadores antes da alvorada do dia fatal, talvez também por causa da das pessoas designadas para tomar nota dos sonhos à pressa, este produto comum de centenas de cérebros adormecidos cada qual no seu canto, este quadro variegado apresentava uma esquisita unidade. Mesmo antes do amanhecer, quando a planície ainda só estava húmida de orvalho, no sono dos soldados ela já se enchera de grandes poças de um sangue que se adensava e ensombrecia com o entardecer, e nos charcos mais antigos vinham desaguar riachos de sangue novo de uma cor mais clara, que tendia a escurecer a pouco e pouco, mas não a ponto de se confundir com o sangue mais antigo. Em seguida sobrevinha o fim dos combates ao crepúsculo, a derrota dos Balcânicos, a morte do Sultão no próprio momento em que se regozijava da sua vitória. Depois a tenda para onde se transporta o corpo do Sultão assassinado, cuja morte foi ocultada ao exército, e os Vizires reunidos em comissão restrita; finalmente o mensageiro que foi buscar um dos dois filhos do Sultão, Jakub Tchelebi: «Anda, o teu glorioso pai mandou chamar-te...» O príncipe que avança para a tenda onde julga que o pai o espera realmente, a sua entrada na tenda, e o seu próprio assassínio, a sangue-frio, à machadada, pelos

vizires desejosos de evitar qualquer luta pelo poder entre o irmão e ele...

MarkAlem esfregou os olhos como para tirar o véu que os recobria. Qual era afinal a verdade, podia-se mesmo descobri-la quando os seus fundamentos se enraizavam assim no sonho? Tanto mais que nenhuma fronteira bem definida separava o sonho da realidade, e que tudo o que se relacionava com esta planície — topografia, intempéries, acontecimentos, testemunhos — se encontrava como que enredado. As almas brancas de trezentos mil balcânicos, nas derradeiras ânsias antes de deixarem este mundo, formavam uma espécie de neve imensa que adejava sem descanso por sobre o solo. Por que é que o Grande Sultão corria, de ar esgazeado, no meio do seu turbilhão demencial, como se quisesse fugir com elas? «Onde vais assim, Padixá? Retoma o teu próprio domínio!» exclamara a dormir o janízaro Selim que, ao despertar, se apressara a ir contar o seu sonho. Mais adiante, o príncipe Jakub Tchelebi, ensanguentado, ainda corria através da planície sob a aparência de um cavalo despojada da crina. E, de novo, poças de sangue, já o Verão, já o Inverno, as estações misturadas, e naquela planície a um tempo a chuva e o sol, a neve e a verdura, as flores e a desolação invernal. Seria necessário chover semanas inteiras, ou mesmo meses, para lavar todo aquele sangue; depois seria preciso que a neve viesse embranquecer tudo para que esta aflição parecesse finalmente recoberta. Porém, na Primavera seguinte, quando os regatos desatavam a correr através do leito imaculado, carreavam consigo coágulos de sangue, como se a neve tivesse sido ferida. É assim, ó Alá, que em qualquer época, tanto de Inverno como de Verão, sob o vento ou a muda chuva, aquela planície, lá na Albânia do Norte...

MarkAlem lembrou-se subitamente de que o Vizir o convidara a ele e à mãe para irem nessa noite a sua casa. Era o tradicional jantar no decurso do qual se ouviam os rapsodos vindos dos Balcãs. Decerto que desta feita, juntamente com os bosnianos, se apresentariam também os rapsodos albaneses contratados por Kurt.

Fechou as pastas e levantou-se. Doía-lhe a cabeça por ter lido demasiado, ou talvez por causa das emanações de carvão que se

notavam mais no subsolo que nos andares superiores.

Cumprimentou com um gesto de cabeça os empregados do serviço e saiu. Os seus passos ecoaram na galeria. Que horas seriam? Não fazia a mínima ideia. Lá em cima, tanto podia ser a hora do almoço como o meio da tarde ou inclusive a noitinha. Por momentos acometeu-o a inquietude: e se estivesse atrasado para o jantar? Mas sossegou. O tempo não podia ter passado tão depressa. Este jantar parecia-lhe pertencer a outro universo situado algures, lá muito no alto, quase nas nuvens, enquanto à sua direita e à sua esquerda se erguiam as surdas paredes das galerias atrás das quais repousavam em milhares e milhares de pastas todo o sono do mundo. Sentia as suas próprias pálpebras pesadas. «O que é me deu?» interrogou-se ele. «Que sonolência era esta que se apoderava de cada um dos seus membros?» Estremeceu de horror, mas logo se tranquilizou: era certamente o efeito das emanções de carvão... «Eh! O que estás aí a fazer sozinho? Por que não te juntas a nós? É deste lado que está a maior parte de nós...

MarkAlem estugou o passo para desembocar o mais depressa possível na galeria circular, mas ainda não a avistava. Quanto mais avançava, mais tinha a impressão de se perder. E se acabasse por baquear e adormecer naqueles corredores desertos? Uma vez mais, sentiu as pálpebras pesadas como chumbo. «Como é que me afoitei a vir cá abaixo?» perguntou a si mesmo. Acelerou o andamento, depois desatou a correr. O ruído dos seus passos, repercutido pelo eco, ainda aumentava mais o seu pavor. «Não adormecerei!» ordenou ele a si mesmo. «Não, não hei-de cair na vossa armadilha!»

Só Deus sabe durante quanto tempo teria continuado esta louca corrida se, num cruzamento, um homem não houvesse bruscamente surgido à sua frente.

— Que sucedeu? — inquiriu o outro numa voz pouco segura. — Que se passa?

— Nada — respondeu MarkAlem. — Onde fica a saída?

— Mas ouve lá, está muito pálido. Já souberam o que aconteceu?

— O quê? Só procuro a saída...

— Perguntei-te se estavas ao corrente de alguma coisa. Tens a cara da cor da cinza...

- Talvez seja por causa do carvão...
- É que ao ver-te, pensei...
- Por onde se sai?
- Por aqui — disse o outro.

MarkAlem sentiu-se tentado a replicar-lhe: «Tu também estás lívido, por que é que o meu mau aspecto te impressiona tanto?» Mas não lhe apetecia nada demorar-se ali, ainda que só uns instantes. «Contanto que saia daqui o mais depressa possível. Tomara eu ver-me fora deste poço!»

Por fim a escada apareceu à sua frente e ele pôs-se a trepar os degraus a três e três, ou mesmo a quatro e quatro. Deu consigo no rés-do-chão, já sem fôlego. Julgou ouvir um ruído. Voltou-se e, para seu grande espanto, lobrigou um grupo de homens que envergavam compridas romeiras e se afastavam prontamente nas profundezas do corredor.

No primeiro andar cruzou-se com outro grupo de indivíduos de ar sombrio. Do fundo das galerias chegavam outros ruídos de passos. «O que eram afinal estas idas e vindas?» interrogou-se ele, lembrando-se então do homem com quem dera de caras nas galerias dos Arquivos. Tinha a sensação de que estava a passar-se algo no interior do Palácio. Apressou o andamento para alcançar sem delonga a Interpretação. Pelas foscas tonalidades que atapetavam as vidraças, apercebeu-se de que o dia começava a declinar.

— Onde é que te metestes? — indagou o seu vizinho de mesa. — Para onde te sumiste o dia inteiro?

— Estive nos Arquivos.

O outro arregalara os olhos. Havia só uma semana que o tinham instalado ali, a trabalhar ao lado dele, mas MarkAlem já dispusera de tempo suficiente para se convencer de que o seu vizinho era acima de tudo doido por indiscrições, principalmente de carácter político, segredadas ao ouvido, proibidas e perigosas, sendo o risco o tempero que as tornava ainda mais saborosas. Podia-se mesmo achar estranho que ainda não soubesse que ele era um Quprili.

— Passa-se qualquer coisa — disse inclinando todo o seu busto para o lado esquerdo, na direcção de MarkAlem. — Não sentes?

Este encolheu os ombros.

— Sim, de facto notei uma certa agitação nos corredores, mas é tudo o que sei — limitou-se a responder.

— Chamaram o nosso chefe por três vezes e ele voltou sempre com um ar apavorado. Acabam de o chamar pela quarta vez, mas ainda não reapareceu.

— De que se tratará afinal de contas?

— Sabe-se lá... Pode ser tudo e mais alguma coisa. MarkAlem esteve tentado a falar-lhe do homem de cara assustada com quem se cruzara nos Arquivos, mas isto só contribuiria para alimentar entre eles um novo caudal de cicios. As palavras do arquivista sobre as pesquisas que os encarregados dos Sonhos-Mores tinham efectuado durante toda a noite nos Arquivos acudiram-lhe de novo à memória. Era óbvio que se passava algo.

— Podemos esperar tudo — murmurou o seu vizinho. Para não se fazer notar, esforçava-se por falar sem virar a cabeça para ele, torcendo simplesmente o canto da boca, como para imprimir a direcção correcta ao seu cicio. — Tudo pode acontecer — repetiu ele -, desde a exoneração de funcionários ao encerramento do próprio Palácio.

— O encerramento do Tabir Sarrail?

— Por que não? Uma agitação destas... Um tão suspeito vaivém nos corredores... Há anos que trabalho aqui e já acabei por conhecer os hábitos da casa. Mas o decorrer deste dia não me disse nada de concreto. Num dia assim, podemos esperar tudo...

— Já alguma vez encerraram o Tabir? — interrogou MarkAlem numa voz trémula.

— Hum, que pergunta! — resmoneou o outro entre dentes. — Se as coisas chegassem a esse ponto, ai de todos nós!... Na realidade, fui testemunha de certos períodos sombrios em que o Soberano, por decreto especial, suspendeu toda a consulta dos sonhos. Mas só acontece raramente, mesmo muito raramente, percebes? Em tais casos, só se tomam em consideração os sonhos do Soberano. O Tabir Sarrail fica então como que enlutado. Dir-se-ia uma ruína onde os empregados deambulam como almas penadas ao longo dos corredores. Tudo parece prestes a apagar-se, a dar o último suspiro.

Sem pinga de sangue, ficamos todos à espera do encerramento. De resto, deste estado de luto ao encerramento, vai uma curta distância...

MarkAlem sentiu uma bola de angústia subir-lhe da boca do estômago à garganta. Recordava-se confusamente das palavras do Vizir. Não se trataria porventura da eventualidade que este evocara sem no entanto querer elucidar melhor o seu pensamento? O vizinho do lado continuava a perorar, mas ele já não o escutava. As têmporas latejavam-lhe perdidamente, as suas ideias enredavam-se de modo inextricável... No decurso das intermináveis conversas sobre o Tabir Sarrail, bem como por ocasião do seu último diálogo, tão ambíguo, com o Vizir, ele julgara compreender que quanto mais as coisas corressem mal para o Palácio dos Sonhos, menor elas seriam para os Quprili. Quanto mais funesto se mostrasse este dia para o Tabir, mais ele próprio, inversamente, teria motivos para se alegrar. Ora, a verdade é que tal não sucedia. A incerteza que o rodeava não suscitava dentro de si a mínima alegria, pelo contrário, só o fazia tremer ainda mais.

Pôs-se à escuta do murmurejo do seu vizinho, mas custava-lhe distinguir a mais pequena palavra. O outro parecia falar antes para si mesmo. Ele lembrou-se desse dia em que perguntara à avó: «Avó, por que razão falas assim contigo em voz alta?» Ela respondera-lhe: «Para sermos duas, meu filho, para não me sentir sozinha...» MarkAlem teve vontade de suspirar igualmente muito alto, como a avó fazia outrora. Estavam sozinhos, naquelas frias mesas sobre as quais se desdobravam as visões quase demenciais de cérebros desconhecidos, sem qualquer ligação uns com os outros...

— Mas porquê? — indagou MarkAlem interrompendo numa voz quase sumida o falatório do outro. — Por que é que isso se dá?

— Por que é que isso acontece? (Quis-lhe parecer que o canto deformado da boca do seu colega lhe endereçava, em lugar de palavras, o jorro de um ricto glacial.) Santo Deus, como é que se pode fazer a pergunta porquê entre as paredes deste palácio? Acaso se pode saber o porquê das coisas, aqui?

Suspirou. As vidraças, agora totalmente ensombrecidas, deixavam adivinhar que já anoitecera a valer. A luz dos candeeiros

iluminava debilmente as testas inclinadas sobre as mesas.

— Olha, lá vem o chefe — proferiu a voz do seu vizinho. — Até que enfim, já era tempo de voltar.

MarkAlem olhou na direcção que o outro indicara.

— Não acho o seu rosto tão transtornado como me deste a entender — disse ele num fiozinho de voz.

— Ah, sim? — largou o outro, acrescentando ao cabo de um silêncio: — No fundo, tens razão. Também a mim já não me parece que ele tenha esse ar. Esperemos que as notícias sejam boas.

MarkAlem sentiu a angústia contrair-lhe dolorosamente o estômago.

— Até está com um ar de certa satisfação — disse ele.

— Bom, não é tanto assim, mas, de qualquer modo, tem o rosto mais desanuviado.

— Tomara já que este dia acabe! — desabafou MarkAlem de olhos pregados no chefe, julgou descortinar um brilho febril no olhar dele.

— Que Deus nos proteja! — acrescentou por fim.

— O dia há-de sem dúvida acabar, mas isso não quer dizer que nos possamos ir embora...

— É lá possível!

— Num dia destes, deves compreender que pode acontecer-nos passar aqui uma noite em claro.

MarkAlem lembrou-se de que o Vizir o convidara para ir a sua casa nessa noite, e por pouco não o confidenciou ao colega do lado. «Seja como for», pensou ele, «pedirei licença para sair. Atrever-se-ão porventura a impedir-me de ir jantar a casa do meu poderoso tio?» Esfregou a testa com a palma da mão. E se tudo isto não fosse mais que o fruto de uma imaginação desenfreada? Bem vistas as coisas, tratava-se apenas de suposições que ainda não assentavam em nada de concreto. Gente nos corredores, a cara do chefe sucessivamente transtornada e desanuviada: como diabo pode uma pessoa basear-se em tais indícios? O colega era realmente chanfrado, e MarkAlem perguntou a si mesmo como pudera deixar-se arrastar pelas elucubrações dele.

A sineta que anunciava o termo do trabalho fê-lo sobressaltar-se. O vizinho do lado e ele entreolharam-se e MarkAlem esteve quase a lançar-lhe: «Cretino, apoquentaste-me por nada; é um dia como qualquer outro, lá está a sineta a tocar à hora do costume. O que é que te deu, ó idiota, para me pregares um cagaço destes?»

O vizinho foi o primeiro a fechar a pasta e, deitando-lhe uma olhadela como quem diz: «Vai-te embora depressa sem esperar que te mandem!» desandou ele próprio de afogadilho. MarkAlem foi-lhe no encalço. Os corredores e as escadas fervilhavam de gente. O bater dos passos, surdo, anónimo, parecia abalar o edifício até aos alicerces. Com o alívio do homem amedrontado que se dissimula na turba, ele juntou os seus passos aos da multidão caminhante. Por duas ou três vezes, teve a impressão de que era um fim de dia igualzinho aos outros, mas, logo a seguir, invadiu-o o sentimento radicalmente oposto. Perscrutava o perfil das pessoas pelo canto do olho, julgando vislumbrar nas suas maçãs do rosto o brilho de uma certa febre, reflexo de uma incandescência profundamente sepulta nos seus crânios. Não uma banal exaltação, mas um borbotão de impaciência perante o desconhecido. «Tretas!» disse ele consigo pouco depois: «não há tal coisa nestas caras emurchecidas pelo cansaço e pelas divagações dos sonhos. São os meus próprios nervos que estão em franja...»

Depois de ter transposto o portal exterior, separou-se da multidão dos empregados e, à medida que se afastava deles, as suas apreensões pareceram-lhe cada vez mais absurdas. «Foi aquele maníaco que me fez perder o tino», disse ele para consigo. A cena que se tinha desenrolado entre ambos era de facto sumamente cómica.

Procurou um fiacre com o olhar para chegar mais depressa a casa. Não queria de maneira nenhuma comparecer atrasado ao jantar. Ergueu duas ou três vezes a mão para chamar uma carruagem, mas a verdade é que, ou por não o ouvirem ou por estarem ocupados, os cocheiros não paravam. MarkAlem não pertencia ao número dos que ousam gritar da borda da calçada: «Eh, cocheiro!» Preferia ir a pé, debaixo de chuva ou de neve, a chamar a atenção para a sua pessoa. Felizmente que os transeuntes

eram mais raros nos passeios do que habitualmente: podia avançar mais depressa. Se todo o caminho até casa estivesse assim meio deserto, teria todo o vagar para mudar de roupa ou mesmo tomar banho antes do jantar.

Abismado nas suas reflexões, já quase esquecera os seus anteriores receios quando algo que ele próprio, na altura, não percebeu exactamente o que era — um pequeno grito de surpresa, um passo precipitado, um cicio a seu lado — o fez erguer a cabeça e olhar na direcção do cruzamento. Duas patrulhas estavam postadas mesmo ao meio, a examinar os transeuntes com um olhar desconfiado. O que sucedera? Não teve tempo de architectar a mais pequena hipótese, pois avistou um pouco mais adiante outra patrulha e logo a seguir outra ainda. Há soldados por toda a parte, constatou ele. A angústia da qual julgara libertar-se ao sair do Palácio dos Sonhos acometeu-o de novo. Os outros transeuntes também olhavam com o rabo do olho para as patrulhas. Alguns até viravam a cabeça enquanto se afastavam, a fim de as observar uma última vez.

Ao cabo de uns instantes, depois de ter andado um bocado sem avistar mais uniformes, disse com os seus botões: «Talvez não passe de um acaso... As pessoas entravam e saíam dos pequenos botequins disseminados ao longo da rua, e em parte alguma se notava o mínimo sinal de alarme. Lá está também o café As Noites do Ramadão onde, como de costume, se ouvia a música a tocar. «Sim», pensou ele pela décima vez, «é certamente um acaso». E, de resto, não é verdade que já vira uma vez patrulhas naquela praça? Até se recordava de que elas verificavam a identidade dos transeuntes. Sim, é sem sombra de dúvida um acaso, repetiu ele para si mesmo. Tanto mais que o Banco Central ficava ali muito próximo: quem sabe se não receariam um assalto à mão armada, ou se tudo não passava de uma simples medida de precaução...

Em frente do Ministério das Finanças, MarkAlem teve a impressão de que haviam aumentado o número das sentinelas, mas faltou-lhe a coragem para virar a cabeça a fim de se certificar. Os candeeiros emitiam uma luz baça e ele resmungou: «Vão todos para o diabo!» sem saber lá muito bem, no seu íntimo, a quem se dirigia esta

maldição. O tremor que ele se esforçara por dominar voltava a afligi-lo. Ao chegar diante do Palácio do Xeque-ul-Islam, já se convencera de que nada, nesta insólita agitação, se devia ao acaso, e de que se passava deveras qualquer coisa. Um importante ajuntamento de soldados e de polícias, cerca de meio batalhão, estava concentrado em frente do gradeamento de ferro forjado. «Passa-se qualquer coisa», murmurou ele. Qualquer coisa... mas o quê? Conjura? Tentativa de golpe de Estado? Estado de sítio? Quis estugar o passo mas não foi capaz. Angustiado, sentia as pernas fraquejar. «Depressa», tornou ele a murmurar, «mais depressa», mas sentia que todo o esforço era vão. Lembrou-se do seu jantar e desse velho costume, a que até a gesta deles se referia, segundo o qual, entre os Quprili, nunca se anulava um jantar.

Na ponte do Crescente, avistou outra vez soldados armados de capacete, mas encontrava-se agora num estado de alma que já nada era susceptível de agravar nem de atenuar. Eis que alcançava finalmente a sua rua de sombrios castanheiros e que entrevia as luzes do primeiro andar, em sua casa. De longe, distinguiu em frente da porta a forma de uma carruagem, e, ao acercar-se, conseguiu discernir, esculpida na portinhola, a letra Q. Aliviado, respirou e entrou.

# O JANTAR

No intuito de não inquietar a mãe, MarkAlem começou por abster-se de lhe comunicar as suas dúvidas, mas, uma hora mais tarde, quando subiram ambos para a carruagem a fim de se dirigirem a casa do Vizir, não pôde refrear-se mais: — Hoje reinou uma certa agitação no Palácio.

— O quê? — volveu ela agarrando-lhe na mão. — Agitação? Mas por que motivo?

— Não consegui apurar nada de preciso. Porém, ao regressar a casa, cruzei-me no caminho com um grande número de patrulhas.

Sentiu a mão da mãe a tremer sobre a sua e arrependeu-se logo de ter falado.

— Mas talvez não seja nada — sossegou-a ele. — Talvez não passassem de falsos rumores.

— E que ouviste contar? — perguntou ela numa voz sufocada.

— Oh, umas parvoíces! — retorquiu ele esforçando-se por adoptar um tom desenvolto. — Dizem que o Soberano devolveu o Sonho-Mor de ontem. Mas talvez não seja verdade. É possível que esta agitação tenha uma causa muito diferente.

O estrépito das rodas, rompendo o silêncio, pareceu-lhes insustentável.

— Se o Soberano devolveu realmente o Sonho-Mor, a coisa tem a sua importância — disse a mãe.

— Mas garanto-te que talvez não haja nada de grave em tudo isto.

— Então é pior. Isso quer dizer que o que se passa ainda é mais inquietante.

«Não devia ter-lhe falado em nada», pensou MarkAlem.

— Mas que pode haver de mais inquietante? — inquiriu ele no mesmo tom desprendido.

A mãe suspirou.

— Sabe-se lá... Não estou muito a par dos vossos afazeres. Tu próprio me falaste de possíveis erros de interpretação, de inesperadas inspecções. Mark, diz-me a verdade: estás metido nalgum caso bicudo?

Ele esforçou-se por rir.

— Eu? Não faço a mínima ideia do que aconteceu, juro-te. Passei o dia inteiro na cave, a consultar os Arquivos. Só quando tornei a subir é que ouvi dizer que sucedera qualquer coisa.

Por entre o estrépido das rodas, ouviu a mãe soltar outro profundo suspiro e depois, pronunciadas a meia voz, estas palavras: «Que Deus nos proteja!»

Por detrás das vidraças, à luz mortiça das lanternas, mal distinguiam os prédios escuros de ambos os lados da rua e, aqui e além, alguns raros transeuntes. «E se o jantar fosse anulado?» interrogou-se MarkAlem. À medida que se aproximavam do palácio do Vizir, esta ideia obsecava-o cada vez mais. Mas tranquilizou-se: era tanto mais impossível quanto estava ligado à epopeia familiar deles, e por conseguinte aos próprios fundamentos da dinastia dos Quprili. Não, não podia de maneira nenhuma ser adiado. No fundo, ele não sabia lá muito bem se desejava ou não que o jantar fosse anulado. De qualquer modo, quando avistou de longe as lâmpadas acesas à entrada da porta do palácio, e depois as carruagens dos convidados estacionados ao longo do passeio, invadiu-o uma sensação de alívio. Pareceu-lhe que a mãe também suspirava, como que liberta de um peso. Lá estão os guardas do Vizir junto ao gradeamento, e tudo o mais no devido lugar, como é costume nas noites de recepção: os candelabros acesos de ambos os lados da álea conducente do gradeamento à escadaria; o mordomo na entrada e um agradável perfume de hortelã a pairar lá dentro. Sentia-se logo que a inquietude deste dia declinante não era de natureza a poder transpor as portas do palácio.

MarkAlem e a mãe penetraram no grande salão. Dispostas no meio do compartimento, duas braseiras de prata espalhavam um suave calor que dava a impressão de condizer com o vermelho carregado dos tapetes e o leve sussurro da conversa.

Estavam ali alguns primos chegados, todos eles altamente colocados, vários amigos da família, o filho do cônsul da Áustria, um rapaz alto e louro com quem Kurt Quprili falava em francês, e dois ou três outros convidados que MarkAlem não conhecia. Ouviu a mãe perguntar em voz baixa a um dos lacaios onde se encontrava o Vizir, e o outro responder-lhe que o patrão estava no andar de cima mas não tardaria a descer. MarkAlem sentiu-se apaziguado. A gélida angústia que o transira durante todo aquele fim de dia, qual maléfica humidade, evaporava-se do seu corpo.

Os lacaios serviram araca em copos de prata. Através do zumbido das conversas, ele esforçou-se por captar o que o tio Kurt e o austríaco diziam um ao outro em francês. Após um cálice de araca que emborcou de uma assentada, sentiu-se invadido por uma lufada de euforia. Ao cabo de uns instantes, o seu olhar cruzou-se com o da mãe e ele desviou a vista. Ela parecia dizer-lhe: «Afinal que patranhas eram aquelas que me impingias há bocado?»

A entrada do Vizir no salão esfriou imediatamente a atmosfera. Não era tanto por causa do seu ar sombrio, familiar à maioria das pessoas presentes, quanto em virtude de uma certa ausência que se lia nas suas feições, como se ele se admirasse de os ver todos ali e esperasse que lhe dissessem por que tinham vindo. Depois de os cumprimentar, ficou uns instantes especado em frente de uma das braseiras, esticando as palmas por cima dos tições como se quisesse aquecê-las. As suas olheiras pareceram ainda mais acentuadas a MarkAlem que da outra vez, por ocasião do memorável jantar a sós com ele.

Tendo aparentemente sentido que lhe cabia intervir para recompor um ambiente normal neste início de serão, Kurt foi murmurar ao irmão algumas palavras que MarkAlem não conseguiu apanhar, mas que deviam referir-se ao austríaco, pois o Vizir respondeu-lhe dirigindo-se ao mesmo tempo a este último, o qual se pôs a menear respeitosamente a cabeça enquanto Kurt lhe traduzia as palavras do irmão primogénito. A atmosfera ficou então um pouco mais desenssomburada.

Os convidados recomeçaram a cavaquear dois a dois, ao passo que o austríaco continuava a falar com o Vizir, sempre por

intermédio de Kurt. MarkAlem esteve tentado a aproximar-se para ouvir a conversa deles, mas um dos seus primos, o calvo, que ceara lá em casa na véspera do seu ingresso no Palácio dos Sonhos, perguntou-lhe baixinho: — Como vai o teu trabalho no Tabir?

— Vai bem — respondeu MarkAlem, não sem franzir as comissuras dos lábios numa expressão que significava antes: assim-assim.

— Trabalhas na Interpretação?

Fez que sim com a cabeça. No olhar do primo cintilava um clarão irónico, mas isto era-lhe absolutamente indiferente. Ele, por seu lado, só tinha olhos para o tio preferido, Kurt: nunca lhe parecera tão belo, tão elegante no seu colarinho de goma de uma brancura imaculada que lançava em todo o seu rosto como que um brilho encantador. Na verdade, não tardou a persuadir-se de que o centro daquele serão era justamente Kurt, o qual concebera o estranho convite aos rapsodos albaneses. Estava impaciente por poder ouvir finalmente a versão albanesa da epopeia da sua família, que até esse dia se mantivera tão ignorada por todos eles como a face invisível da Lua.

Um convidado, aparentemente o último por quem se esperava, entrou desfazendo-se em desculpas pelo seu atraso: — Reina lá fora uma certa agitação — disse ele. — As forças da ordem procedem a verificações de identidade.

Alguns convidados procuraram ler nos olhos do Vizir, mas estas palavras pareceram nem ao de leve o atingir. Sabe certamente o que passa, pensou MarkAlem, caso contrário, tais declarações não o deixariam tão indiferente. Dava a impressão de também não ter reparado no sobrinho, como se houvesse esquecido completamente a desconexa conversa entre ambos durante o tal serão, poucas semanas antes. Ainda há uma hora perguntara MarkAlem a si mesmo se não devia contar ao Vizir o que acontecera no Tabir Sarrail. Chegara porventura o momento de se pôr de sobreaviso? Porém, agora, ao vê-lo tão despreocupado, ele próprio se sentiu tranquilo.

Assim, apaziguado, entreteve-se a contemplar os desenhos do grande tapete persa, o maior e o mais belo que alguma vez vira,

prenda de aniversário do Soberano ao Vizir. Era um dos raros objectos que conservara para ele toda a sua beleza, agora que, desde que ingressara no Palácio dos Sonhos, o mundo parecia ter-se estiolado a seus olhos.

Se desviou o olhar, isso deveu-se apenas ao facto de a sua atenção ser atraída pelo silêncio que subitamente se fizera à sua roda. O Vizir dava mostras de querer tomar a palavra. Anunciou aos convidados que iriam em breve ouvir os rapsodos vindos da Albânia e em seguida, durante e após o jantar, como habitualmente, os rapsodos eslavos que cantariam trechos da gesta dos Quprili.

— Manda-os vir — disse o Vizir ao mordomo.

Ao cabo de uns instantes, os rapsodos entraram no meio de um profundo silêncio. Eram três, vestidos com trajes característicos, dois de meia idade, o terceiro mais jovem, empunhando cada qual o seu frágil instrumento de música. Toda a atenção de MarkAlem se concentrou em primeiro lugar nestes instrumentos, lahutas, como lhes chamavam, muito semelhantes às guslas dos rapsodos eslavos. Sentiu de facto o mesmo espanto, para não dizer a mesma decepção, que experimentara outrora ao ver as guslas. Depois de ouvir falar tanto dessa famosa gesta, imaginara que, de algum modo, os instrumentos de música que acompanhavam este canto seriam igualmente extraordinários, pesados, majestosos, temíveis, e que os rapsodos deveriam arrastá-los custosamente atrás de si. Ora a gusla não passava de um simples instrumento de madeira provido de uma simples corda e no qual se pegava facilmente com uma única mão. Parecia-lhe absolutamente incrível que este rele pedaço de madeira equipado com uma corda pudesse restituir vida à ampla gesta antiga. E agora que via a lahuta, a sua decepção foi ainda mais intensa. Desde que ouvira Kurt falar-lhe da versão albanesa da epopeia deles, pensara de si para consigo, sem saber lá muito bem porquê, que a lahuta albanesa, pelo seu aspecto, viria fechar a ferida que a gusla lhe causara na imaginação. Esperava encontrar na lahuta um instrumento não só pesado e imponente, mas também impregnado do sangue que se associava no seu espírito à crueldade da epopeia deles. Ora, ela era tão rudimentar como a gusla: a

mesma caixa de madeira com uma abertura na face superior e atravessada pela mesma corda solitária.

Agora os rapsodos estavam de pé entre os dois grupos que os convidados haviam formado espontaneamente de ambos os lados do deles. Tinham cabelo louro e olhos claros. Mais do que desprezo, o seu olhar parecia exprimir a recusa de acolher tudo o que lhes fosse proposto, recambiando-o em bloco.

Os lacaios serviram araca aos rapsodos em cálices semelhantes aos que haviam oferecido aos outros convidados, mas os albaneses limitaram-se a levá-los fugazmente aos lábios.

— Muito bem, podeis começar — disse o Vizir em albanês.

Um dos rapsodos sentou-se num escabelo que o mordomo lhe tinha trazido, pousou a sua lahuta nos joelhos e depois, de olhos fixos na corda do instrumento, permaneceu uns momentos silencioso. Em seguida a sua mão direita elevou o arco para logo o baixar, pousando-o sobre a corda. Os primeiros sons do instrumento, fracos e monótonos, mostraram uma espécie de obstinação em voltar ao ponto de partida. Era como que um longo, demasiado longo lamento que provocava um nó na garganta. MarkAlem disse de si para si que, por pouco que ele continuasse, todos iriam em breve sentir-se sufocados. Ainda tardaria muito a acompanhar com palavras estes sons corrosivos? A pergunta lia-se nos olhos de todos. Era necessário que uma tal música fosse envolvida em palavras, pois de outro modo aquela corda, com o seu gemido prolongado, acabaria por raspar-lhes a alma até a deixar em sangue.

Quando o rapsodo entreabriu finalmente os lábios para começar a cantar, MarkAlem sentiu-se algo aliviado. Porém, tal como o som do seu instrumento, a voz do rapsodo tinha qualquer coisa de inumano. Dir-se-ia que, mercê de uma singular operação, ela fora despojada de todas as entoações quotidianas, para só conservar as eternas. Era uma voz onde a garganta do homem e a garganta da montanha pareciam ter-se demoradamente harmonizado a fim de abolirem entre si qualquer distinção. E também se deviam ter entendido com outras vozes cada vez mais longínquas para se fundirem com o lamento das estrelas. Além disso, quer a voz quer as palavras eram de tal ordem que davam a impressão de tanto poder

sair da boca de vivos como da de mortos. Tinha igualmente sido firmado um acordo com as sombras e este entendimento parecia o mais estreito, o mais consumado.

MarkAlem não conseguia despregar os olhos da fina corda solitária esticada por cima da caixa de ressonância. Era esta corda que segregava o lamento, e a caixa, por baixo, repercutia-o amplificando-o em proporções assustadoras. De súbito, teve a revelação de que este receptáculo oco era o peito que continha a alma da nação à qual pertencia. Era daí que subia, vibrante, o lamento secular. Ele já ouvira alguns fragmentos, mas só hoje é que lhe era dado ouvi-lo na integral idade. Sentia agora no seu próprio peito este côncavo da lahuta.

O outro rapsodo pôs-se então a cantar a Balada da ponte, e, no profundo silêncio que reinava, MarkAlem teve a impressão de ouvir as pancadas dos pedreiros que, ao frio sol, construía a ponte salpicada pelo sangue do sacrifício, essa ponte que iria não só dar o seu nome aos Quprili, mas marcá-los com a sua fatalidade.

Apesar de a angústia lhes apertar o peito, sentiu bruscamente dentro de si uma irreprimível vontade de atirar às malvas o seu meio-nome asiático Alem e adoptar outro, um desses que eram usados pela gente da sua terra natal: Cjon, Gjergj ou Gjorg.

«Mark-Gjon Ura, Mark-Gjergj Ura, Mark-Gjorg Ura...», repetia ele para si mesmo como se procurasse habituar-se ao seu meio-nome substitutivo todas as vezes que ouvia pronunciar a palavra Ura, a única que entendeu entre as que saíam da boca do rapsodo.

De repente, esbatido como um sonho que retorna à memória, atravessou-lhe o espírito o relato de um certo mercador que sonhara com um instrumento de música cujas sonoridades se faziam ouvir no meio de um baldio. Não se recordava dos pormenores, só se lembrava de ter inicialmente querido atirá-lo para o cesto dos papéis, deixando-o depois passar. E agora tinha bruscamente a impressão de que o instrumento de música que aí era descrito se assemelhava estranhamente à lahuta.

The rhapsodist went on singing in the same resonant voice. Kurt gazed fixedly at him; his eyes were shining feverishly. Every so often, in a whisper, he translated a passage, a few verses, to the

Austrian, who was also listening intently. The Vizier stood motionless, the rings under his eyes darker than ever, his hands folded in front of him. MarkAlem could get the drift of a few lines here and there, but most of them were unintelligible.

Thou hast found a grave, O thou, bound by the bessal\*

Almost imperceptibly he moved nearer to where his young uncle and the Austrian were. Kurt was just trying to translate that line. MarkAlem, who understood a little French, listened.

"It's extremely difficult to translate," Kurt was saying. "Almost impossible, in fact ..."

MarkAlem did his best to follow the text of the epic, partly through what he could make out for himself and partly by listening to Kurt's translation.

O rapsodo continuava a cantar na mesma voz vibrante. Kurt, de olhos inflamados como por um acesso de febre, não parava de o fitar. De vez em quando traduzia em voz baixa uma passagem, talvez alguns versos do lamento, ao austríaco que também escutava atentamente. O Vizir permanecia imóvel, as olheiras sob seus olhos velados cada vez mais escuras, as mãos pousadas a sua frente. MarkAlem apreendia aqui e além o sentido de alguns versos, mas a maior parte só muito a custo lhe eram inteligíveis.

*Encontraste o túmulo, ó tu, ligado pela bessa!*

Quase imperceptivelmente, aproximou-se do canto onde estavam sentados o seu tio mais novo e o austríaco. Kurt esforçava-se exactamente por lhe traduzir este verso. MarkAlem, que sabia um pouco de francês, pôs-se à escuta.

— Nada mais difícil de traduzir — dizia Kurt. — É mesmo quase impossível...

Por um lado graças ao que ele próprio conseguia compreender, por outro ao ouvir a tradução que Kurt ia fazendo, MarkAlem procurava seguir o texto da epopeia.

— Trata-se de um vivo que vai desafiar para um duelo o seu inimigo já sepulto — explicou Kurt ao austríaco. — É macabro, não acha?

— Magnífico! — respondeu o outro.

— O morto, exasperado por não poder levantar-se, debate-se e geme continuou Kurt.

Santo Deus, disse ele de súbito consigo mesmo, é mais que evidente! De facto, tudo era agora o mais claro possível. Aquela caixa de labuta era o túmulo onde o morto se debatia. Os seus gemidos elevavam-se lá de baixo, causando calafrios como nenhuma outra coisa o poderia fazer.

— E cá estão as corujas, essas aves de má sorte — disse Kurt baixinho. Cadenciando cada uma das suas frases, o austríaco meneava a cabeça em sinal de aquiescência.

— É o valoroso Zuk, cegado traiçoeiramente pela mãe e o amante dela, que erra pelos montes nevados na sua montada igualmente cega.

— Cegado pela própria mãe! Meu Deus! — exclamou o austríaco. Mas isto faz lembrar A Oréstia! Das ist die Orestiaden!

Mark Alem chegara-se agora muito para o pé deles a fim de não perder pitada do que diziam. Kurt ia prosseguir a sua explicação quando, nesse preciso momento, se fez ouvir um ruído insólito. A maioria das pessoas presentes viraram a cabeça, algumas para a porta, outras na direcção das janelas. O ruído repetiu-se, misturado com vários gritos agudos, e depois, no meio do alarido, ouviu-se bater violentas pancadas na porta.

— O que foi, que aconteceu? — disseram algumas vozes inquietas. Depois calaram-se todos. O rapsodo interrompeu o canto e fez-se um profundo silêncio. Bateram outra vez, ainda mais violentamente.

— Meu Deus, o que será isto? — deixou alguém escapar num ofego. Todos se voltaram para o Vizir cujo rosto se tornara subitamente de uma palidez de cera. Ouviu-se uma porta a abrir, depois um grito muito breve seguido de um pesado rumor de passos que se aproximou. Os convidados, petrificados, tinham os olhos postos nas portas. Por fim, estas foram brutalmente empurradas do lado de fora e um grupo de homens armados desembocou no limiar. Qualquer coisa, talvez as luzes do salão, o espectáculo dos convidados, ou quiçá um grito que ninguém soube de que garganta pudera brotar, pareceu então retê-los por instantes no mesmo sítio.

Só um deles avançou e, com olhos que davam a impressão de estar privados de vista e aparentemente não encontravam o que buscavam, disse sem encarar ninguém: — A polícia do Soberano! Todos se calavam.

— O vizir Quprili? — perguntou o oficial que parecia ter acabado por encontrar o que procurava. Deu mais dois passos na direção do Vizir e inclinou-se profundamente: — Excelência, recebi uma ordem do Soberano. Permitti-me que a cumpra.

Dito isto, tirou do peito um decreto que desdobrou sem demora ante os olhos do Vizir. Já se tinham manifestado todas as alterações susceptíveis de desfigurar as feições deste último, de modo que a cera do seu rosto permaneceu imutável.

Porém, para o oficial, esta expressão hirta tinha o valor de uma aprovação.

— Os vossos papéis! — bradou ele virando-se bruscamente para os convidados, e, com um aceno de cabeça, fez um sinal aos seus homens para entrarem.

Eram uma meia dúzia deles, todos armados, ostentando na gola e no capacete as insígnias da polícia imperial.

— Sou estrangeiro! — proferiu a voz do austríaco no início da confusão que se desencadeara.

MarkAlem procurou em vão a mãe com o olhar. Uma voz que pretendia ser severa, mas contida na sua rudeza, repetia a intervalos: «Por aqui! Por aqui!»

Uma porta lateral que dava para o salão contíguo tinha sido aberta e empurravam para lá uma parte dos convidados.

— Kurt Quprili — disse em voz alta um dos polícias indicando-o ao seu chefe. — É este homem.

O oficial encaminhou-se para ele. Teve tempo de tirar umas algemas do bolso antes de o alcançar.

MarkAlem viu o oficial, em gestos rápidos e seguros, juntar com uma mão os dois punhos de Kurt e, com a outra, enfiar-lhe as algemas. Curiosamente, Kurt não esboçou o mínimo gesto de resistência. Limitava-se a contemplar as algemas com ar surpreendido. Tal como uma parte dos convidados, MarkAlem virou então a cabeça para o Vizir, na esperança de o ver pôr cobro a esta

absurda cena que já durara de mais. Mas o rosto do Vizir permanecia hirto. Outra pessoa poderia pensar que a impassibilidade do poderoso Vizir perante o ultraje perpetrado sob o seu próprio tecto se devia ao medo, mas MarkAlem adivinhou que a causa da resignação dele era muito diferente. Tratava-se do antigo reflexo dos Quprili que, em tais circunstâncias, repetidas dezenas e dezenas de vezes na história da família, segregava a máscara da ruptura com a realidade. Havia nos seus traços, a um tempo, fatalismo, ausência e cansaço. MarkAlem sentiu vontade de gritar: «Acorda, recompõe-te! Vizir, meu tio, então não vês o que está a acontecer?» Porém, nos olhos do Vizir, apesar de seguirem, como os dos outros, a saída de Kurt manietado, luzia um claror que parecia de submissão. Adivinhava-se que o seu verdadeiro olhar se volvera para o longe, para sabe-se lá que misterioso poço onde talvez se tivesse posto em movimento a máquina estatal que engendrara esta desgraça. «Meu Deus, oxalá ele esteja a reflectir na maneira de travar essa máquina», pensou MarkAlem aproximando-se dele como se quisesse verificar que assim sucedia de facto. E, talvez por ter avançado demasiado para o pé dele, ou talvez por simples acaso, os olhos do Vizir cruzaram-se fugidamente com os seus. Neste breve instante, neste olhar que se derramou como por um súbito rasgão através da sua frente, MarkAlem teve a impressão de encontrar a explicação da sua confusa conversa com ele, aquando do tal memorável serão, e de repente, dolorosamente, o seu cérebro foi trespassado pela ideia de que tudo isto tinha a ver com o Palácio dos Sonhos, com ele próprio, MarkAlem, e que, desta feita, os Quprili se haviam sem dúvida deixado neutralizar...

Sentiu duas mãos a empurrá-lo brutalmente para a porta do salão contíguo. No momento em que transpunha o limiar, o seu olhar deteve-se por instantes nos rapsodos, ainda isolados do pequeno magote dos convidados.

— Mark! — disse a doce voz da mãe assim que ele entrou. Esperava um grito ou um soluço, mas, estranhamente, esta voz era quase plácida: — O que aconteceu na outra sala?

Encolheu os ombros sem responder.

— Estava preocupada por tua causa — murmurou-lhe ela. — Santo Deus! A que se deve esta nova desgraça que vem atingir-nos?

Ele pôde verificar que a maioria dos convidados se encontravam agora agrupados neste salão. De vez em quando, ouvia-se uma voz perguntar: «O que está a acontecer lá dentro? Isto ainda irá durar muito tempo?»

— Levaram o Kurt? — interrogou a mãe.

— Creio que sim.

Ela domina-se, pensou ele-dje\_si para consigo. Bem se vê que é uma Quprili. Apesar de tudo, notou que ela estava de uma cor cadavérica.

Subitamente, por detrás das portas de comunicação entre os dois salões irromperam gritos vibrantes, seguidos de um estrondo e de um gemido.

Acompanhando o movimento de uma parte dos convidados, MarkAlem deu um passo na direcção das portas, mas a mãe agarrou-o por um braço.

Do outro lado ouviram-se novos gritos e depois o ruído de um corpo que desabava no chão.

— Was ist los? — quis saber o austríaco.

— Fecharam as portas.

Todos os rostos estavam lívidos de medo.

MarkAlem sentia os dedos da mãe cravados como garras no seu antebraço. De trás da porta chegou outro grito lancinante, que imediatamente se extinguiu.

— Quem é que acaba de gritar? — perguntou alguém. — Esta voz...

— Não é a do Vizir.

Ouviu-se de novo, vindo do outro compartimento, como que o ruído de um corpo a cair pesadamente, e um Ah! medonho.

— Meu Deus, que se passa?

Durante uns instantes toda a gente se calou. Em seguida, rasgando o silêncio, uma voz declarou: — Estão a massacrar os rapsodos.

MarkAlem escondeu o rosto entre as mãos. Do outro salão vinha agora um bater de botas que se afastava. Alguém se pôs a rodar as

maçanetas das portas.

— Abri, por amor de Deus!

A do salão maior continuava fechada. Mas abriu-se outra porta que dava para um corredor interior. Elevou-se uma voz: «Por aqui, por aqui!»

Os convidados saíram em fila, como sombras, excepto um deles que baqueara desmaiado numa cadeira. O corredor, frouxamente iluminado, encheu-se de um rumor de passos. «Terão morto o Kurt?» indagou alguém. «Não, mas levaram-no. Por aqui, meus senhores e minhas senhoras», dizia um laçao; «a saída é por aqui». Wo ist Kurt?

O pequeno cortejo dos convidados desembocou no corredor principal, ladeando a grande sala cujas portas de vidro polido deixavam aperceber algumas silhuetas humanas. De um gesto brusco, quase brutal, Mark Alem desprendeceu-se da garra da mãe e abeirou-se para ver o que se passava lá atrás. Dado que uma das portas ficara entreaberta, o seu olhar abarcou, pela fisga, uma nesga do salão. Reinava ali completa desordem. Não tardou que os seus olhos dessem com os corpos inertes de dois rapsodos estendidos no chão, quase colados um ao outro. Um terceiro cadáver jazia um pouco mais adiante, perto da braseira tombada, com o rosto parcialmente coberto de cinzas. Os polícias tinham abalado. Só ali estavam os laçaios que andavam silenciosamente sobre o tapete juncado de estilhaços de vidro. Enxergou na parede a sombra imóvel do Vizir e bastou-lhe empurrar um pouco a porta com o dedo para o ver em pessoa, ainda na mesma atitude hirta de há bocado. «Meu Deus, passou-se tudo sob o seu olhar!» pensou ele. E achou que os olhos do Vizir tinham algo de comum com os estilhaços de vidro espalhados no chão.

De repente, sentiu a mão da mãe agadanhá-lo e puxá-lo obstinadamente para si. Não teve forças que lhe resistissem. Apetecia-lhe vomitar.

O vestíbulo estava quase deserto. Pela porta principal, deixada aberta, entreviam-se as lanternas acesas das carruagens que se punham em marcha umas atrás das outras.

— Toda a gente se foi embora — disse a mãe numa voz pouco audível. — E nós, o que vamos fazer?

Ele não respondeu.

Um dos lacaios apagou os lustres. Atrás das portas do salão grande continuava o mesmo vaivém silencioso. Alguns instantes depois, os lacaios transportaram os cadáveres dos rapsodos segurando-os pelos braços e as pernas. O rosto do terceiro, o que estava meio coberto de cinzas, era particularmente horrível de ver. A mãe de MarkAlem desviara a cabeça; ele próprio só a custo se retinha de vomitar mas, apesar de tudo, sentia que não podia afastar-se dali. O último lacaios saiu levando os instrumentos de música. Ao fim de pouco tempo, todos os servidores regressaram ao salão.

— O que fazemos? — murmurou a mãe. Ele não sabia que resposta lhe dar.

As portas do salão estavam agora abertas de par em par e a mãe e ele viram os lacaios enrolar o grande tapete maculado de manchas de sangue.

— Não posso olhar para isto muito mais tempo — disse ela. — É superior às minhas forças.

Também no salão se começaram a apagar os lustres. MarkAlem voltava a cabeça em todas as direcções, incapaz de tomar uma decisão. Com certeza que os convidados já tinham todos partido. Talvez a mãe e ele fizessem bem em ir igualmente para casa... Ou talvez devessem ficar, como cabe aos membros da família quando a desgraça sobrevêm num lar. Porém, mesmo que desejassem regressar a casa, ter-lhe-ia sido completamente impossível fazê-lo. Moravam muito longe e, sobretudo numa noite daquelas, não podiam percorrer o caminho a pé. Quanto a encontrar um fiacre, mais valia nem pensar nisso. A maior parte dos lustres tinham sido apagados. Só alguns candeeiros permaneciam acesos aqui e além nas escadas e nos corredores interiores. A vasta morada enchia-se de cicios. Uns raros lacaios iam e vinham como sombras, empunhando candelabros cujos clarões amarelados se propagavam debilmente até ao fim dos corredores.

— Meu Deus! — soltava de vez em quando a mãe de MarkAlem. Mas afinal a que se deveu todo este horror?

A dada altura, uma das portas rangeu e da penumbra do salão maior surgiu o Vizir. Em longas passadas, como um sonâmbulo, trepou prestamente a escada mergulhada numa semiescuridão.

— O Vizir — disse a mãe de MarkAlem tocando-lhe ao de leve na mão. — Viste-o?

Momentos mais tarde, um laçao desceu a escada de escantilhão, passou como um raio diante deles e saiu. Quase a seguir, ouviram o ruído de uma carruagem que se punha em andamento sabe-se lá com que destino.

MarkAlem e a mãe ficaram um bom pedaço de tempo na penumbra, seguindo com o olhar as chamazinhas dos candelabros levados numa ou noutra direcção, para este ou aquele recanto da ampla morada. Ninguém se preocupava com eles. Em silêncio, saíram pela porta entreaberta e encaminharam-se para o alto gradeamento. As sentinelas ainda ali estavam de guarda. MarkAlem lembrava-se mal do trajecto até casa. Quanto à mãe, ainda se recordava menos, pois sempre fizera este percurso em carruagem coberta.

Ao cabo de uma hora ainda caminhavam, começando a perguntar a si mesmos se não se teriam perdido. Em breve distinguiram ao longe o estrépito das rodas de uma carruagem que se aproximava em grande velocidade. Desviando-se bruscamente, encostaram-se ambos à parede e, quando a carruagem roçou por eles, MarkAlem julgou lobrigar na sombra a letra Q esculpida numa das portinholas.

— Quis-me parecer que era a carruagem do Vizir — disse ele em voz baixa. — Talvez seja a mesma que partiu há bocado.

A mãe não lhe respondeu. O frio e a humidade da noite faziam-na tiritar.

Pouco depois, outra carruagem roçou por eles não menos vertiginosamente e, se bem que a rua não estivesse de modo nenhum iluminada, MarkAlem julgou entrever outra vez a letra Q. Esboçou mesmo na escuridão um gesto com a mão na esperança de que ela pararia e os transportaria a casa. Mas a carruagem

desandou e perdeu-se na bruma. MarkAlem convenceu-se de que era absurdo esperar ajuda de quem quer que fosse, nesta noite de angústia sulcada por Q maiúsculos que silvavam ao roçar por eles como aves de mau agoiro.

Já passava muito da meia-noite quando chegaram finalmente a casa. Tomada de um mau pressentimento, Loke não se deitara. Eles contaram-lhe em poucas palavras o que acabavam de viver e pediram-lhe que preparasse um café para os restabelecer. Ainda restavam na braseira alguns carvões incandescentes que Loke recobrira com cinzas a fim de poder, como de costume, servir-se deles para reavivar o lume no dia seguinte de manhã, mas estas brasas eram insuficientes para dissipar os arrepios que lhes percorriam o corpo.

MarkAlem não tardou a subir ao seu quarto, mas não conseguiu adormecer.

Ao levantar-se, de manhãzinha, encontrou a mãe e Loke na posição em que as deixara, encolhidas sobre si mesmas por cima da braseira quase apagada.

— Onde vais, Mark? — perguntou-lhe a mãe numa voz aterrada.

— À repartição — respondeu ele. — Onde quer que vá?

— Meu Deus, perdeste a cabeça? Num dia destes!

Ela esforçou-se, juntamente com Loke, por convencê-lo a não ir nesse dia — ao menos nesse dia — ao seu maldito trabalho, a alegar uma indisposição, a invocar inclusivamente uma razão mais grave para justificar a sua ausência, mas a não ir lá custasse o que custasse. No entanto, não havia maneira de ele ceder. Insistiram nas súplicas, sobretudo a mãe, que lhe beijou as mãos, lhas encharcou com as suas lágrimas, argumentando que, num dia assim, talvez nem sequer o Tabir Sarrail tivesse aberto as portas. Mas quanto mais ela implorava, mais ele se obstinava. Conseguiu finalmente soltar-se dela e, fechando a porta atrás de si, meteu-se a caminho.

Fazia particularmente frio nessa manhã. Em passo rápido, calcorreou as ruas que, como de costume àquela hora, se achavam quase desertas. Os raros transeuntes, com os rostos embuçados em xales, pareciam ainda estremunhados. A cabeça dele não estava menos entontecida que a dos outros. Não tivera tempo de se

recompor da cena da véspera. Do mesmo modo que certas criaturas marinhas segregam à sua volta uma nuvem protectora, o cérebro dele concebera aparentemente um meio de se livrar de qualquer pensamento lúcido. Chegava mesmo por instantes a duvidar de que houvesse realmente acontecido alguma coisa. Imaginava então que tudo aquilo não passara de um delírio, desses em que as pastas, lá no Tabir Sarrail, eram bastante férteis. Contudo, a verdade, como uma agulha, lograva perfurar o seu cérebro, o qual não tardava a recair no entorpecimento para, após uma acalmia, ser de novo acometido pela dolorosa ferroadada. Ele observara que, no caso de tormentos deste género, o seu despertar, passada a primeira noite, era singularmente penoso. Agora, sentia-se acima de tudo num estado fluido, intermediário entre o sono e a vigília. E era também esta impressão que lhe causavam o mundo à sua roda, as paredes dos prédios cheias de manchas de humidade, os transeuntes com os rostos cor de cinza que se multiplicavam à medida que ele se aproximava do coração da cidade. Distinguia entre eles, pelo modo como estugavam o passo — modo quiçá unificado pelos seus comuns horário -, os empregados dos ministérios e das administrações centrais.

E eis que avistou, diante do Palácio do Xeque-ul-Islam, ainda mais numerosos que na véspera, os soldados da Guarda. Nos seus capacetes molhados pelo orvalho nocturno agitavam-se túrbidos reflexos. Havia soldados postados no cruzamento em frente do banco.

Aparentemente, o estado de sítio ainda não fora levantado. Não, nada de tudo isto tinha a ver com o delírio. E Kurt estava na prisão... E talvez mesmo... O tapete ensanguentado que os lacaios haviam enrolado teimava em envolver os seus próprios pensamentos. Como poderia ele doravante pôr os pés neste tapete sem ser tomado de vertigem? E ainda sentia no fundo da garganta aquela vontade de vomitar...

O Palácio dos Sonhos está por conseguinte aberto, depreendeu ele ao enxergar de longe as entradas. Os empregados afluíam às portas em grupos numerosos. A maior parte não se conheciam, não se cumprimentavam e ainda se falavam menos. Também não

encontrou figuras familiares no corredor que flanqueava o sector da Interpretação. Felizmente, o colega do lado, esse, estava instalado à sua mesa.

— Então — disse ele assim que MarkAlem se sentou ao pé de si. Soubeste alguma coisa?

— Não, não estou a par de nada — mentiu MarkAlem. — Acabo agora mesmo de chegar. Que sucedeu?

— Também não sei nada de concreto, mas é evidente que aconteceu algo de importante. Viste os soldados na rua?

— Sim, tanto ontem à noite como hoje.

O outro, enquanto fingia afadigar-se sobre a sua pasta, achegou-se mais a ele e segredou-lhe: — Parece que se passou qualquer coisa com os Quprili, mas não se sabe exactamente o quê.

MarkAlem sentiu abrandar os batimentos do seu coração.

«Idiota», disse ele para consigo. «Sabes tudo, por que hás-de deixar-te impressionar pelas palavras de outro?» Mesmo assim, perguntou-lhe: — Mas o quê?

A sua voz quase se sumira, como se receasse que o que sucedera tomasse plenamente corpo.

— Não sei nada de preciso. São apenas rumores, talvez uma simples atoarda.

— É possível — disse MarkAlem debruçando-se sobre a sua pasta, ao mesmo tempo que murmurava de si para si: «Meu refinado idiota, julgas porventura que isto fará compor as coisas?»

Os seus olhos eram incapazes de ler. Tinha ali na sua frente um sonho insensato que ele próprio, dez vezes mais louco que tal sonho, devia explicar a si mesmo. Os outros empregados estavam curvados sobre as suas pastas. De vez em quando ouvia-se o sussurro das páginas viradas.

— Ainda hoje se sente pairar uma espécie de inquietude — cochichou o colega do lado. — Vai com certeza acontecer alguma coisa.

«Que mais poderá acontecer?» pensou MarkAlem. Tinha a cabeça tão pesada como se estivesse cheia de chumbo. Parecia-lhe que faltava muito pouco para adormecer ali mesmo, sobre a sua pasta aberta, deixando cair lá dentro um sonho concluído nesse

preciso instante, como um ovo acabado de pôr. «Tretas!» disse ele consigo enquanto esfregava a testa com palma da mão. Sim, pura e simplesmente tretas, nada mais. Talvez tivesse feito melhor em abster-me de vir hoje à repartição.

Nunca desejara com tanta impaciência ouvir anunciar a curta trégua da pausa. Os seus olhos semicerravam-se sobre o sono de outra pessoa descrito naquela folha da sua pasta. Dentro em pouco, o seu sono fundir-se-ia com este para formar' um único, como por vezes se juntam às cegas dois destinos humanos.

A sineta da suspensão de trabalho fê-lo estremecer. Em passos lentos, seguiu o cortejo dos empregados que desciam à cave. Reinava ali o burburinho de todos os dias, como se nada fosse. Realmente, para os outros, nada se passara. Esforçou-se por captar algumas frases soltas trocadas ao seu redor, mas elas não tinham a mínima relação com os acontecimentos. «No fundo, de que me serviria?» perguntou a si mesmo. Ninguém sabia tanto como ele acerca do sucedido. Não tiraria nada de proveitoso daqueles fúteis comentários.

Bebeu um café e, em passadas vagarosas, tornou a subir a escada. A seu lado, as pessoas continuavam a tagarelar de coisas insignificantes. Por duas ou três vezes, julgou ouvir pronunciar as palavras estado de sítio e perguntar: «Viste as sentinelas ontem à noite?» Mas afastou-se repetindo para si mesmo: que interesse tenho eu nisto?

Estava persuadido de não ter, bem vistas as coisas, a mínima vontade de saber o quer que fosse, mesmo por simples curiosidade; porém, quando se instalou à sua secretária, apercebeu-se de que esperava com impaciência o regresso do vizinho do lado.

Este surgiu finalmente à porta. Pela sua maneira de andar, MarkAlem adivinhou que ele trazia notícias.

— Parece ter sido um sonho que deu origem a tudo — murmurou-lhe ele logo que se aproximou.

— Origem a quê?

— Homessa! Ainda perguntas? À desgraça em que caíram os Quprili.

— Ah! Então é verdade?

— Sim, está confirmado. Eles foram duramente atingidos. Meu Deus, eu já desconfiava! Aliás, ontem à noite, pressentia-se tudo aqui...

— E afinal que sonho era esse?

— Um sonho estranho, tido por um hortaliçeiro ambulante. Oh! à primeira vista, tem-se sempre a mesma impressão: julgamos tratar-se de coisas inocentes, de legumes, de planícies herbosas, mas em seguida deslinda-se que por detrás de tudo isto se esconde uma grande calamidade. E o sonho era deste género, um sonho com uma ponte e uma flauta, ou um violino, ou sei lá que outro instrumento de música...

— Uma ponte, um instrumento de música? — voltou MarkAlem ansioso. — E depois? Que mais havia?

— Um animal que andava às voltas, mas o essencial residia na ponte com o violino, compreendes?

Sentiu o peito como que esmagado sob uma pata de elefante. Era justamente aquele maldito sonho que tivera por duas vezes nas suas mãos.

— Mas que te aconteceu? Não pareces estar em ti...

— Não é nada. Já ontem à tarde não me sentia bem. Vomitei durante toda a noite.

— Basta olhar para ti. Mas de que estava eu a falar?

— Do tal sonho...

— Ah, sim, foi portanto esse sonho que serviu de sinal.

Decifraram-lhe o sentido e tudo se tornou claro. Explicaram a ponte pelos Quprili, percebes? Qypri quer dizer ponte, por conseguinte estabeleceu-se a relação e depois descobriu-se facilmente o fio da meada.

Tinha então sido isto! MarkAlem sentiu a boca seca. Lembrava-se agora de que se esforçara em vão por descobrir um laço entre a ponte e o touro furioso, sem sombra de dúvida simbolizador da força destruidora, e enfiara o sonho na pasta dos sonhos não decifrados.

Agora que outra pessoa o elucidara — e com tão grande êxito — talvez fossem pedir-lhe que explicasse por que motivo o não fizera ele próprio... Talvez suspeitassem que ele se negara de propósito, a fim de baralhar as pistas: nada mais natural, visto também ser um

Quprili! É bem certo que poderia, em sua defesa, alegar que estivera antes colocado na Seleção e lhe teria sido fácil, em tal estádio, se o quisesse, eliminar esse mesmo sonho, quando afinal o transmitira efectivamente à Interpretação. Mas não podia coibir-se de pensar que tais justificações corriam um alto risco de cair em saco roto.

— E de resto — prosseguiu o colega — havia aquele violino, ou já não sei que instrumento de música, o qual tinha uma ligação com uma gesta que se canta sobre os Quprili nos Balcãs. Mas ouve lá, o que é que te deu outra vez? Sentes-te mal?

Fez que sim com a cabeça, incapaz de proferir a mais pequena palavra. Para não despertar as suspeitas do outro, mais do que por verdadeiro desejo de o escutar, fez-lhe sinal para continuar. O colega mencionara a gesta, e MarkAlem sentiu desvanecer-se toda a esperança de que isto não passasse do fruto de uma imaginação desenfreada. A prisão de Kurt, os rapsodos massacrados, outras tantas razões para pensar que a gesta tinha realmente algo a ver com o assunto, e que fora este sonho que desencadeara tudo. Agora o dito sonho parecia-lhe claro como água: os Quprili (a ponte), através da sua gesta (o instrumento de música), entregavam-se a uma acção contra o Estado (o touro enraivecido). Como era possível que não tivesse pensado nisto mais cedo? Dependera dele e de mais ninguém evitar a desgraça, mas nada fizera. O jantar com o Vizir, as suas vagas advertências exortando-o a abrir bem os olhos, nada disto havia sido fortuito, mas ele próprio revelara-se inapto a detectar o sinal, adormecera sobre as suas pastas, e a má sorte abatera-se sobre os parentes.

— Já estás melhor? — perguntou-lhe o colega.

— Sim, um pouco.

— Ainda bem. Não te rales, isso acabará por passar. Dizia eu então que essa gesta teria sido, em tempos, causa de fricções entre os Quprili e o Soberano. Não é sem motivo que os partidários deles recomendam desde há muito aos Quprili que renunciem à sua gesta, mas estes, ao que parece, ter-se-iam recusado, apesar de tal atitude lhes trazer repetidas amarguras. Mas há mais: como se a epopeia eslava não lhes bastasse, convidaram rapsodos albaneses, já viste bem? Cavaram a sua própria sepultura. Foi isto que fez o Soberano

perder as estribeiras. Ele decidiu pôr cobro de uma vez para sempre a essa história, extirpar a maldita gesta. Dizem que até designou à pressa um grupo de oficiais que serão enviados urgentemente para os Balcãs a fim de cumprirem uma missão: liquidar antes de tudo a epopeia albanesa que se julga ser o germe desta raça nefasta.

«Ah, sim?» retorquia de vez em quando MarkAlem ao mesmo tempo que dizia no seu íntimo: «Mas afinal como é que ele conseguiu saber tudo isto?»

— Já estás melhor? — voltou a perguntar-lhe o colega do lado.  
— Eu bem te disse que havia de passar. Onde é que eu ia? Ah, sim, para além disto, espera-se que o acontecimento acarrete uma deterioração das relações com a Áustria, e, inversamente, uma aproximação da Rússia. Na recepção de ontem à noite, o embaixador russo dissimulava mal a sua satisfação.

MarkAlem recordou-se do rosto apavorado do filho do cônsul da Áustria no fim do serão. «Meu Deus, quer dizer que tudo isto é verdade!» afligiu-se ele. Não obstante, murmurou ao colega: — Mas o que é que a Rússia tem a ver com estas infelizes epopeias?

— A Rússia? Hum, também já fiz a pergunta a mim mesmo, mas as coisas são um pouco mais complicadas do que parece, meu amigo. Não se trata aqui apenas de poesias ou de cantos, como se poderia julgar à primeira vista. Se só estivesse isto em causa, o nosso grande Soberano nem sequer se dignaria ocupar-se do assunto. É uma questão sumamente complexa. Tudo isto se relaciona com implantações e transferências de populações nos Balcãs, com a convivência entre as populações eslavas e não eslavas, como por exemplo os Albaneses; em suma, isto diz directamente respeito ao mapa dos Balcãs. De facto, essa gesta, conforme já te disse, canta-se em duas línguas: em albanês e em eslavo, de modo que tem uma relação directa com problemas de fronteiras étnicas no próprio interior do Império. A princípio, eu também dizia para comigo: «O que é que a Áustria e ainda mais a Rússia têm a ver com esta história?» Ora, verificamos que tanto uma como a outra estão interessadas no que se passa. A Áustria apoia os povos não eslavos; quanto ao paizinho Czar, como os Eslavos chamam ao imperador russo, esse, pelo contrário, intervém

constantemente junto do nosso Sultão por causa das condições propiciadas às populações da sua raça. Ele dispõe em toda a parte de pessoas que o informam. E essa gesta refere-se precisamente às relações entre os povos dos Balcãs. Parece que os rapsodos albaneses foram massacrados lá em casa dos Quprili e os seus instrumentos de música destruídos juntamente com eles. Ainda te sentes mal?

MarkAlem baixou as pálpebras.

— Não te apoquentes, isso passa. Também já tive perturbações desse género. Sim, meu velho, as coisas são sempre mais complicadas do que julgamos. Nós, aqui, pensamos estar informados, quando na realidade tudo o que sabemos se reduz a um punhado de sonhos, algumas nuvens...

Continuou a perorar um bom pedaço, baixando gradualmente a voz para acabar por já só emitir um resmoneio que se dirigia acima de tudo a si mesmo. MarkAlem sentia o cérebro picado em bocadinhos por tudo o que acabava de ouvir. Ah, se tivesse dado cabo desse sonho enquanto ele estivera à sua mercê, lá na Selecção, do mesmo modo que se esmaga a cabeça de uma víbora antes de ela crescer! Mas deixara-o escapar, esgueirar-se de pasta em pasta, de secção em secção, crescer e acumular veneno, para finalmente se transmutar em Sonho-Mor. O remorso roía-lhe o peito. Por momentos, tentava tranquilizar-se: talvez, afinal de contas, este sonho tivesse aberto caminho para chegar onde devia, dado que clãs tão poderosos e inclusive Estados inteiros estavam interessados em vê-lo ir lá parar. E de resto, se o houvesse de facto suprimido, acaso não teria sido possível... fabricar outro? Não é verdade que o Vizir lhe dera claramente a entender que se forjavam sonhos de cabo a rabo, ou até mesmo Sonhos-Mores?

Sim, ele fizera bem, cem vezes melhor, em não se imiscuir em tal história. Mais tarde, poder-se-ia ter efectuado um inquérito minucioso, descoberto que ele inutilizara esse testemunho, e então o castigo (que ainda agora temia, por não ter decifrado o sonho) abater-se-ia, terrível, não só sobre ele, mas sobre toda a sua família. Talvez fosse por isto que o Vizir não lhe dera instruções precisas acerca do que lhe cabia fazer. Aparentemente, hesitara, pois

também não estava seguro da melhor conduta a adoptar. «Oh!» gemeu para si mesmo MarkAlem, «o que é que me fez entrar nesta maldita casa?»

— São esperados hoje os elogios oficiais — informou a voz do colega.

— Elogios? Mas porquê?

— Ora, porquê... Por causa do sonho que deu origem a tudo isto, por que havia de ser? Sempre és muito distraído! De que falámos até agora?

— Não liguês, já nem sei onde tenho a cabeça...

— Enfim, tens desculpa: estás indisposto. Sim, os da Selecção foram felicitados logo de manhã. As outras secções, a começar pela Recepção, também devem ter sido louvadas, e talvez o elogio oficial, com a recompensa que o acompanha, já tenha sido enviado a esse vendedor de legumes... Só uma coisa me intriga: pergunto a mim mesmo por que motivo as felicitações destinadas à Interpretação tardam tanto a vir.

— Ah, sim?

— Ainda não te falei de um certo nervosismo que reinava esta manhã na nossa secção. A razão, pelos vistos, é só uma: as felicitações que nunca mais chegam.

— E por que será?

— Isso queria eu saber. Há uns bons momentos que observo o chefe: está inquieto. Não tens a mesma impressão?

— Sim, é verdade.

— No fundo, ele tem razão. No tocante a elogios, a secção da Interpretação merece-os antes de qualquer outra. A não ser...

— A não ser o quê?

— A não ser que a sua interpretação se tenha revelado errónea.

— Mas então como é que rectificaram a interpretação desse sonho? Não existe outra secção para o fazer depois da Interpretação. Os encarregados dos Sonhos-Mores não se ocupam senão da escolha destes sonhos, não é assim?

— Tens razão — disse-lhe o colega, algo surpreendido por vê-lo reanimar-se um pouco. — Custa a imaginar semelhante coisa. O certo é que o atraso das felicitações continua sem explicação...

Ambos mergulharam de novo nas suas pastas durante uns momentos. Nem um nem o outro conseguiam decifrar as linhas que tinham sob os olhos. «E se ele está ao corrente dos meus laços com os Quprili?» pensou MarkAlem. Porém, mais cedo ou mais tarde, iria conhecê-los, tal como o chefe já o sabia certamente, ainda que por enquanto dissimulasse que a desgraça dos Quprili constituía o acontecimento do dia. Mas é possível que tivesse hoje as suas próprias preocupações... MarkAlem disse consigo mesmo que, nos dias seguintes, iriam sem dúvida olhá-lo com outros olhos, no caso de o não expulsarem pura e simplesmente daquele trabalho.

— Acabam de chamar o chefe outra vez — murmurou o colega. Está com uma cor cadavérica, reparaste?

— Sim, sim...

— Eu bem te disse. Este atraso das felicitações não é bom sinal. De resto, a estas horas, é claro que já não chegará qualquer espécie de felicitações, mas contanto que não haja...

— O quê? — perguntou MarkAlem com uma voz sufocada.

— ... que não haja sanções.

— Sanções? Mas porquê, ha?... porquê?

Sentiu uma ténue esperança recobrar vida lá muito no fundo de si mesmo. Com a tez da cor da cera, parecia prestes a desmaiar.

— Como hei-de saber porquê? — respondeu-lhe o colega. — Ninguém percebe patavina...

Visivelmente, o outro ia-se tornando cada vez mais nervoso. A ideia de que se passava qualquer coisa, sem ele conseguir saber o quê, era-lhe dificilmente suportável. Virava a cabeça cheio de impaciência, ora para a porta interior, ora para aquela por onde desaparecera o chefe, ora ainda para a que dava acesso ao corredor.

— Passa-se qualquer coisa... — resmungou ele. — Não tenho a mínima dúvida. É terrível, terrível...

Manifestava a sua exasperação tão abertamente que ninguém seria capaz de dizer se o que havia de terrível residia no que estava a acontecer ou no facto de ele não conseguir saber o quê.

Nunca MarkAlem desejara tão ardentemente que as palavras do seu colega do lado correspondessem à realidade. Se, dantes, se arrepiava só de ouvir anunciar que se passava algo, agora ansiava

do fundo do coração por que sucedesse realmente qualquer coisa. Visto que as felicitações pelo tal maldito sonho nunca mais chegavam, e se estava pelo contrário à espera de sanções, isto podia de facto significar que se assistira nas últimas horas a uma reviravolta da situação... Por superstição, ele enxotou do espírito as conjecturas optimistas, receando que o simples facto de as evocar compromettesse a sua efectivação. É bem certo que esta seria um caso prodigioso...

— Mete-se pelos olhos dentro, é preciso ser cego para o não perceber... — murmurou numa voz sibilante o seu colega quase enfurecido, como se fosse MarkAlem que impedisse as suas próprias hipóteses de se concretizarem.

Aqui e além, atrás das mesas, os empregados bichanavam entre si; os que estavam sentados ao pé das janelas esticavam o pescoço a fim de olhar lá para fora. Aparentemente, uma parte do que estava a acontecer lograra penetrar até ali.

MarkAlem imaginou as carruagens marcadas com a letra «Q» a errar loucamente através da noite, e, pela primeira vez, persuadiu-se de que acontecera efectivamente algo desde a véspera. O Vizir não permanecera de braços cruzados. O seu furor reprimido, ao sair do salão quando já tudo se consumara, o seu modo de subir a escada como um sonâmbulo, deixavam pressagiar uma riposta da sua parte. E depois, aquele coche que rasgara o escuro da noite a toda a brida, aquelas carruagens que a mãe e ele tinham avistado nas trevas, sem saberem para onde elas iam ou donde vinham... «Meu Deus, se fosse verdade!»

— Não aguento mais — disse o colega. — Vou procurar notícias. Se chamarem por mim, diz que desci aos Arquivos.

Em passos leves, para não dar nas vistas, escapuliu-se pouco depois como uma sombra na direcção da saída. Seguindo-o com o olhar, MarkAlem sentiu crescer dentro de si uma lufada de reconforto. Agora, ia pelo menos saber alguma coisa.

Permaneceu bastante tempo de olhos fixos na sua pasta, sem poder manifestamente decifrar coisa alguma. A sua impaciência de ouvir as últimas notícias era compensada por uma certa satisfação com a ideia de que se o colega tardava em chegar, era decerto por

andar a recolher informações mais substanciais. Mesmo assim, desenvolvia esforços sobre-humanos para refrear dentro de si a eclosão de qualquer esperança infundada. Sentia que uma nova decepção o arrasaria completamente.

Agora, não só os que estavam instalados ao pé das janelas viravam cada vez mais frequentemente a cabeça a fim de olhar lá para fora, como ainda — o que nunca sucedera naquela sala — outros empregados das mesas vizinhas se abeiravam das vidraças para fazer o mesmo. Não se podia negar que algo de extraordinário pairava no ar. MarkAlem volvia os olhos sucessivamente para as janelas e a porta, donde esperava ver surgir o colega do lado. Quem sabe se o Soberano não teria recambiado o Sonho-Mor, do mesmo modo que uma jovem noiva que se revelou impura é reconduzida a sua casa logo a seguir à noite de núpcias...

Ele não queria de forma alguma acalentar esperanças prematuras, mas o que se passava era deveras inimaginável. Já se viam empregados a abandonar não só as mesas situadas no meio da sala, mas também as dispostas lá muito ao fundo. Levantavam-se pessoas que jamais haviam ousado bulir nos seus lugares, que dantes pareciam formar um só corpo com as suas secretárias, e que não só nunca tinham pensado em abeirar-se das janelas a fim de deitar uma olhadela curiosa lá para fora, como provavelmente nunca haviam reparado que a sala onde trabalhavam era provida de janelas.

MarkAlem sentiu-se devorado pela impaciência. Esperou, esperou, depois fez o que lhe teria parecido um gesto absurdo uma hora antes: atravessou a sala para se dirigir por seu turno a um dos altos vãos envidraçados.

O coração não lhe teria batido mais depressa se houvesse parado mesmo à beirinha de um precipício. Era de resto o que fazia lembrar o dia sombrio ao projectar-se por detrás dos vidros. Aqui e além, empregados de cotovelos firmados nos rebordos contemplavam o exterior.

— O que aconteceu? — disse ele num sussurro.

Alguém virou a cabeça, encarou-o por instantes com estupefacção e depois segredou: — Não vêes nada, ali em baixo, no

pátio?

MarkAlem volveu o olhar na direcção do ponto para onde o outro dirigira o dele. Pela primeira vez, descobriu que estas janelas davam para um dos pátios interiores do Palácio dos Sonhos. O pátio fervilhava de soldados. Lá de cima, davam a impressão de estar achatados, mas os seus capacetes lançavam estranhas coruscações.

— Soldados — admirou-se ele. O outro não respondeu.

— Mas porquê? — inquiriu MarkAlem ao cabo de um momento. Voltou a cabeça e apercebeu-se de que o outro desaparecera. Deixou cair o olhar sobre os homens armados que pareciam de chumbo. Com o espírito embotado, tornou a pensar confusamente nas carruagens ornadas da letra Q esculpida nas portinholas, nessas carruagens que lhe faziam lembrar, sem saber lá muito bem porquê, aves nocturnas. Por causa do seu espírito perturbado, quase acabava por achar normal concebê-las ora sob a sua aparência real de carruagens, ora como corujas a esvoaçar nas trevas.

— Que sucedeu? — indagou uma voz a seu lado, na breve trégua entre duas arfadas de asmático.

— Ali em baixo, no pátio, não está a ver? — respondeu-lhe MarkAlem. A respiração do outro parecia prestes a velar os vidros gelados.

MarkAlem ficou-se uns instantes como que ausente. Depois o frio que irradiava da janela fê-lo cair em si. A passo lento, regressou ao seu lugar. O colega do lado já voltara.

— Onde te meteste? — perguntou-lhe este. — Há uma data de tempo que estou à tua espera.

MarkAlem esboçou um gesto com a cabeça na direcção das janelas.

— Lerias, não se pode ficar a saber nada de tão alto. É preferível escutares-me, tenho notícias sensacionais: dizem que metade dos encarregados do Sonho-Mor foram engaiolados.

— Oh!

— E ainda não é tudo: fala-se de detenções iminentes entre o pessoal da Interpretação. A começar pelo chefe.

MarkAlem engoliu em seco.

— O pátio está a abarrotar de soldados — murmurou.

— Sim, mas eles não vieram só para isso. Julga-se mesmo que um certo número de dirigentes do Tabir vão ser presos.

— Meu Deus, como é possível?

— Os Quprili rispostaram. Era de prever.

— Ripostaram? — balbuciou MarkAlem. — Mas quem? De que modo? Contra quem?

— Mais devagar! Estás muito impaciente. Vou-te explicar tudo. Mas o melhor é aproximares-te um pouco, caso contrário, acabaremos como os outros... O Tabir Sarrail está todo em ebulição. Ontem à noite, ou antes, esta manhã muito cedo, aconteceu uma coisa estranhíssima...

«As carruagens semelhantes a aves nocturnas...» pensou MarkAlem. Acudiu-lhe à memória que até existia uma ave chamada grão-duque...

— Portanto, depois de terem acusado o golpe, os Quprili, ao que parece, não ficaram de braços cruzados. Agiram durante a noite, muito rapidamente, de uma maneira que nem eu, nem tu nem ninguém é capaz de adivinhar, pelo menos por enquanto. Tudo leva a crer ter sido de madrugada que eles conseguiram desferir a estocada. Porém, como te disse, tudo isto permanece envolto em mistério. Um confronto, uma troca de golpes tão terríveis quanto surdos, eis o que se deu nas profundezas, nos fundamentos do Estado. Nós não sentimos senão os abalos à superfície, como se fosse um tremor de terra com um hipocentro muito, mas mesmo muito profundo. Foi por conseguinte no decurso da noite que ocorreu este tremendo embate entre os dois grupos rivais, ou, se preferires, entre as forças que se contrabalançam no seio do Estado. A capital está toda em efervescência, mas ninguém sabe nada de preciso. De resto, até nós que nos encontramos aqui, onde este mistério tem as suas raízes, não sabemos mais que os outros.

MarkAlem esteve tentado a dizer que também ele tivera por duas vezes nas mãos aquele sonho maldito, mas uns breves instantes de reflexão bastaram para o persuadir de que iria assim cometer uma grande asneira.

— Ainda antes do nascer do sol — prosseguiu o colega numa voz monocórdia -, houve quem visse coches num vaivém entre as

embaixadas e o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Mas não é tudo. Os principais bancos do Império e as grandes minas de cobre também estão, segundo parece, implicadas no caso. Fala-se mesmo de desvalorização.

— Essa agora! — exclamou MarkAlem.

— É este o ponto da situação. Muito confusa e bastante diferente do que aparenta à superfície. Dir-se-ia que tudo jorra de poços sem fundo... E nós, como já te disse, que só temos acesso a um punhado de sonhos, a uns farrapos de nuvens...

Todo este dia no Palácio dos Sonhos foi marcado por uma profunda ansiedade. Ao princípio da tarde, o chefe da Interpretação, bem como um certo número de altos funcionários do Tabir Sarrail, foram de facto detidos. Esperavam-se outras detenções no decorrer da tarde. Mas anoiteceu sem que nada de novo acontecesse.

MarkAlem regressou a casa, mortinho por contar tudo à mãe. Descreveu-lhe em pormenor tudo o que soubera, algo espantado por não ler no olhar dela o júbilo que pensara aí fazer nascer.

Mandaram alguém a casa do Vizir na esperança de, à volta, receberem boas notícias de Kurt, mas o homem só trouxe como recado que nada sabiam dele.

Apesar de ter dormido muito pouco na noite anterior, MarkAlem não conseguiu pregar olho. A dada altura, teve a perfeita sensação de estar a amodorrar-se, mas um ruído longínquo fê-lo voltar imediatamente a si. Levantou-se, aproximou-se da janela, mas nada viu que pudesse informá-lo do que se passava. Em seguida distinguiu no horizonte uma ligeira escandecência e, acto contínuo, pensou: será o Palácio dos Sonhos que é pasto das chamas? Mas em breve percebeu que o foco do incêndio se situava numa direcção muito diferente. Ao tornar a deitar-se, agitou-se demoradamente na cama até conseguir pegar no sono. Acordou antes do romper do dia, levantou-se logo, barbeou-se cuidadosamente e aprestou-se, bastante mais cedo que de costume, a tomar o caminho do Tabir Sarrail.

# A APROXIMAÇÃO DA PRIMAVERA

Jamais se viria a saber o que acontecera realmente naquela noite. Ao longo dos dias, o nevoeiro que envolvera não só os pormenores, mas a própria natureza do acontecimento, longe de se dissipar, adensou-se cada vez mais.

No Palácio dos Sonhos, as detenções sucederam-se durante uma semana inteira. Os mais duramente atingidos foram os encarregados do Sonho-Mor. Os que escaparam à prisão foram apesar de tudo afastados desta secção e transferidos para a Selecção, para a Recepção e alguns até mesmo para o departamento dos simples copistas. Inversamente, empregados que trabalhavam nas secções da Selecção e da Interpretação receberam ordem para ir guarnecer as salas desertas da secção castigada. MarkAlem contou-se entre os primeiros a serem transferidos para lá. Dois dias mais tarde, numa altura em que ainda não se recompusera da emoção que tal mudança lhe causara, foi chamado à direcção (cujos serviços haviam sofrido uma razia na sequência das detenções), e o director em pessoa notificou-o da sua nomeação como chefe da secção do Sonho-Mor.

MarkAlem estava siderado. Um pulo destes na sua carreira era quase inconcebível. Não era difícil calcular que os Quprili procuravam tirar desforra.

No entanto, continuava-se sem notícias de Kurt. O Vizir andava sempre ocupado. MarkAlem não conseguia compreender por que carga de água ele não era capaz de tirar da prisão o seu próprio irmão, quando afinal havia sido suficientemente poderoso para abalar o Estado até aos mais fundos alicerces. «Mas talvez lá tenha as suas razões para não querer apressar-se» pensou de si para consigo. «Talvez entenda que tudo corre melhor assim...»

Também ele estava assoberbado de trabalho e não dispunha de tempo nenhum para se entregar a longas reflexões. A secção devia ser reorganizada de alto a baixo. As pastas não examinadas amontoavam-se sem descanso. E a sexta-feira, dia de envio do Sonho-Mor ao Soberano, não tardaria a chegar.

O seu humor ainda se ensombrara mais e ele ia-se tornando cada vez menos acessível. Apesar dos seus esforços para se manter igual a si mesmo, sentia que nos seus gestos, na sua fala e inclusive no seu modo de andar algo se transformava a pouco e pouco. Identificava-se cada vez mais com essa categoria de indivíduos pelos quais, desde sempre, nutria menos afeição: os altos funcionários.

De facto, à medida que os dias passavam, adquiria cada vez mais consciência da importância do seu novo cargo no Palácio dos Sonhos. Tinha agora à sua disposição um coche pintado de azul-celeste que o aguardava todos os dias lá fora, em frente do Palácio, e sentia que não só esta equipagem, mas a sua própria pessoa inspiravam respeito, silêncio e temor. Dava-lhe vontade de sorrir, pois achava impensável que ele mesmo, ainda não há muito tão angustiado pelo mistério e a pesada atmosfera que emanava dos órgãos do Estado, exalasse por seu turno igual mistério e igual apreensão. «Porém», dizia ele por vezes para consigo, «talvez tudo isto esteja inscrito na natureza das coisas. Era sem dúvida por lhes ter sido particularmente sensível, deixando acumular dentro de si tanto mistério e tanta angústia, que espalhava agora à sua roda o excesso deles».

Absorvido pelo seu trabalho, não notara que o Inverno começava a amenizar-se. Depois do massacre dos rapsodos, a Albânia vira-se a braços com uma insónia geral acentuada. A máquina do Palácio dos Sonhos, essa funcionava de vento em popa. Ele era agora um dos seus principais dirigentes e recebia todas as manhãs o relatório especial, ultra-secreto, do dia. A curva do sono dos povos inflectia-se ao sabor dos acontecimentos sobrevividos no respectivo território, e tinha sido pedido um relatório especial sobre a insónia que afectava a Albânia. O hortaliçeiro ambulante que enviara o sonho fatal era mantido no segredo há já vários dias. Procuravam arrancar-lhe os esclarecimentos necessários, e o auto da suas deposições já enchera

quatrocentas páginas. No conjunto, esperava-se um período de sono agitado, com uma subida em flecha da taxa de delírios. Nos seus momentos de fadiga, MarkAlem apanhara o hábito de esfregar demoradamente os olhos, como se procurasse dissipar o véu que a leitura aí depunha.

Uma noite, ao voltar a casa como de costume, encontrou Loke branca como a cal da parede. Sentiu logo o antigo vazio familiar da angústia, algo esquecido desde há várias semanas, reconstituir-se na boca do seu estômago.

— Que sucedeu? — perguntou-lhe ele baixinho. — É por causa do Kurt? Loke confirmou com um aceno de cabeça.

— Não o libertam? — murmurou ele. — A quantos anos de prisão o condenaram?

Os olhos de Loke, que pareciam prestes a diluir-se na humidade que os banhava, mantinham o seu ar lamentoso.

— Perguntei-te a quantos anos de prisão o condenaram — repetiu MarkAlem, mas ela nem mesmo assim lhe respondeu.

Limitava-se a fixá-lo com o mesmo olhar aterrado. Ele agarrou-a pelos ombros, sacudiu-a violentamente e depois, adivinhando aos poucos o que acontecera, desatou ele próprio a soluçar. Kurt tinha sido condenado à morte e decapitado. Acabava de receber a notícia.

MarkAlem subiu ao seu quarto e fechou-se lá dentro, enquanto a mãe chorava sozinha no dela. «Como era possível?» não cessava ele de se interrogar. Como se explicava que, na própria altura em que a sua libertação parecia uma simples questão de dias, o tivessem condenado à morte e ainda por cima executado sem demora?

Apertava as têmporas com ambas as mãos. Queria então dizer que a riposta dos Quprili, a sua reconquista do poder, a vertiginosa carreira dele não passavam de ilusões, de uma pérfida provação que prenunciava um novo golpe? Doravante, porém, tudo lhe era indiferente. Sim, eles que atacassem, e até mesmo o mais cedo, o mais cruelmente possível, para esta história acabar definitivamente.

No dia seguinte de manhã, com a tez enlivedecida, dirigiu-se ao Tabir Sarrail persuadido de que iam participar-lhe a sua destituição, o seu regresso às antigas funções na Interpretação, ou mesmo na Selecção. Mas os subordinados acolheram-no com o mesmo respeito

que lhe testemunhavam desde a sua recente promoção, e a própria palidez das suas feições parecia torná-los ainda mais atenciosos. No momento em que lhe submeteram diversos papéis, procurou descortinar nos olhos e nas palavras deles o indício de qualquer troça. Ao certificar-se de que ninguém dava mostras de tal coisa, recuperou a serenidade. Mas este sentimento foi de curta duração. A ideia de que, mesmo que a decisão já houvesse sido tomada, os seus subordinados podiam não ter sido avisados dela com tamanha rapidez, despertou a sua angústia. Encontrou um pretexto para ir falar com o director-geral e, quando lhe disseram que este adoecera e não pudera vir trabalhar nesse dia, quase teve a impressão de que tudo se ordenava a preceito na farsa que lhe estavam a impingir.

A sua angústia durou vários dias, até certa manhã em que, muito cedo (notara que tudo lhe acontecia quando menos esperava), o director-geral o mandou chamar ao seu gabinete. «Já não é sem tempo!» pensou ele ao levantar-se. Curiosamente, não experimentava a mínima parcela de emoção. Sentia-se mergulhado numa espécie de surdez que só o ruído dos seus próprios passos vinha perturbar enquanto ele palmilhava o corredor. Ao apresentar-se ao director, impressionou-o a expressão de extrema gravidade do seu rosto. Naturalmente, conjecturou ele, esta gravidade é de bom tom quando se trata da destituição de um Quprili. Na sua família, as destituições, tal como as promoções, vinham sempre impregnadas de solenidade. O director estava a falar-lhe, mas ele não o ouvia. Afinal de contas, o que este homem tinha para lhe dizer não lhe interessava. Apetecia-lhe sair o mais depressa possível daquele gabinete, tomar o caminho da secção onde iam colocá-lo, a Selecção, ou mesmo o departamento dos copistas, ocupar um lugar apagado no meio de centenas de empregados anónimos. A dada altura, sentiu-se tentado a interromper o director: por que é que não vai direito ao assunto, por que é que está com rodeios? Estes longos preâmbulos eram inúteis. Mas, aparentemente, o director tinha gosto em brincar com ele do mesmo modo que o gato com o rato. Quem sabe, talvez não lhe desagrade desembaraçar-se deste rebento dos Quprili... Até talvez haja pensado que corria o risco de eu lhe abarbar o cargo... Aliás, um dia, não se coibira de fazer

alusão a isto. A testa de MarkAlem enrugou-se. Como se atreve ele a usar de uma tão grosseira ironia comigo? Passava das marcas! MarkAlem não acreditava no que ouvia: o director dava-lhe os parabéns! Pensou: «Tens a faca e o queijo na mão, podes gozar comigo à vontade!» e, logo a seguir, disse consigo mesmo: «Ainda enlouqueço...»

-MarkAlem, não se sente bem? — perguntou amavelmente o director.

— Sou todo ouvidos, senhor — replicou ele friamente.

Agora, era a vez do director de o fitar com espanto. Sorriu-lhe timidamente.

— Confesso-lhe que não esperava vê-lo acolher a minha comunicação dessa maneira...

— Qual maneira? — volveu MarkAlem num tom igualmente seco. O director abriu os braços.

— Em boa verdade, cada um tem o direito de receber notificações destas como lhe apraz; com muito mais razão tratando-se de si, que é descendente da ilustre família de primeiros-ministros...

— Fico-lhe muito grato se for mais breve — disse MarkAlem sentindo a testa alagada em suor frio.

O director mirava-o com os olhos esbugalhados.

— Creio, no entanto, que fui o mais claro possível — largou ele em voz baixa. — Para ser franco, ainda não consigo perceber como pude ser levado a chamar alguém ao meu gabinete a fim de lhe participar...

MarkAlem tinha zumbidos nos ouvidos. O que lhe diziam era verdadeiramente inacreditável. De um modo avulso, com dificuldade, as palavras do interlocutor abriam caminho até ao seu entendimento. Os termos nomeação, destituição, substituição do director, cargo de director tinham sido de facto pronunciadas, mas num sentido completamente diferente do que ele a princípio julgara. Havia já um bom quarto de hora que o director-geral do Tabir Sarrail lhe explicava que ele, MarkAlem, conservando embora o seu cargo de chefe do Sonho-Mor, era igualmente nomeado, por ordem directa de cima, primeiro director-adjunto do Palácio dos Sonhos, por

consequente adjunto dele, director-geral, que, por razões de saúde que MarkAlem não ignorava, estaria frequentemente ausente.

O director-geral, ao mesmo tempo que repetia lentamente o que já dissera, com ar de se esforçar por compreender em que é que esta notificação justificava um acolhimento tão reservado, continuava a encará-lo com a mesma estupefacção, que no entanto se associava agora a uma sombra de suspeita.

MarkAlem esfregou os olhos e, sem baixar a mão, disse-lhe a meia voz: — Peco-lhe o favor de me desculpar, mas a verdade é que hoje não me sinto bem. Perdoe-me.

— Ora, ora, não se aflija — retorquiu o director. — Pode crer que me apercebi disso assim que entrou aqui. Tem de cuidar um pouco mais de si, sobretudo agora que vai ficar sobrecarregado de trabalho. Olhe, eu também me mostrei desleixado nesse aspeto estou presentemente a pagar o meu erro. Mais uma vez, os meus parabéns! Com toda a sinceridade! Boa sorte!

Nos dias seguintes, sempre que se recordava desta conversa a sós com o director, MarkAlem sentia um sofrimento quase físico. Ainda por cima, estava assoberbado de trabalho. O director-geral faltava quase sempre por razões de saúde e ele tinha de o substituir dias a fio. Devorado pelas suas ocupações, tornara-se ainda mais sorumbático. O gigantesco mecanismo que na prática lhe cabia dirigir funcionava dia e noite. Só agora é que se apercebia das verdadeiras dimensões do Tabir Sarrail. Altos funcionários do Estado entravam timidamente no seu gabinete. O próprio vice-ministro do Interior, que vinha vê-lo com frequência, tinha a preocupação de nunca o interromper quando falava. Nos olhos dele, tal como nos outros altos funcionários, por detrás do seu sorriso cortês, luzia uma espécie de ponto fixo donde emanava incessantemente a mesma pergunta: há algum sonho ao meu respeito? Por mais poderosos e cumulados de honrarias que fossem, ocupando altos cargos e beneficiando de influentes apoios, nunca era suficiente. O importante não era apenas o que eles representavam na vida, nada disso! O que importava, pelo menos tanto, era o seu papel nos sonhos de outrem, as misteriosas carruagens a bordo das quais eles

rodavam, os emblemas ou os sinais cabalísticos de que estas se ornavam...

Todas as manhãs, ao receber o relatório diário, MarkAlem tinha o sentimento de segurar de algum modo nas suas mãos a noite ainda há pouco terminada de milhões e milhões de indivíduos. Ora, quem reinava sobre as zonas obscuras da vida dos homens dispunha sem contestação de um imenso poder. De semana para semana, MarkAlem ia adquirindo cada vez mais consciência disto.

Certo dia, movido por um impulso repentino, levantou-se da sua mesa de trabalho e, em passos lentos, desceu aos Arquivos. Encontrou lá o mesmo odor pesado a carvão consumido que já uma vez lhe chegara ao nariz. Os funcionários, apagados, quedavam-se como sombras diante dele, prontos a servi-lo. Pediu a pasta dos Sonhos-Mores dos últimos meses. Quando lha trouxeram, ordenou ao pessoal que o deixassem trabalhar sossegado e pôs-se a folheá-la devagar. À medida que ia virando as páginas, os seus dedos traduziam uma crescente perturbação. Os batimentos do seu coração tinham afrouxado ao máximo. No alto das páginas, à direita, estavam indicadas as datas e determinadas referências. Última sexta-feira de Dezembro. Primeira sexta-feira de Janeiro. Sexta-feira de Janeiro. E eis finalmente o sonho que ele buscava, o Sonho-Mor fatal que conduziria o tio à sepultura e que o guindara a ele à direcção do Tabir. Leu-o a custo, como se tivesse os olhos tapados por uma venda branca que só deixava filtrar finos fiapos de luz. Era realmente o tal sonho do vendedor de legumes da capital em que ele pegara por duas vezes, acompanhado da interpretação aproximativa que já conhecia: a ponte, da palavra Qupri — Quprili; o instrumento de música — a gesta albanesa; o touro de pêlo ruço que, excitado por estes sons, investiria contra o Estado. «Meu Deus!» suspirou ele. Tudo isto estava anteriormente inscrito no seu espírito e, no entanto, ao vê-lo deitado preto no branco, estremeceu da cabeça aos pés. Tornou a fechar a pasta e afastou-se vagarosamente.

Desde a sua nomeação para a chefia do Tabir Sarrail, tomara conhecimento de uma quantidade de segredos assustadores, mas,

até ao momento, não lograra elucidar o enigma daquela noite, o golpe desferido nos Quprili, seguido da riposta destes.

O interrogatório do hortaliçeiro ambulante continuava na cela dele. O auto das suas deposições enchia agora mais de oitocentas páginas e ainda parecia faltar muito para lhe pôr ponto final. Um dia, MarkAlem mandou que lhe trouxessem esta peça e consagrou várias horas a estudá-la. Era a primeira vez que se lhe deparava uma tal pasta. Continha centenas de páginas repletas dos mínimos pormenores da vida quotidiana do vendedor. Tudo ou quase ali era mencionado: as espécies de legumes e de frutos em que negociava, couves e couves-flores, pimentos, saladas, as horas da entrega, a descarga, a frescura de cada mercadoria, as discussões a respeito delas com os fornecedores, as flutuações de preço, os clientes, as suas conversas, as preocupações familiares que aí se exprimiam, as dificuldades económicas, as doenças escondidas, os conflitos, as crises, as alianças, uma data de bisbilhotices captadas por alto, frases de borrachões ao anoitecer, as de varredores, de basbaques, palavras de transeuntes anónimos que haviam ficado sabe-se lá porquê gravadas na consciência e, de novo, o estendal dos legumes, o seu sabor no começo e em fim de época, a sua molhagem para lhes conservar um simulacro de frescura, a bruteza dos camponeses que os entregavam, os regateios sobre os preços, os refugos, as gotas de orvalho nas alfaces que aumentavam assim de peso, os caprichos das donas de casa, as bulhas, os falatórios, tudo isto interminavelmente retomado e repisado a ponto de dar a impressão de nunca mais ir acabar.

Ao fechar a espessa pasta, MarkAlem sentiu-se como que saído de uma imensa pradaria húmida de orvalho que ninguém imaginaria poder dissimular uma víbora. Apesar do cansaço que lhe causara a leitura do auto, experimentava uma sensação de frescura e, esquisitamente, uma certa piedade por este vendedor que, o mais certo, era não fazer nem uma pequena ideia do que o seu sonho engendrara. Porém, antes mesmo de passar à explicação do sonho, à qual seriam sem dúvida consagradas centenas de outras páginas do auto, punha-se a questão de saber se o homem tivera de facto este sonho. Mas, no fundo, já não tinha a mínima importância:

acontecera o que devia acontecer e, doravante, de uma ou de outra maneira, já não era possível voltar atrás.

Nos dias seguintes, MarkAlem não tornou a pensar no vendedor de legumes. Aproximava-se a nova temporada. Esta anunciava-se cheia de tensões para o Palácio dos Sonhos, e ele não poderia perder tempo com futilidades. Todos os relatórios que lhe chegavam estavam recheados de problemas para resolver. A insónia da Albânia prolongava-se, revestindo-se de uma amplidão sem precedentes. É verdade que não incumbia ao Palácio dos Sonhos restabelecer lá a calma, mas, enquanto a situação permanecesse tensa, cabia-lhe mostrar-se extremamente atento à preparação das pastas relativas a esse sono que diminuía sem descanso. Para cúmulo, o director do Banco Imperial, durante uma longa entrevista que haviam tido uns dias antes, falara-lhe da eventualidade de uma desvalorização da moeda, provável consequência da grave crise económica que o Império atravessava. Competia por conseguinte ao Palácio dos Sonhos, depois de ter tomado nota deste estado das coisas, redobrar a atenção a propósito dos sonhos sobre este tema que, graças à sua breve experiência na Selecção e em seguida na Interpretação, MarkAlem não ignorava estarem acumulados às centenas nas pastas. Outros importantes órgãos do Estado solicitavam indirectamente a sua vigilância sobre a agitação reinante nos meios intelectuais judeus e arménios (Meu Deus! Exigiam porventura algum novo massacre?), sobre uma certa distensão dos laços dos grandes paxalatos com a metrópole; talvez pela centésima vez, reiteravam as suas advertências contra o relaxamento dos sentimentos religiosos entre a jovem geração, advertências que toda a gente sabia emanarem do Xeque-ul-Islam.

Absorvido por todas estas preocupações, MarkAlem não reparava na aproximação da Primavera. O tempo aquecera ligeiramente, as cegonhas migradoras estavam de volta, mas ele ainda não se apercebera de nada.

Uma tarde, à mesma hora e quase no mesmo sítio do corredor que outrora, avistou pessoas que tiravam silenciosamente um caixão de uma das celas. O hortaliçeiro ambulante, pensou ele sem se voltar para o grupo a fim de se certificar ou mesmo ver mais alguma

coisa. Pouco depois, quando seguia a bordo da sua carruagem, sacudido pelos solavancos, esta visão acudiu-lhe de novo ao espírito, mas não tardou a enxotá-la. Por detrás dos vidros, ao brilho purpurino do sol declinante, apareciam-lhe as primeiras vergôntes de erva nos parques de árvores ainda despojadas.

Lá em casa, encontrou o tio mais velho, o governador, acompanhado da mulher e de alguns primos chegados. Não voltara à capital desde a execução de Kurt. Falavam uns com os outros dos seus esponsais. Os olhos da mãe estavam húmidos, como se a Primavera tivesse conseguido penetrar até mesmo nela. De espírito ausente, ele escutava a conversa sem dizer nada. Com uma certa surpresa, como se acabasse de ter esta revelação, disse consigo que já fizera vinte e oito anos. Desde o seu ingresso no Palácio dos Sonhos, onde o tempo passava segundo outras leis, quase nunca mais se lembrara da sua idade.

Encorajados pelo seu silêncio, puseram-se todos a falar com mais afoiteza da donzela que lhe destinavam. Dezanove anos, loura, como ele gostava... Abordavam este assunto com muitas precauções, como se as suas mãos segurassem uma taça de cristal. Ele não disse sim nem não. Nos dias seguintes, talvez para não comprometerem o êxito que julgavam ter alcançado, abstiveram-se de tornar a falar-lhe nisto.

Para além dos dois jantares que a mãe ofereceu em honra do irmão mais velho, a semana decorreu lá em casa sem novidade. O escultor encarregado de ornamentar os túmulos da família veio apresentar-lhes os modelos de caracteres da inscrição funerária e os enfeites de bronze que iriam decorar a sepultura de Kurt.

Na semana seguinte, MarkAlem regressou bastante tarde todas as noites. Andava sobrecarregado de trabalho. O Soberano pedira um extenso relatório sobre o sono e os sonhos à escala de todo o Império. Os horários de trabalho tinham sido alongados em todas as secções do Tabir Sarrail. O director-geral ainda estava doente e cabia a MarkAlem redigir em pessoa o texto definitivo do relatório.

Sentado à sua secretária, sentia de vez em quando a cabeça pesada e acontecia-lhe olhar com espanto para as folhas já enegrecidas, pousadas à sua frente, como se o não houvessem sido

pela sua própria mão. Estava ali lavrado, lúgubre, o sono de um dos mais vastos impérios do mundo: mais de quarenta nacionalidades, quase todas as confissões religiosas e todas as raças. Mesmo que este relatório abarcasse o universo inteiro, o sono do resto da humanidade não lhe acrescentaria grande coisa. Podia assim dizer-se que se achava ali o sono do planeta inteiro, assustadoras e infinitas trevas, um abismo sem fundo onde Mark Alem procurava colher uns fragmentos de verdade. Nem mesmo Hipno, a divindade grega do sono, fora certamente mais instruído que ele no capítulo dos sonhos.

Uma tarde, tirou da sua estante a Chronique da família. A última vez que lhe deitara uma olhadela datava dessa fria manhã em que ainda mal acabado de nomear, tomara o caminho do Palácio cuja direcção assumia agora. Por muito que os seus dedos deslizassem pela páginas, não havia meio de compreender o que ali buscava. Depois apercebeu-se de que não procurava nada, de que só tinha pressa de uma coisa: chegar ao fim, ao sítio onde as páginas se tornavam brancas... Era a primeira vez que lhe ocorria a ideia de acrescentar algo a esta crónica secular. Ficou uns largos momentos imóvel, de olhos fito no registo. Tinham sobrevivido eventos relevantes. A guerra contra a Rússia terminara recentemente. A Grécia separara-se do Império, o resto dos Balcãs estava em efervescência. Por seu lado, a Albânia.. Semelhante a uma fria e longínqua constelação, ela nublava-se, cada vez mais distante dele, a ponto de o levar a perguntar a si mesmo si tinha ao menos consciência do que ela encerrava... Permaneceu assim uns momentos, dubitativo, enquanto a caneta lhe ia pesando na mão até que, já baixada, ela pousou no papel e, em vez da palavra Albânia inscreveu: Lá longe. Ele contemplou esta locução que substituíra (nome da sua pátria e sentiu subitamente o peso que a sua consciência, acto contínuo, qualificou de tristeza qupriliana, expressão que não existia em nenhuma outra língua do mundo mas que mereceria se introduzida em todas.

Lá longe, agora, deve ter nevado... Nada mais acrescentou; de um movimento brusco, limitou-se a erguer a caneta, como se receasse que ela ficasse ali inerte, acometida de algum feitiço. Teve de vencer a sua perturbação para relatar em seguida muito

sucintamente, num estilo parecido com o da crónica, a condenação de Kurt Quprili e a sua pró pria nomeação para a chefia do Palácio dos Sonhos. Depois a caneta quedou-se de novo imóvel entre os seus dedos e ele pensou nesse remoto avoengo chamado Gjon que, vários séculos antes, num dia de Inverno, trabalhava na construção de uma ponte e, com esta mesma ponte, erigira o seu nome. Neste patronímico, como uma mensagem secreta, estava predito o destino que os Quprili conheceriam de geração em geração. Para que a ponte se aguentasse, havia sido sacrificado um homem a seus pés. Por mais tempo que tivesse passado desde então, os vestígios do sangue derramado ainda persistiam no presente. Para que os Quprili se agentassem...

Talvez fosse precisamente por tal razão — tal como os Gregos antigos participantes num cortejo fúnebre cortavam o cabelo a fim de que a alma do defunto, em caso de repentina ira, os não reconhecesse nem lhes causasse dano -, que os Quprili tinham mudado o seu nome para Kõprulii, a fim de evitarem ser identificados com a ponte.

Ele próprio não o ignorava, ainda que, como naquele serão fatal, lhe acontecesse sentir o ardente desejo de despir esta máscara protectora, esta meia concha islâmica de Alem, para adoptar um desses nomes de outrora que atraíam o perigo e eram marcados pela fatalidade.

E, tal como então, repetiu para si mesmo: Mark-Gjergj Ura, Mark-Gjorg Ura..., sempre de caneta em punho, como que hesitando em apor a sua assinatura no fim da velha crónica...

Numa tardinha de Março, concluiu finalmente o relatório. Entregou-o no serviço dos copistas para que o transcrevessem. Em seguida, relativamente aliviado, foi à procura da sua carruagem para regressar a casa. Tinha o costume de se acaçapar no fundo do assento, à sombra, onde o olhar dos curiosos que enchiam frequentemente as ruas não podia alcançá-lo. Assim fez nesse dia. Porém, depois de ter percorrido uma parte do trajecto, sentiu-se estranhamente atraído pela portinhola. Algo, ali, por detrás da janela, o chamava com insistência. Renunciando ao seu hábito, acabou por aproximar a cabeça e, através da fina camada de vapor

que a sua respiração depôs no vidro, reparou que o coche seguia ao longo do Parque central. «As amendoeiras estão em flor» murmurou cheio de emoção. Esteve tentado a encolher-se prontamente lá muito no fundo da carruagem, como sempre fizera todas as vezes que alguma coisa o atraía do lado de fora, mas foi incapaz de bulir. Sabia muito bem que ali por trás, a dois passos, havia o desabrochamento da vida, as nuvens agora cálidas, as cegonhas e o amor, tudo o que ele fingira ignorar com receio de ser arrancado ao ascendente do Palácio dos Sonhos. Tinha a noção de que ao alapar-se ali, o mais fundo possível, o fazia justamente para se proteger, e que no momento em que, cedendo ao chamamento da vida, abandonasse este refúgio, por conseguinte no momento da traição, o encantamento se desvaneceria e justamente então, numa tardinha como aquela, quando o vento já não soprasse de feição para os Quprili, o viram buscar, tal como haviam feito a Kurt, talvez com mais deferência, a fim de o conduzirem ao sítio donde nunca mais se volta. Apesar de todos estes pensamentos que lhe acudiam ao espírito, não arredou o rosto do vidro. «Não me importava nada de encomendar desde já ao gravador um ramo de amendoeira em flor para o meu túmulo» pensou ele. Com a palma da mão, varreu o vapor do vidro, mas a visão que se lhe oferecia nem por isso se tornou mais nítida: as imagens refractavam-se, irisavam-se. Apercebeu-se então de que os seus olhos estavam marejados de lágrimas.

Tirana, 1981

# **SOBRE O AUTOR**

ISMAIL KADARÉ nasceu em 1936, em Gjirokastêr, Albânia. A partir de 1960 exerce actividade jornalística e publica os seus primeiros poemas. Entre 1970 e 1982 foi deputado à Assembleia Popular de Tirana. Desde Outubro de 1990 vive exilado em França. De entre as suas obras mais importantes destacam-se os romances: O General do Exército Morto (1970), Os Tambores da Chuva (1972), Crónica da Cidade de Pedra (1973), O Concerto (1989), O Dossier H. (1989), O Palácio dos Sonhos (1990), A Pirâmide (1992):